

"Uma história excelente que todo jovem com acesso à internet deveria ler."

– *Children's Literature*

Christina Kilbourne

QUERIDO DIÁRIO



Companhia
Editora Nacional

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

"Uma história excelente que todo jovem com acesso à internet deveria ler."

– *Children's Literature*

Christina Kilbourne

QUERIDO DIÁRIO



Companhia
Editora Nacional

"Uma história excelente que todo jovem com acesso à internet deveria ler."

– *Children's Literature*

Christina Kilbourne

QUERIDO DIÁRIO



Companhia
Editora Nacional

QUERIDO

DIÁRIO

QUERIDO

DIÁRIO

Escrito por Christina Kilbourne Traduzido por Antonio Vilela

© 2007, Christina Kilbourne © 2013, Companhia Editora Nacional
Diretor Superintendente: Jorge Yunes **Diretora Editorial Adjunta:**
Silvia Tocci Masini **Editores:** Marcelo Yamashita Salles, Rodrigo
Mendes de Almeida **Editor-assistente:** Thiago Mlaker **Produtora**
Editorial: Solange Reis **Coordenação de Arte:** Márcia Matos CIP-
BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Kilbourne, Christina, 1967-Querido diário... / Christina Kilbourne ;
tradução Antonio Vilela. - São Paulo : Companhia Editora Nacional,
2013.

Tradução de: Dear Jo: the story of losing Leah and searching for hope
ISBN 978-85-04-01835-6

1. Literatura infantojuvenil canadense. I. Vilela, Antonio, 1966-. II.
Título.

13-0600. CDD: 028.5

CDU: 087.5

1a edição - São Paulo - 2013

Todos os direitos reservados.

Av. Alexandre Mackenzie, 619 – Jaguaré São Paulo – SP – 05322-000
– Brasil – Tel.: (11) 2799-3940

www.editoranacional.com.br editoras@editoranacional.com.br

Agradecimentos

Agradeço especialmente a Callie Norwich e suas amigas na Escola Pública Park Avenue, que me ajudaram a compreender os jovens de doze anos quando comecei a pensar neste livro.

Agradeço também aos organizadores da Muskoka Novel Marathon, onde Maxine ganhou vida pela primeira vez.

Obrigada a Sam Hiyate, Jonathon Cliff, Samantha Shepperd, Mel Malton, Lisa Palmer e Robert Morgan pelo papel que desempenharam em fazer este projeto decolar, e especialmente a Meghan Nolan por seu olhar agudo e suas sugestões perspicazes. Finalmente, obrigada a Isabella, Leo e Finn por serem modelos perfeitos para os personagens deste livro.

Christinna Kilbourne Em memória de Holly Jones **SUMÁRIO**

Capa

[Página de Título](#)

[Direitos Autorais](#)

[Agradecimentos](#)

Dedicação

10 DE NOVENBRO

11 DE NOVENBRO

12 DE NOVENBRO

13 DE NOVENBRO

15 DE NOVENBRO

16 DE NOVENBRO

18 DE NOVENBRO

20 DE NOVENBRO

21 DE NOVENBRO

24 DE NOVENBRO

25 DE NOVENBRO

26 DE NOVENBRO

27 DE NOVENBRO

28 DE NOVENBRO

30 DE NOVENBRO

10 DE DEZEMBRO

2 DE DEZEMBRO

3 DE DEZEMBRO

4 DE DEZEMBRO

6 DE DEZEMBRO

7 DE DEZEMBRO

8 DE DEZEMBRO

10 DE DEZEMBRO

12 DE DEZEMBRO

14 DE DEZEMBRO

16 DE DEZEMBRO

17 DE DEZEMBRO

18 DE DEZEMBRO

19 DE DEZEMBRO

20 DE DEZEMBRO

21 DE DEZEMBRO

22 DE DEZEMBRO

23 DE DEZEMBRO

24 DE DEZEMBRO

25 DE DEZEMBRO

28 DE DEZEMBRO

29 DE DEZEMBRO

10 DE JANEIRO

5 DE JANEIRO

6 DE JANEIRO

7 DE JANEIRO

8 DE JANEIRO

9 DE JANEIRO

10 DE JANEIRO

12 DE JANEIRO

15 DE JANEIRO

17 DE JANEIRO

19 DE JANEIRO

20 DE JANEIRO

21 DE JANEIRO

22 DE JANEIRO

23 DE JANEIRO

24 DE JANEIRO

26 DE JANEIRO

28 DE JANEIRO

30 DE JANEIRO

4 DE FEVEREIRO

5 DE FEVEREIRO

6 DE FEVEREIRO

7 DE FEVEREIRO

9 DE FEVEREIRO

10 DE FEVEREIRO

11 DE FEVEREIRO

15 DE FEVEREIRO

16 DE FEVEREIRO

18 DE FEVEREIRO

23 DE FEVEREIRO

24 DE FEVEREIRO

25 DE FEVEREIRO

26 DE FEVEREIRO

27 DE FEVEREIRO

28 DE FEVEREIRO

10 DE MARÇO

5 DE MARÇO

6 DE MARÇO

19 DE MARÇO

22 DE MARÇO

23 DE MARÇO

24 DE MARÇO

25 DE MARÇO

12 DE ABRIL

13 DE ABRIL

15 DE ABRIL

10 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Tudo está escuro, tão escuro que não consigo enxergar o outro lado. Quando isso começou a me sufocar, ensi que ficaria bem, que deixaria esse sentimento se aproximar um pouco, e então o enfrentaria quando tivesse energia. A coisa é: não percebi que ele era mais forte que eu, e agora estou com medo de que eu não consiga vencer...

11 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Feliz Dia da Memória. Exatamente o que eu precisava para me animar: um dia para me lembrar de um monte de gente morta.

12 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Agora, estou me sentindo totalmente acabada e essa não é uma sensação boa.

Sabe em que eu tenho pensado recentemente? Na prima da Tally Hanen, Chloe. Tally foi sequestrada de seu próprio quintal, onde estava brincando com Chloe. As duas tinham cinco anos na época. Quando um homem agarrou Tally e começou a arrastá-la, ela gritou para Chloe chamar sua mãe, que tinha entrado em casa para pegar picolés. Mas o homem enfiou Tally em seu carro e foi embora antes que a mãe dela voltasse. A polícia entrou no caso em minutos e emitiu um alerta geral. Uma pessoa encontrou o corpo de Tally naquele mesmo dia.

Sei de tudo isso porque outra noite assisti a um documentário sobre o caso.

Minha mãe teria surtado se me pegasse vendo isso, mas eu não consegui mudar de canal depois que comecei a assistir. De qualquer modo, não conseguia dormir... Agora estou tendo pesadelos de novo, mas não sobre Tally. Não consigo parar de pensar em Chloe. Quero dizer, acabou para Tally, ela não está mais nesse filme de horror. Mas Chloe vai passar o resto da vida pensando que, se estivesse mais perto da cerca, teria sido ela a sequestrada. É assim que me sinto no momento.

13 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Passa da meia-noite e todo mundo já dormiu, a não ser eu – como de costume. Molly está roncando do outro lado do quarto enquanto eu, debaixo das cobertas com uma lanterna, ouço Simple Plan com fones de ouvido para não acordá-la. Você já prestou atenção à letra de " *Welcome to My Life* " ? Juro que eles escreveram essa música para mim. Acho que depois vou ouvir Avril Lavigne, se continuar acordada.

É difícil escrever escondida debaixo das cobertas, mas não tenho escolha.

A mamãe tem acordado ao menor ruído. Então, se eu for a qualquer lugar, até mesmo ao banheiro, vou ter que explicar para ela o que estou fazendo de pé.

Acho que ela tem medo que eu faça alguma besteira para me machucar.

Admito que às vezes até penso nisso, mas não hoje. Esta noite estou muito triste, não triste-com-raiva, que é mais perigoso. Só triste. Não consigo dormir e não tenho nada para ler, então acho que vou escrever um pouco para você. Talvez isso me ajude a dormir – sem querer ofender.

Na real eu ganhei você da tia Laurie, muitos meses atrás, em março, no meu aniversário de doze anos. Ela pensou que eu gostaria de registrar minhas ideias e lembranças para, como escreveu no cartão, preservar como é esta idade para que possa me lembrar, quando for adulta e tiver meus próprios filhos. Bem, não sei se algum dia vou ter meus próprios filhos ou se vou querer me lembrar desta idade, mas talvez você possa me ajudar.

Quero dizer, vale a pena tentar. Ninguém conseguiu fazer muita coisa até aqui. Meus pais já me deram gazilhões de sermões, professores me puxaram de lado, depois da aula, para que eu abrisse meu coração, conversei com a orientadora da escola e até estou vendo uma terapeuta. Isso mesmo, estou indo a uma psiquiatra, uma médica de loucos. Estou indo lá desde o verão, porque minha mãe disse que eu não era mais eu mesma. Eu não estava comendo nem saindo e ela ficou preocupada com algumas coisas que eu dizia, tipo “queria estar morta, porque acabaram minhas lágrimas e não consigo mais nem me aliviar chorando”.

Todo mundo acha que estou maluca – até eu mesma, às vezes.

15 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Não sei bem o que devo escrever. Quero dizer, de que adianta lhe contar tudo se você não pode responder? Ou, sério, como você é só uma coisa, por que me abrir com você? Mas prometi para a terapeuta que tentaria explorar alguns de meus pensamentos e minhas ideias para não manter tudo sufocado. Estou tentando. Vou escrever em você durante um tempo, como a terapeuta sugeriu, e então vou queimá-lo na lareira.

Acho que devo falar um pouco de mim mesma, para começar. Meu nome é Maxine Marie Lemay, pode acreditar. Fala sério – quem dá o nome de Maxine para uma filha? Só doidos como meus pais. Minha mãe sempre ri quando reclamo do meu nome e diz “foram os hormônios; estavam à toda e, na época, pareceu uma boa ideia”.

Minhas amigas me chamam de Max, o que não seria tão ruim se as pessoas não chamassem seus animais de estimação de Max. Eu juro que conheço uns cem gatos e cachorros chamados Max, e até um cavalo. Odeio ir ao parque porque as pessoas estão sempre gritando “Max!”, e eu viro a cabeça para responder, mas é alguém dando bronca em um labrador que está fazendo cocô onde não deve.

Eu tenho 1,52 de altura e peso 43 quilos, então sou meio magrela. Meu cabelo é castanho claro, comprido, sem franja. Eu uso bastante rabo-de-cavalo. Tenho algumas sardas, que pelo menos são claras.

Eu uso óculos e odeio quando as pessoas falam deles, embora os use desde os três anos de idade. Eles não são do tipo fundo de garrafa, mas ainda assim preferia não ter que usá-los. Às vezes, uso lentes de contato, mas minha mãe, que é a coisa mais chata do mundo, só me deixa usá-las em ocasiões especiais. Eu tentei usá-las o tempo todo no último inverno, mas perdi muitas lentes no ralo da pia. Então agora uso mais os óculos, que Leah costumava dizer que me fazem parecer sofisticada.

A Leah é, tecnicamente, minha melhor amiga. Embora esteja desaparecida há quase seis meses, ainda penso nela assim. Nunca dizemos para as outras meninas que somos melhores amigas, porque não queremos que elas se sintam em condição inferior, mas eu e Leah somos almas gêmeas ou algo assim. Ela é a mais divertida das minhas amigas, é quem tem as ideias mais malucas sobre o que devemos fazer, tipo escapar até o lago para nadarmos nuas no escuro ou espiar

os meninos do ensino médio no treino de atletismo.

O único problema da Leah é que ela tem que ser a melhor em tudo. Tem que ser a mais rápida, a mais inteligente, corajosa, fofa. Acho que é por ser filha única e estar acostumada a ter tudo só para ela.

Quando penso na Leah, sinto uma dor forte por tudo e quero sair do meu corpo, só para a dor parar. Todo mundo me diz que preciso esquecer isso, mas não consigo parar de pensar nela, nem por um minuto, nem se quisesse.

Ela está sempre comigo. Quando tento fazer outra coisa, ela fica no canto da minha vista e está sempre nos meus sonhos; o mesmo sonho assustador que se repete sem parar. É por isso que tenho medo de dormir à noite.

16 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Eu sei que deveria escrever mais sobre a Leah, mas não tenho energia para isso hoje, então vou falar sobre mim. Tenho uma irmã e um irmão mais novos, e os dois são um pé no saco – o que não posso falar em voz alta, mas é para isso que servem os diários. Minha irmãzinha se chama Molly. Ela tem cinco anos e é linda, sério. Mesmo quando estou com raiva dela não consigo deixar de achá-la linda. Um dia, quando a tia Laurie perguntou o que ela queria ser quando crescesse, ela respondeu “Maxine”. Isso me fez bem. Ela tem belos olhos azuis e cabelos loiros compridos que caem em cachinhos.

Até que ela não é de todo ruim, para uma criança de cinco anos, mas fica insuportável quando quer fazer *tudo* que eu faço. O que acontece o tempo todo. Se estou lendo, ela quer ler, se assisto tevê, ela quer ver tevê, se vou ao parque, ela quer ir junto. E normalmente tenho que levá-la. Só que ultimamente não tenho vontade de ir a lugar nenhum. Não posso nem mesmo fugir para o meu quarto, porque nós o dividimos, o que eu acho ridículo.

Meu irmãozinho tem quase dois anos. Se eu acho que meu nome é ruim, o dele é pior, porque o coitado se chama Gus. Ninguém batiza um filho de Gus.

Exceto meu pai e minha mãe, claro, que devem ter se esquecido de como é ruim ter um nome estranho na escola. É servir de alvo para zoação. Ainda bem que o Gus é durão, orque vão pegar no pé dele. Ele ainda tem cabelo ruivo, o que vai fazer ele chamar ainda mais atenção. E pode apostar que ele também vai acabar com sardas. O cabelo ruivo e as sardas vêm do nosso avô.

Mamãe diz que nós somos seus filhos “sorvete napolitano”, porque temos cabelos de cores diferentes: o meu é castanho, o da Molly é loiro e do Gus é ruivo. Desconhecidos sempre perguntam se somos filhos do mesmo pai, o que deixa meu pai realmente bravo. É claro que ajudaria se Molly chamasse os dois de mamãe e papai, em vez de Debbie e Wayne, o primeiro nome deles. Mas essa é outra história.

Nós moramos em Port Hope, uma cidadezinha. Quando precisamos de algo especial, como os suprimentos de computador do papai ou o novo armário para louça que compramos ano passado, vamos para a cidade onde mora a tia Laurie. Fica a apenas uma hora e meia de carro, do jeito que meu pai dirige. Eu costumava querer morar mais perto da

cidade, mas agora desejo morar mais longe, a dez horas, a cem horas. Se Port Hope fosse mais longe da cidade talvez Leah continuasse aqui e eu não estaria escrevendo em você no que parece ser um lindo dia de outono.

Na verdade, não sei se é um dia lindo porque ainda não saí de casa.

Atualmente me recuso a ir a qualquer lugar, a não ser a escola. Também odeio ir até lá, mas não tenho escolha, porque meus pais me obrigam. A escola é o pior lugar para mim, porque todo mundo fica me olhando, o tempo todo, e tenho medo que estejam me culpando pelo que aconteceu com a Leah.

Mas vou escrever mais sobre isso depois.

Mamãe veio me dizer que eles iam passar um rastelo no quintal para que Molly e Gus pudessem brincar nas folhas que juntaram. Ela entrou, de casaco, e disse “Maxine, quer vir também? Está um dia lindo, lá fora!”

“Não; vou continuar escrevendo. Talvez depois.” Nem olhei para ela.

“Gus e Molly querem muito que você venha.”

“Não, sério, obrigada. Estou no meio disto aqui.”

“Tá bom. Vamos estar nos fundos, se precisar de alguma coisa.”

Normalmente ela teria me arrastado para pegar ar fresco, mas minha terapeuta a convenceu de que preciso de tempo para escrever. Talvez escrever um diário não seja tão ruim, no fim das contas.

18 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Eu reli o que já tinha escrito e percebi que nunca lhe contei nada das minhas outras amigas. Tenho outras amigas, além da Leah, mas no momento não estou com muita vontade de vê-las. Na verdade, nem lhe contei muito sobre a Leah. Mas isso ainda vai demorar. Então, você tem que ter paciência. Tenho cinco amigas principais e fazemos tudo juntas, ou fazíamos até Leah desaparecer. Nós nos conhecemos no jardim de infância e somos amigas desde essa época. Seus nomes são Leah, Lexi, Emma, Kelsey e Amanda.

Percebe, agora, como Maxine soa ridículo? Leah costumava me dizer que eu poderia mudar de nome quando ficasse mais velha. Mas a minha mãe disse que tenho que esperar até completar 18 anos, o que significa esperar mais cinco anos.

Lexi, Emma e eu vivemos todas no mesmo bairro em Port Hope. É um bairro de casas velhas que foram reformadas e transformadas. Nossa casa é uma das mais velhas de Port Hope, e ela tem até uma garagem de carruagem nos fundos, em cima da qual fica um apartamento que nós alugamos para um rapaz e uma moça recém-casados. Nossa casa tem dois andares principais, um porão assustador e um sótão cheio de caixas empoeiradas. Eu gosto do sótão, mas ele fica muito quente no verão e frio demais no inverno. Estamos a apenas seis quarteirões da rua principal de Port Hope, mas o *Lost Lake Park* está do outro lado da cidade. No verão nós vamos até lá para nadar. Port Hope é um lugar bom para se viver, no verão, por causa dos lagos.

Kelsey mora fora da cidade, na zona rural, o que é chato porque é muito longe para se ir de bicicleta, mas é legal porque ela tem um cavalo e posso montar nele quando durmo lá. A casa da Amanda também fica fora da cidade, mas é pertinho, no Lago Mobelha e é muito maneira. Mamãe diz que a família de Amanda tem “muita sorte”, mas papai costuma dizer que “eles têm dinheiro saindo pelo ladrão”. Só que eu nunca digo isso para Amanda. O pai dela vende casas, o que deve dar mais dinheiro do que consertar computadores, que é o que o meu pai faz.

A casa de Leah fica na zona oeste de Port Hope, em um bairro atrás da escola. Costumava passar muito tempo lá. Mas agora não vou mais... A não ser para deixar um cartão ou acender uma vela. Tenho medo de rever os pais dela. Não aguento ver o quanto eles mudaram desde que Leah desapareceu.

Não aguento ver o quanto estão tristes. Costumávamos ir até lá para usar a internet, porque os pais de Leah tinham e os meus não. Meus pais diziam que era perigoso, que nós éramos muito novas e poderíamos nos dar mal, mas não acreditamos neles e não quisemos ouvi-los.

É claro que Leah foi a primeira de nós a encontrar o *Habbo Hotel* na internet. Eu me lembro do primeiro dia que fomos até lá. Foi logo depois do meu aniversário e a cidade tinha sofrido uma nevasca forte. Todas as escolas de Port Hope ficaram fechadas. Mamãe ligou no trabalho dizendo que estava doente, para poder ficar em casa conosco. Nosso dia foi bem divertido. Nós pudemos ficar de pijama e assistir a desenhos na televisão quase a manhã toda. Estava tão feliz por não ter que ir à escola que nem reclamei de ser obrigada a assistir à TV Educativa, a não ser quando começou o *Teletubbies*.

Até a Molly odeia *Teletubbies*. Mas Gus adora, e naquele dia ele ficou sentando, olhando fixo para a televisão, o tempo todo do programa, o que era melhor do que aguentar o moleque subindo em mim. Ele tem cotovelos muito pontudos que sempre acabam enterrados nas minhas costelas. Se você já aguentou cotovelos e joelhos de criança enfiados no seu corpo, sabe quanto isso dói.

Mamãe deixou que a gente fizesse biscoitos de chocolate depois do almoço nesse dia, e então a Molly e eu saímos para fazer um forte de neve, com túnel, janelas e duas salas separadas. Nós demoramos uma eternidade para terminar, e quando voltamos para dentro comemos os biscoitos quentes com copos de leite frio. Quando Gus foi tirar sua soneca pudemos assistir à *ICarly* em vez da TV Educativa. Esse é meu segundo programa favorito, depois de *Malcolm in the Middle*.

À tarde Leah ligou me convidando para ir até lá, e fui até a casa dela.

Cheguei lá exausta, porque tive que caminhar com neve até os joelhos.
O

caminhão limpa-neve ainda não tinha passado. Nós entramos no *Habbo Hotel* e achei aquele jogo *online* muito maneiro. É um hotel virtual em que você cria um personagem com o qual pode andar por tudo, conversar com outros hóspedes, nadar na piscina e pedir comida e bebida no bar. Leah, Lexi e Amanda eram totalmente *Habbos*. Elas costumavam entrar no jogo à noite para bater papo, e depois conversavam a respeito disso no dia seguinte, na escola, o que me fazia sentir excluída. Mas no dia da nevasca eu tive Leah e a internet só para mim, e nos divertimos muito. Voltei para casa desejando ter

internet mais do que nunca.

Quando enfio algo na cabeça não consigo pensar em outra coisa.

20 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Gus começou a falar meu nome. Sai algo mais parecido com “Zine” do que Maxine, mas pelo menos ele diz algo. Ele não fala nada para Molly, mamãe ou papai. Minha mãe diz que ele é lento para falar, mas é muito esperto.

No momento o jogo favorito dele é “para cima, para baixo e girando”. Ele mesmo inventou. Gus me puxa pela mão até o meio da sala, se joga no chão e espera que eu faça o mesmo. Então ele me faz levantar e nós giramos até ficarmos tontos, e então caímos de novo. Aí repetimos tudo. É fofo e me fez sorrir por um instante. Mas depois me senti muito cansada e vim escrever. A última coisa que eu estava lhe contando era nossa fase de internet.

Se tivesse que colocar uma data para dizer quando essa obsessão pela internet começou, diria que foi em março, mais ou menos na mesma época em que descobri que teria que usar aparelho nos dentes. Aquilo me deixou chateada. Quero dizer, eu já me achava bem feia com sardas e óculos. No dia em que soube disso estava chorando e meu pai entrou no quarto. Ele me perguntou se poderia fazer algo para que eu me sentisse melhor. Então respondi que gostaria de ter internet, mas ele pareceu cansado quando falou “Maxine, já conversamos sobre isso”.

– Eu sei, mas todas as minhas amigas entram na internet à noite para bater papo e eu fico de fora, o que está me fazendo perder as amigas.

– Se as suas amigas não gostam de você porque não tem internet, então não são amigas muito boas, não acha?

– Ela são as melhores que eu tenho, e além disso gosto delas.

– Se elas forem realmente suas amigas, vão gostar de você esteja *online* ou não.

– Mas *todo mundo* está na internet, menos eu. Até a Kelsey, que mora na roça, no meio do nada, tem conexão.

– Sinto muito que esteja triste, mas você sabe a opinião da sua mãe.

– Sei, ela não se importa com o que os outros pais deixam seus filhos fazer, ela só é responsável pelos filhos dela. Odeio essa palavra.

Responsável– fiz uma careta para enfatizar meu desgosto.

– Eu sei, mas é verdade o que ela diz da internet. Essa coisa pode ser perigosa.

– Eu sei. Existem predadores, pornografia e este-lionatários que tentam nos enganar para pegar informações pessoais e roubar nossa identidade.

– Entendo que seja difícil para você compreender.

– Não sou burra! Eu sei que não devo dar meu nome verdadeiro, nem meu endereço e nunca aceitar me encontrar pessoalmente com ninguém.

– É mais complicado que isso. Além do mais, Maxine, você só tem doze anos. Quando ficar um pouco mais velha nós voltamos a discutir esse assunto.

Depois disso eu sabia que não teria jeito de conseguir internet em casa. Dei meus melhores argumentos. Então comecei a ir cada vez mais para a casa da Leah, de onde visitamos cada vez mais lugares na internet. Até conhecemos gente *online*. Na época achei que estava me divertindo como nunca com a Leah, mas hoje eu me lembro de coisas diferentes sobre ela.

Por exemplo, acabei de me lembrar, sem motivo, do dia em que ela aprendeu a dar um mortal de costas no píer do *Lost Lake*. Ela viu um dos meninos do Ensino Médio fazer e, depois que eles foram embora, passou o resto da tarde tentando fazer igual. Ela arranhou o tornozelo e quase quebrou a cabeça no píer, mas não desistiu. Mesmo quando implorei para voltarmos para casa, porque eu estava ficando queimada de sol, ela continuou tentando até executar o salto com perfeição. Então ela nos fez voltar no dia seguinte.

Leah esperou até os mesmos meninos aparecerem, e então deu cinco saltos em sequência. Ela agiu como se aquilo fosse algo que tivesse feito a vida toda.

Esta é a pior parte do meu dia: quando estou deitada na cama, como agora, tentando dormir. Não consigo parar de me lembrar dela e de todas as maluquices que fizemos juntas. Então eu tento senti-la, onde quer que ela esteja. Eu tento com toda minha energia enviar-lhe pensamentos para que ela possa me sentir pensando nela e não se sinta sozinha. Algumas noites eu juro que consigo senti-la, o batimento de seu coração, seu peito subindo e descendo, o pulso acelerado.

Querido Diário, Gus fez dois anos ontem. Mamãe fez bolo e encheu umas bexigas, e Molly insistiu em colocar um lugar na mesa para sua amiga imaginária, Georgia.

Odeio as amigas imaginárias da Molly porque ela insiste que eu converse com elas, e odeio conversar com o nada. Ele ganhou muitos presentes, levando em conta que é só um bebê. Molly usou sua mesada para comprar para o irmãozinho uma família de baleias de plástico que espirram água, para ele brincar na banheira. Ele achou divertido. Eu também devia ter comprado algo. Não convidamos outras crianças porque a mamãe falou que não faria diferença para ele. Passamos a noite toda com ele e os brinquedos novos, até chegar a hora de Gus ir para a cama. O que ele mais gostou de fazer foi brincar com as bexigas. Agora Molly e Gus estão deitados, enquanto eu estou na mesa da cozinha, onde a mamãe pode ficar de olho em mim enquanto faço a lição de casa.

Eu deveria estudar para uma prova de inglês, mas não tenho motivação. Eu já repeti mesmo, então de que adianta? Não é que eu seja burra. Eu só tirava dez até este ano, e costumava ter permissão para fazer minha lição de casa quando e onde quisesse. Mas agora meus pais não confiam em mim. Acho que eu também não confiaria se fosse eles. Quero dizer, me transformei de primeira aluna da classe em alguém que vai repetir em todas as matérias. Fui de confiável e responsável a quase querer sumir. Vê como tudo me leva de volta à internet e Leah? E as pessoas dizem que eu deveria tentar tirá-la da cabeça!

A internet se transformou quase em um vício para mim e para a Leah.

Depois que o *Habbo Hotel* virou um tédio, começamos a ir a fóruns de música onde podíamos conversar *online* com pessoas que tinham o mesmo gosto musical que nós. Passávamos muito tempo no *site* do fã-clube da Avril Lavigne, onde havia fóruns sobre tudo que dizia respeito à Avril. Nós achávamos demais, principalmente os que discutiam os shows que estavam para acontecer. Certa noite conhecemos um cara bem legal cujo nome de usuário era “D Mais”. Ele disse que tinha dezesseis anos e morava na mesma — cidade que a tia Laurie. Não acreditamos que ele tinha mesmo dezesseis, porque o garoto escrevia muito mal, mas era ridiculamente engraçado e nos matava de rir. Leah e eu fingimos ser uma só pessoa, “Gatímida”, com

catorze anos, mas não demos nossa localização.

Depois que o encontramos no *site* do fã-clube algumas vezes, ele disse que deveríamos trocar endereços de *e-mail* para nos escrevermos em particular.

Ele disse que assim poderia mandar mensagens na hora de dormir. Então Leah e eu criamos uma conta no Hotmail com o mesmo *nickname* e concordamos em continuar fingindo sermos uma única pessoa. É claro que eu não podia acessar a internet antes de dormir, mas Leah podia e me ligava para ler as mensagens para mim. E ela prometeu não responder a nenhum *e-mail* ou mensagem instantânea antes de primeiro me ligar e pedir minha opinião.

Minha mãe não sabia, mas eu guardava algumas mensagens do D Mais.

—

Algumas Leah imprimiu e levou para mim, outras eu imprimi na escola depois que comecei a escrever para o D Mais no laboratório de informática.

—

Talvez eu queime essas impressões um dia. Talvez faça uma grande fogueira e queime este diário e todos os *e-mails*, e assim as memórias talvez desapareçam. Quem sabe assim eu consigo me libertar...

24 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Saí mais cedo da aula hoje porque minha mãe me levou para colocar o aparelho nos dentes. Eu passei oito meses com pavor dessa coisa e ela é tão ruim quanto eu pensava. Agora sou oficialmente uma boca de metal. Eu disse para o ortodontista que não ligava para a cor de elástico, mas ele insistiu que eu tinha que escolher, e agora estou com elástico azul em cima e roxo embaixo.

Lexi veio depois do jantar para ver o aparelho e riu. Eu nem queria que ela viesse, mas ela veio assim mesmo. Fiquei com raiva dela por rir de mim num momento em que estou me sentindo péssima. Essa era uma das coisas que eu gostava no D Mais. Ele nunca me zoou do jeito que a Lexi zoa, e sempre fez — com que eu me sentisse importante.

Não sei por que guardei este *e-mail*, mas ele mostra como o D Mais me — dava atenção, o que me fez querer chamar ainda mais sua atenção.

> Ei, Gatímida, querida. Você é tão legal e divertida e dá para ver, pelo jeito que escreve que é inteligente e bonita. Só garotas bonitas têm senso de humor igual ao seu. Gosto de ouvir o que você e suas amigas fizeram no fim de semana. Elas parecem muito legais. Quem sabe depois que a gente se conhecer melhor, eu possa conhecer as garotas também. Eu fui na festa de um amigo ontem à noite, e conheci uma gatinha muito linda. Ela queria sentar no meu colo, mas eu não pude deixar porque só conseguia pensar em você.

Agora eu vou para cama e vou dormir pensando em você. Tomara que você faça o mesmo. Preciso ir. S2. D_Mais 25 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Ninguém me disse que aparelho doía. Quase desmaiei esta manhã quando mordi minha torrada. Cada um dos dentes deu uma pontada de dor. Fiquei com lágrimas nos olhos. Minha mãe viu que eu estava chorando e fez uma cena, o que fez eu me sentir ainda pior. Então ela me fez uma vitamina de iogurte e colocou pudim no meu lanche. Ela disse que se precisasse voltar mais cedo para casa era só pedir para a orientação da escola chamá-la que ela iria me buscar imediatamente. Até a Molly tentou me animar me dando uma das suas Barbies favoritas para eu levar para a escola.

Quando encontrei Emma ela disse que eu ficava bem de aparelho, e que a Lexi estava com inveja porque eu iria ficar com dentes perfeitos

e ela com dentes tortos. É claro que Emma não disse isso na frente da Lexi. Não preciso dizer que o resto do dia foi uma chatice e nada de bom aconteceu. É difícil fingir que se está feliz quando sua melhor amiga sumiu e sua boca está doendo.

Tudo que eu queria fazer, desde o café da manhã, era voltar para casa e ir para a cama. Então aqui estou, finalmente. Minha mãe me trouxe o novo livro do Harry Potter, mas antes eu queria escrever um pouco. Talvez a terapeuta tenha razão, ou talvez não. Mas estou começando a gostar dessa coisa de escrever um diário. É como ter um amigo secreto que não critica você. Talvez por isso eu gostasse de escrever para o D Mais. Era fácil escrever para ele e — se sentir à vontade. Ele gostava das mesmas coisas que eu, tipo minhocas de goma e Shrek. Seus programas de tevê favoritos eram *ICarly* e *Malcolm* — os mesmos que os meus. Ele me contou que tinha dois irmãos menores que tinha que aguentar o tempo todo, e que eles eram um pé no s***! Ele parecia ser o marrento. Eu apostei com Leah que ele falava palavrões quando não havia adultos por perto. Dava para perceber isso nele. Mas eu o achava muito fofo e adorava receber seus *e-mails*. Embora ele escrevesse para Gatímida, que tecnicamente era eu e Leah, parecia que ele escrevia só para mim. Leah me disse que gostava dele também, mas estava mais interessada em outro cara que conheceu chamado “FitBoy”. Assim eu acabei assumindo a Gatímida sozinha e o D Mais nunca percebeu a diferença.

—

O que eu mais gostava no D_Mais era que ele entendia como era ter pais antiquados e irmãozinhos destruindo suas coisas. Nenhuma das minhas amigas consegue entender isso, porque elas não têm ninguém mais novo em suas famílias. E ele também me dava bons conselhos. Como este: > Ei, Gatímida. Vc tá bem? Não fique chateada com a hora que você tem que ir para a cama. Mas vc tem razão, oito horas é muito cedo para sua idade, mas os pais têm que tomar muito cuidado nos dias de hoje. Pelo menos é o que os meus estão sempre me falando. Acho que esse é um dos problemas de ser o filho mais velho, os pais se esquecem de que você não é mais criança. O

melhor jeito de se dar bem com os pais é deixar que eles pensem que você está fazendo o que eles querem. Então não transforme isso em uma briga enorme. É melhor que eles prestem o mínimo de atenção em você. XO

Quando eu leio isso agora eu vejo como ele estava tentando me jogar contra meus pais. Mas naquele momento pensava que ele era só um cara legal me estendendo a mão. Eu pensei que ele gostava de mim como eu era... Eu fui uma tonta.

26 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Gus descobriu como tirar meleca do nariz. Agora ele só faz isso. Ele está sempre com o dedo enfiado lá tirando alguma coisa. E depois ele põe na boca e come. Eu disse para a mamãe que aquilo era muito nojento e pedi para ela mandar o Gus parar. Mas ela me deu um olhar de “não seja ridícula” e disse “não olhe, se a incomoda”. Não entendi o que ela achava ridículo no que eu disse, mas não quis me arriscar a ouvir um sermão por perguntar. Então perguntei se ela podia pedir ao Gus para não fazer isso quando minhas amigas estivessem em casa, porque elas já acham que minha família é bem esquisita. Mamãe me deu um olhar exasperado e disse “queria que fosse tão fácil”. Eu juro que ela não ouve o que falo. Acho que é por isso que estou escondida no meu quarto escrevendo para você. Eu não tinha pensado nisso até agora, mas acho que você está me ajudando a preencher dois vazios – de Leah e D Mais.

Às vezes, quando não conseguia ir até a casa da Leah para escrever uma mensagem antes de dormir para o D Mais, eu a ditava para ela pelo telefone.

Aquilo ficou um pouco esquisito, deixá-la ver o que dizíamos um para o outro, depois que ficamos mais sérios, mas era minha única opção. Então foi assim que nós fizemos durante semanas, com Leah como intermediária invisível. Eu nunca imaginei que as coisas estivessem igualmente sérias entre ela e o FitBoy, mas acho que eu deveria ter imaginado, porque ela não dava mais importância às minhas mensagens para o D Mais.

Com o tempo nós contamos para as outras sobre o D_Mais e o FitBoy, e, às vezes, eu as deixava ver algum *e-mail* do D_Mais e nós escrevíamos uma resposta juntas. Eu me sentia um pouco culpada por fazer isso, como se estivesse mentindo para ele, mas elas diziam que eu já estava mentindo sobre a minha idade, o que era verdade. Às vezes ele me escrevia *e-mails* tão engraçados que quase molhava as calças de tanto rir. Era eu quem digitava a resposta, já que era oficialmente a Gatímida, e assim eu podia usar as melhores ideias e ignorar o resto. Eu nunca parei para pensar por que nós nunca vimos

os *e-mails* do FitBoy ou por que nunca escrevemos todas juntas uma resposta para ele. Mas agora eu vejo que deveria ter parado para pensar.

27 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Esta noite, durante o jantar, Molly perguntou “Posso levar meus ossos comigo, quando eu for para o céu?” Mamãe e papai quase engasgaram com o bolo de carne (eca!), porque acharam que era algo muito bizarro para se perguntar. Pobre Molly. Como parecia que meus pais nunca iriam conseguir responder, eu disse “Não, você não leva ossos, nem dentes, nem pele, sangue, cabelo, nada. Você vira um fantasma e vai para o céu flutuando”.

– Isso quer dizer que não posso levar meu vestido de veludo? – perguntou ela. Ela ficou preocupada porque adora esse vestido e o usa quatro dias por semana. Às vezes a mamãe entra no nosso quarto, à noite, pega o vestido, lava e o coloca no lugar de manhã, para que Molly não se desespere por ter que usar outro vestido, ou pior, calças!

– Não, você não pode levar roupa nem brinquedo. Mas não se preocupe, porque não vai precisar deles no céu. Deus tem brinquedos muito melhores do que nós. – respondi.

– Tipo o quê?

– Tipo Barbies que falam, andam e se vestem sozinhas – eu menti, para que ela não ficasse preocupada, o que faria com que me enchesse a noite toda.

– Isso seria demais! – disse ela.

E assim acabou a conversa. Molly ficou satisfeita. Papai e mamãe ficaram olhando para mim como se eu fosse louca... ou genial. Não consegui definir.

Mas eu sabia que tinha que tranquilizar minha irmã ou ela ficaria nisso por semanas. Ela é assim e eu também. Quando começamos com algo, não conseguimos deixar para lá. Acho que é por isso que eu não conseguia parar de escrever para o D_Mais, ainda que soubesse que era errado e que meus pais me colocariam de castigo para sempre se descobrissem. Na verdade, eu sei que nem devia admitir isso, porque meus pais iriam surtar, e quero dizer SURTAR de um jeito grande, enorme, desastroso, mas eu amava D_Mais. É

claro que não amo mais, nem mesmo acredito em amor, mas amava na época... Chegou a um ponto em que nos escrevíamos várias vezes por dia.

Eu ia cedo para a escola para ver se tinha mensagem dele, escrevia para ele, depois verificava o *e-mail* de novo na hora do almoço e depois da aula.

Nunca me perguntei de onde ele escrevia ou o computador de quem ele usava. Havia tanta coisa que eu não perguntei, ou nem pensei em perguntar.

Mas isso não faria diferença... Mentir na internet é tão fácil... Não dá para dizer o que é verdade e o que é mentira quando tudo o que se tem são palavras na tela. Acho que é por isso que meus pais acreditavam que a internet é tão perigosa.

28 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Cansei de dividir meu quarto. Não posso ficar com a luz acesa depois das oito da noite nem ouvir meu som. Não dá para acreditar. Além disso, estou ficando cansada da Molly se metendo com as minhas coisas o tempo todo.

Então, esta noite perguntei se poderia ter um quarto só para mim. A conversa foi assim: Eu: – Posso ter um quarto só meu?

Papai: – Por quê?

Eu: – Porque eu tenho doze anos e não quero mais dividir um quarto com uma menina de cinco.

Mamãe: – Não temos quartos disponíveis.

Eu: – Molly e Gus podem ficar no mesmo quarto. A idade deles é mais parecida.

Mamãe: – Gus não dorme se tiver mais alguém no quarto, você sabe disso.

Eu: – Eu podia me mudar para o escritório e papai podia montar o escritório lá embaixo.

Papai: – Não tem linha de telefone lá embaixo.

Eu: – Então eu podia fazer meu *quarto* lá embaixo.

Mamãe: – Você ficaria muito longe de nós.

Eu: – Essa é a ideia.

Papai: – É muito úmido lá embaixo.

Eu: – Não me importo. Posso usar o desumidificador.

Mamãe: – Você não tem medo de aranhas?

Eu: – Não.

Papai: – E de ratos?

Eu: – Não.

Mamãe: – E de monstros?

Eu: – Claro que não!

Molly: – Mas eu gosto de ter você no meu quarto.

Vou ficar com muita saudade se você for lá para baixo.

Eu: – Você teria mais espaço e eu posso deixar uma das minhas bonecas para lhe fazer companhia.

Molly: – Mesmo?

Eu: – Sério.

Molly: – Tudo bem.

Eu (para papai e mamãe): – E aí?

Papai: – Vamos pensar nisso. Dê algum tempo para nós pensarmos e ver se conseguimos arrumar um jeito.

Eu: – Quanto tempo?

Papai: – Não sei. Duas semanas?

Eu: – Fechado.

Não era um “sim”, mas também não era um “não”.

Pelo menos eles disseram que iriam pensar, o que me dá 50% de chance.

Eu pensei em dizer para eles que isso me daria mais privacidade para escrever meu diário, ou que a terapeuta tinha sugerido que precisava do meu próprio espaço, mas não estou com estômago para mentir. Além disso, acho que eles provavelmente falariam com a terapeuta e eu seria pega em um segundo. Eu queria ter me preocupado mais com a possibilidade de ser pega no começo do ano, quando estava tão envolvida com o D_Mais. Talvez assim as coisas fossem diferentes agora. Talvez assim eu tivesse conseguido salvar a Leah.

Para mim, tudo se resume ao D_Mais. Ele é meu pior pesadelo. Ainda assim, apesar de ele ser meu inimigo, guardei o último *e-mail* que recebi dele.

Acho que já o li umas 500 vezes, e ele fez meu coração disparar todas

as vezes. Agora ele me dá vontade de vomitar.

Ei, Gatímida. Como está minha gata preferida? Estou tão maluco por você que tenho que sugerir uma coisa doida. Vamos nos encontrar? Eu sei que dizem que não devemos nos encontrar com estranhos da internet, mas não somos mais estranhos. Eu sinto que conheço você melhor do que qualquer pessoa no mundo e preciso ver como é nossa química na vida real. Que tal nos encontrarmos no Shopping Milltown? Posso me encontrar com você a qualquer hora. Eu até mato aula para ver você. Pense em como seria demais ter um encontro de verdade. Quem sabe nós vamos ao cinema e ficamos de mãos dadas no escuro. Eu tremo só de pensar. Sei que você precisa de um tempo para pensar nisso, mas vou ficar louco se não me encontrar com você logo. *Carpe diem*, aproveite as oportunidades. Nós temos que nos encontrar, dar algum jeito. Vou esperar nervoso por sua resposta. Acho que amo você...

Penso em você o tempo todo.

Nunca cheguei a fazer planos para me encontrar com o D_Mais porque quando cheguei em casa da escola, naquele dia, a bronca foi grande. Meus pais me puseram de castigo, o que significa que eu não podia fazer nada que envolvesse computadores ou sair de casa. Acho que tive muita sorte...

30 DE NOVEMBRO

Querido Diário, Meu erro, ou talvez não tenha sido um erro, afinal, mas o motivo pelo qual finalmente fui pega escrevendo para o D_Mais, foi ter deixado a impressão de um *e-mail* dele no bolso do meu jeans, que minha mãe achou quando estava pondo a roupa para lavar. Eu o deixei ali por acidente, depois que o Gus derramou suco em mim e tive de me trocar às pressas para ir para a escola. D_Mais tinha dito que eu nunca deveria imprimir as mensagens, mas eu tinha um esconderijo tão bom que não me preocupei. Além disso, gostava de ler os *e-mails* antes de dormir. Quando mamãe descobriu, ela surtou por inteiro. Ela disse que esse era exatamente o motivo pelo qual não tinham me dado acesso à internet, que ela tinha confiado em mim e eu abusara dessa confiança. Ela disse que eu não podia mais ir à casa de ninguém até provar que era madura o suficiente para lidar com essa liberdade. Então ela me mandou para o meu quarto e, cerca de uma hora depois, veio com meu pai.

Os dois tinham no rosto aquela expressão terrível de decepção. Eu ouvi outra vez o sermão do “predador-da-internet-você-tem-que-aprender-a-ser-responsável”. Acho que ela usou a palavra “responsável” umas cem vezes.

Depois que eles saíram, mamãe ligou para a mãe da Leah, que também se deu mal. Fiquei com medo de, no dia seguinte, não ter mais nenhuma amiga na escola. Achei que aquele seria o pior dia da minha vida. Mas olhando para trás eu percebo que não fazia ideia de como seria o pior dia. Talvez eu ainda não faça, e é isso que realmente me assusta.

Depois eu soube que Leah também ficou de castigo, mas ela não ficou com raiva de mim, o que foi um grande alívio, porque se ela ficasse sabia que Lexi, Amanda, Emma e Kelsey também ficariam com raiva de mim. Elas sempre imitam a Leah. Ela disse que a mãe não chegou a surtar, só ficou preocupada porque ela estava escrevendo para um garoto do Ensino Médio que não conhecia de verdade. Eu me culpei pela coisa toda, mas Leah disse: “Ei, pelo menos nós duas estamos de castigo e deixando de nos divertir ao mesmo tempo”. Ela sempre tinha um jeito de ver o lado positivo das coisas.

Leah não podia sair à noite ou aos fins de semana por quinze dias. Essa era a versão de castigo dos pais dela. A versão dos meus pais dizia que eu não podia ir à casa de ninguém, ver tevê ou falar no

telefone por duas semanas.

Além disso, mamãe ligou para a escola dizendo que eu não podia mais frequentar o laboratório de informática, o que significava que não poderia escrever para o D_Mais. Leah ainda podia usar o computador, porque seus pais não tinham noção da internet. Ela disse que iria se conectar no Hotmail como a Gatímida e dizer para o D_Mais que iria viajar com a família e que escreveria quando voltasse, dali a umas poucas semanas. Eu sabia que aquilo não era uma solução, mas me daria tempo para pensar em outra coisa, então concordei.

Todo esse tempo eu fiquei presa em casa fazendo lição, brincando com Molly e Gus e sentindo saudades do D_Mais. Ainda bem que eu gosto de ler, então li um monte. O primeiro livro que li foi *A Mala de Hanna*, fantástico.

Não conseguia largá-lo. Mamãe parecia satisfeita por me ver lendo, e papai disse que seria melhor, para mim, passar mais tempo com o nariz em um livro em vez de na internet. Ele trabalha com computadores o tempo todo, e não gosta da ideia de ver mais computadores quando volta para casa. Gostei do livro porque Hanna pareceu muito corajosa. Fiquei tão triste quando ela morreu que chorei muito, embora estivesse chorando em segredo por D_Mais. Eu era tão boba na época. Hoje não iria chorar por um garoto idiota ou um livro idiota, ainda que fosse uma história real. Agora tenho coisas de verdade pelas quais chorar, mas não tenho mais lágrimas...

Depois que terminei, minha mãe achou uma edição antiga de *O Diário de Anne Frank*, o que foi muito legal, ensando nisso agora, porque o livro foi todo escrito como anotações de um diário! Se eu não queimar este diário, de repente alguém o encontra e o publica. É claro que teria que morrer para isso acontecer.

Eu tentei não parecer triste porque não queria que minha mãe pensasse que eu estava interessada nesse cara. Ela ficou maluca e nem tinha lido um dos *e-mails* mais sérios. Mas a verdade era que eu sentia como se meu coração estivesse partido e me preocupava com o que D_Mais estava sentindo. Eu sabia que ele estava esperando que eu voltasse da viagem e não devia entender por que eu não lhe respondia. Fiquei com medo que ele pensasse que tinha me esquecido ou que não gostava mais dele. Então, embora corresse um grande risco, fiz planos para ir até a casa de Leah e usar seu computador quando acabasse meu castigo. Eu sabia que tinha que lhe escrever uma última vez dizendo que nunca mais poderia entrar em contato e por quê. Mas nunca tive essa chance.

Querido Diário, Hoje caiu o primeiro dente da Molly. Ela ficou apavorada, apesar de eu lhe dizer que era normal e que vários dos meus dentes já tinham caído. Mas não conseguia acalmá-la, não importava o que dissesse.

Ela perguntou: – E se eu começar a cair em pedaços?

– Você não vai cair em pedaços – respondi. – Você só perdeu um dente.

– Mas eu posso perder mais, como você. Aí posso perder o cabelo, como o papai, e depois se minha pele cair, como nas cobras? Aí não vai me sobrar nada, a não ser ossos, e eles vão cair. Então vou flutuar até o céu, do jeito que você falou!

– Mas, Molly, você está vendo que cresceram dentes novos na minha boca? – eu abri a boca para lhe mostrar, mas tinha me esquecido do meu aparelho, o que a assustou ainda mais.

– Mas tiveram que prender os seus dentes para não cair. Talvez tenham que me prender toda, também!

Foi muito difícil não rir da cara que ela estava fazendo, mas, afinal, consegui convencê-la de que ela não estava “caindo aos pedaços” e sugeri que papai fizesse um colar com o dente que havia caído. Então, depois do jantar papai passou um fio pelo dente e o prendeu em uma velha correntinha de prata minha, que ela colocou em volta do pescoço e disse que guardaria para sempre e levaria para mostrar na escola. Eu lhe disse que ela não receberia dinheiro da fada dos dentes se ela não o deixasse embaixo do travesseiro, mas ela respondeu que preferia guardar o dente em uma caixa no caso de o novo não aparecer e ela ter que colar o velho no lugar.

Imagino se eu conseguiria me dismantelar desse jeito, se pudesse me desmontar, pedaço por pedaço e então sumir flutuando... Seria um alívio... É

claro que isso fica apenas entre mim e você. Eu nunca diria isso em voz alta para ninguém. Mamãe e papai iriam surtar se me ouvissem pronunciar essa ideia, e até mesmo Lexi ou Emma ficariam com aquela expressão assombrada, como se eu fosse oficialmente louca. E a terapeuta, nossa, para ela algo assim seria como ganhar na loteria! Por

falar na terapeuta, provavelmente é melhor eu voltar a explorar meus sentimentos, e isso me leva de volta à Leah.

Durante todo o tempo em que estivemos de castigo, Leah continuou a escrever para o FitBoy e eu fiquei com inveja. Parecia injusto que eu tivesse que desistir do D_Mais, mas ela não precisasse parar de falar com seu namorado da internet. E ela não falava muito do FitBoy, nem mesmo quando perguntava, o que me deixava ainda mais chateada com ela. Então, só para provocá-la, contei da sugestão do D_Mais para nos encontrarmos e que ele tinha dito que me amava. Ela ficou muito agitada... Leah disse que eu deveria lhe contar a verdade, que eu não morava perto da cidade e que não tinha catorze anos. Respondi que não faria isso de jeito nenhum, e então ela falou que eu deveria parar de falar com ele, que estava ficando sério demais.

Eu não consegui acreditar no que ela estava dizendo e a acusei de estar com ciúmes porque o D_Mais gostava mais de mim do que o FitBoy dela. Aí ela riu de mim e disse que eu não tinha noção de nada, principalmente de garotos e amor. Aquilo me deixou muito, muito brava, porque eu sabia que ela queria apenas ser a primeira de novo, como em tudo que fazia.

Nós não nos falamos por *seis* dias depois disso. Ela não me ligava e eu não ligava para ela. Até na escola Leah me evitava, e como ela não estava falando comigo, as outras também tentavam me evitar. Isso significava que eu tinha ficado sem amigas e sem um meio para escrever para o D_Mais. Aquela foi nossa única briga, e eu ainda não sei o que a deixou tão brava. Talvez eu nunca vá saber, mas ainda me atormenta a ideia de que nossa briga fez Leah correr direto para os braços do FitBoy...

2 DE DEZEMBRO

Querido Diário, A última vez que vi Leah foi quando Emma convidou ela, Lexi e eu para ir ao *drive-in*. Foi logo depois que terminou nosso castigo e voltamos a conversar, mas eu ainda sentia uma tensão entre nós. Fomos na *van* dos pais da Emma.

Eu logo percebi que Leah estava quieta naquela noite, e não só comigo. Ela não parecia triste ou brava, mas distante, como se nós todas a estivéssemos irritando. Às vezes ela agia como se fosse mais velha e inteligente que nós, o que não era, então não demos muita atenção à sua atitude.

Era o fim de semana de inauguração do *drive-in*, o que significava uma programação “até o amanhecer” e muita gente. Nós chegamos cedo para conseguir um lugar bom, mas quando escureceu já tinha carros parando junto à cerca. O pai de Emma estacionou de ré. Nós abrimos as portas traseiras da *van* e nos deitamos no chão do carro, com muitos travesseiros e cobertores, como se estivéssemos acampando. Os pais de Emma sentaram-se fora da *van*, em cadeiras de praia, e praticamente nos ignoraram. Tínhamos uma caixa cheia de pipoca, refrigerante, salgadinhos e minhocas de gelatina. Comemos até não aguentarmos mais. Após o primeiro filme nós conversamos sobre o D_Mais...

– Eu gostaria de encontrar um namorado na internet – disse Lexi.

– Acho que você tem que tentar... – disse eu, me sentindo adulta.

– Eu podia escrever para o D_Mais como se fosse a Gatímida, já que você está proibida de escrever para ele.

– Acho que não – disse eu, o ciúme revirando meu estômago. – Ele já me conhece muito bem e iria saber que você não sou eu.

– Bem, ele vai acabar encontrando outra pessoa se você não escrever para ele. E aí posso simplesmente escrever para ele como eu mesma – disse Lexi, atrevida.

– Não, ele não vai encontrar ninguém. Ele me ama – eu disse.

Então, para mudar de assunto, porque Lexi estava começando a me irritar de verdade, perguntei a Leah sobre o FitBoy.

Ela riu, mexeu no cabelo e disse: – Estou ficando cansada dessa conversa de criança. Vamos ao banheiro ou eu vou estourar.

Então ela desceu da *van* e nós fomos atrás dela.

Enquanto esperávamos por Leah, do lado de fora do banheiro, eu disse para as outras: – É estranho, a Leah nunca fala alguma coisa do FitBoy.

– Vai ver ele não existe. E se ela inventou? – sugeriu Lexi.

– É, quem sabe ela percebeu que o D_Mais gostava mesmo era de você e inventou o FitBoy para não ficar por baixo – disse Emma.

– Pode ser – eu disse, pensando nessa possibilidade. Mas aquilo não me parecia provável...

Não ficamos para ver os últimos três filmes, o que foi ótimo para mim, porque já estava quase dormindo quando acabou o segundo e, de qualquer modo, tinha assistido a todos eles quando passaram no cinema.

Lexi foi a primeira a ser deixada. Sua mãe acendeu as luzes de fora da casa quando a *van* encostou e veio esperar a filha à porta. Lexi revirou os olhos quando viu a mãe esperando por ela de roupão e nós rimos.

Em seguida deixamos Leah, e o pai de Emma ficou esperando, na entrada do carro, até que ela destrancasse e abrisse a porta da casa. Ele disse que queria ter certeza de que ela tinha entrado em segurança. Assim que entrou, ela se virou e acenou, abrindo um sorriso, como se tivesse ganhado na loteria ou algo assim. Então o pai de Emma tirou o carro da entrada da casa de Leah e dirigiu até a minha.

No dia seguinte, Emma e eu estranhamos quando Leah não apareceu no nosso jogo de futebol. Quero dizer, nós a vimos na noite anterior e ela estava bem. Mas simplesmente pensamos que ela estava cansada de ficar acordada até tarde e tinha dormido demais.

Eu me lembro de cada minuto daquele jogo. Nós perdemos para os Lakers por 4 a 2. Eu fiz o segundo gol, e uma menina do outro time levou uma bolada no rosto e saiu de campo com o nariz sangrando. Molly ficou sentada na lateral com seu megafone de plástico gritando “Vai, Maxine, vai”, e todo mundo a achou uma graça, até Emma, que normalmente diz que ela é uma praga. Papai a chamou de Molly Megafone pelo resto do dia.

Não vi mais a Leah desde que a deixamos em casa depois do *drive-in*. E

até hoje não consigo acreditar que seja verdade, embora já tenham se passado seis meses e meio. Eu fico esperando que ela ligue, ou apareça em casa, ou esteja na escola quando eu chegar lá. Não consigo acreditar que ela tenha simplesmente desaparecido.

É engraçado como aqueles dois dias estão nítidos na minha memória. E é irritante, também. Porque não importa quantas vezes relembre todas as horas e minutos, não consigo encontrar uma única pista que me diga onde ela possa estar.

3 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Quando cheguei em casa depois da escola, na segunda-feira seguinte ao jogo de futebol, minha mãe estava chorando muito. Dava para ver que ela tentava se controlar, mas seus olhos estavam inchados e vermelhos, e o nariz assado de tanto assoar. Ela tinha saído mais cedo do trabalho e pegara Gus e Molly na creche. Fiquei surpresa de encontrá-los em casa tão cedo, porque normalmente só chegam pouco antes do jantar.

Aquilo estava realmente assustador, e nunca vou me esquecer de como me senti quando meu mundo todo desabou em dois minutos...

Minha mãe falou para eu me sentar. Ela se movia com lentidão e dificuldade, como se estivesse doente, e comecei a ficar nervosa. Eu sabia que não tinha feito nada que pudesse ter me encrencado seriamente. Não tive oportunidade de escrever de novo para o D_Mais, ainda que não parasse de pensar nele nem por um instante.

Finalmente ela se sentou e pegou minhas mãos. Pude sentir como ela tremia, o que me deu calafrios. Ela disse: – Querida, algo terrível aconteceu.

– O papai está bem? – comecei a entrar em pânico.

– Seu pai está ótimo. Todos na nossa família estão. Mas, querida, a Leah sumiu.

– Eu sei. Ela deve estar doente ou algo assim, porque sábado não foi ao jogo de futebol e hoje não apareceu na escola.

Eu acho que entendi o que minha mãe queria dizer, mas meu cérebro se recusou a acreditar. Quero dizer, estranhei por que Leah não tinha me ligado, já que nos falávamos pelo telefone pelo menos uma vez por dia, mas imaginei que era porque ela ainda estava meio que brava comigo.

– Não, ela não está doente. Ela está desaparecida. A polícia está procurando por ela.

– Procurando onde? – perguntei. Meu estômago começou a revirar.

– Em todos os lugares... Por toda a cidade... Eles criaram uma equipe de buscas. Seu pai está com eles o dia todo.

- Ele não foi trabalhar?
- Não.
- Quando você soube disso?
- Os pais de Leah ligaram esta manhã depois que você saiu.
- Por que vocês não foram me pegar? Eu podia ter ajudado a procurar.
E

Emma, Lexi, Kelsey e a Amanda também.

- Não queríamos preocupar nem assustar você. Tínhamos a esperança de encontrá-la até você voltar, mas houve uma confusão qualquer, e acharam que ela estava com uma das amigas.
- Mas eu sou a melhor amiga dela!
- Eu sei.
- Onde acham que ela pode estar?
- Não sabem ao certo. Mas querem conversar com você para ver se tem alguma ideia.

Naquela noite a polícia veio a minha casa e nós conversamos durante muito tempo sobre a noite no *drive-in* e como Leah estava agindo ultimamente, e se ela tinha dito ou feito algo estranho ou diferente. Eu disse que não me lembrava de nada, mas então me lembrei daquele sorriso quando ela estava entrando em casa... Nós conversamos sobre o que fazíamos no nosso tempo livre e, é claro, eles quiseram saber que *sites* nós duas visitávamos na internet. Eu contei sobre como conhecemos D_Mais e FitBoy.

Eu fiquei com vergonha de falar sobre o D_Mais, e eles me fizeram perguntas bem pessoais sobre o que D_Mais falou para mim. Os policiais perguntaram se ele tinha sugerido que nós nos encontrássemos, e eu não sabia se mentia ou não. No fim, contei a verdade.

Eles queriam ver os *e-mails* do D_Mais e eu disse que a maioria estava no computador da Leah, e o restante na minha conta do Hotmail. Então eles me levaram até a casa da Leah para que eu os ajudasse a entrar no computador dela. É claro que minha mãe quis ir junto, mas a policial disse que tomaria conta de mim e que quanto menos gente

fosse à casa de Leah, melhor seria para seus pais. Falando da mamãe, tenho que encerrar por hoje. Está na hora de apagar as luzes, como sempre, e esta noite não tenho energia para discutir com ela.

4 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Choveu a noite toda, e quando acordamos hoje o boneco de neve da Molly tinha se transformado numa poça de lama no quintal. Ela ficou tão triste que começou a chorar. Eu a deixei brincar com os meus bichinhos, o que a animou. Mas quando voltei da escola percebi que ela tinha deixado todos no chão e Gus estava mastigando meu novo urso Sherbert azul. Eu não consegui acreditar. Fiquei tão brava que arranquei o bicho da mão dele, que começou a chorar. Dentre todos os meus bichinhos, o urso Sherbert azul era o favorito da Leah. Por isso levei o que eu tinha para colocar na casa dela, junto a todas as velas e flores que as pessoas depositaram ali durante o verão. Mamãe veio correndo para ver qual era o problema e disse: – Maxine, calma! Ele não fez por mal, é só um bebê!

Mas aquilo me deixou mais brava, e eu disse: – Ele iria se comportar se alguém lhe ensinasse. Olhe só isto! Ele quase arrancou a orelha. Seria melhor se tivéssemos um cachorro!

– Maxine! – disparou mamãe, realmente brava. Gus fugiu para o corredor e eu bati a porta do quarto na cara dela. Gus começou a chorar mais forte.

Odeio ter uma irmãzinha que nunca guarda minhas coisas, um irmãozinho que come essas coisas e pais que não sabem como é a minha vida.

Bem, isso é só para você saber o tipo de dia que eu estou tendo. Também briguei com a minha terapeuta porque ela disse uma coisa idiota sobre eu estar tentando me punir, e tirei outra nota baixa em inglês. Vou ter sorte se não repetir de ano. Não que isso importe. Não que qualquer coisa importe.

Onde eu estava? Ah, sim. Na casa da Leah. Quando os policiais me levaram até lá, a mãe dela abriu a porta. Ela segurava a maçaneta como se pudesse cair caso a soltasse. Sua aparência era milhões de vezes pior que a da minha mãe. Seus olhos estavam quase fechados pelo inchaço de chorar, e quando se afastou para nos deixar entrar, ela se moveu como uma velhinha.

Eu tentei não ficar olhando para ela, mas não conseguia acreditar que uma pessoa pudesse mudar tão rapidamente. Sua voz tremia quando ela falava.

– Obrigada por vir, Max. Quem sabe você possa ajudar a polícia a entender o computador melhor do que eu. Eu não... simplesmente não consigo entender essa coisa – disse ela, que então caiu numa espécie de surto e o pai de Leah teve que levá-la do chão.

A casa estava quente e abafada, e eu pensei que ia vomitar... Não disse nada, simplesmente fui para o quarto de Leah, que estava como sempre – bagunçado – e cheirava ao *spray* de baunilha que ela costumava usar. Sua mochila da escola continuava no chão, e as roupas que ela vestira para ir ao *drive-in* estavam em uma pilha no armário.

A policial fez um gesto indicando para eu me sentar ao computador, o que fiz imediatamente. Entrei no computador dela usando a mesma senha de quando nós duas éramos a Gatímida. Felizmente ela tinha salvado seu nome de usuário e senha no Hotmail, e eu pude entrar automaticamente, porque não fazia ideia de que ela tinha escolhido “docinho” como seu novo *nickname*.

– Você disse que ela estava frequentemente conversando com alguém?
– perguntou um dos policiais. Ele estava bem atrás de mim e segurava no encosto da cadeira, o que me fez sentir claustrofobia.

– Isso, ela costumava escrever muito para esse FitBoy – disse eu enquanto o Hotmail aparecia na tela.

– Como você disse que ela conheceu o FitBoy?

– Em um fórum de música, do mesmo jeito que conhecemos o D_Mais.

– Você sabe o nome verdadeiro dele?

Eu balancei a cabeça e de repente me ocorreu que eu não sabia o nome verdadeiro do D_Mais, nem sua aparência ou onde ele morava. Eu tinha imaginado essas coisas por tanto tempo que simplesmente achava que o conhecia.

A conta da Leah no Hotmail estava quase lotada. Havia centenas de mensagens, todas já abertas, todas do FitBoy.

Eu abri as mensagens mais novas, e comecei a ler junto com os policiais. A mãe de Leah andava pelo quarto soluçando, mas seu pai ficou sentado na cama, tão imóvel quanto os animais de pelúcia da filha.

Nunca vou me esquecer do que aquele primeiro *e-mail* dizia. Eu o reli

tantas vezes que ficou marcado para sempre na minha memória.

> Ei, Leah, gata. Não dá para dizer como estou animado por poder ver você.

ATÉ QUE ENFIM. Não dá para acreditar que a gente encontrou um jeito de ficar junto. É como eu digo, com vontade a gente consegue tudo. *Carpe diem*, aproveite o dia. E que dia a gente vai ter! Tomara que você não fique de castigo quando voltar para casa, porque eu sei que minha bronca vai ser grande por desaparecer desse jeito e pegar o carro do meu velho. Mas qualquer coisa tá valendo para ficar com você, mesmo que só uma noite.

Vejo você na esquina em que disse que vai ficar no sábado de manhã. Eu vou sair antes dos meus pais levantarem e ligarem a cafeteira.
AMO MUITO

VOCÊ. FitBoy.

Olhei chocada para os policiais. Eu não sabia se sentia medo ou raiva, mas meu estômago bateu no chão.

– Esse FitBoy é muito parecido com o D_Mais... – afirmei.

Foi aí que comecei a me sentir mal. Eu era exatamente como a priminha da Tally Hanen, Chloe, que teve a sorte de estar brincando mais perto de casa.

6 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Este fim de semana acontece a Feira de Inverno de Port Hope, então papai e mamãe nos levaram para o estádio depois do jantar. Implorei para que eles me deixassem ficar em casa, mas os dois insistiram e eu sabia que eles não me deixariam sozinha. Então implorei para que deixassem todos nós ficarmos em casa e não irmos à Feira, mas eles disseram que seria bom para nós, principalmente Molly e Gus, que não saíam de casa há dois dias por causa da chuva. Então fui àquela Feira de Inverno idiota com eles.

Tinha toda aquela coisa que sempre tem em Feiras de Inverno, tipo exibição de cachorros, concurso de animal de estimação, exposição de árvores de Natal, brinquedos e uma área de trabalhos manuais onde se podia enfeitar miniaturas de árvores e biscoitos de Natal. Além da chance de tirar uma foto no colo do Papai Noel. Até que não era ruim, para uma cidadezinha.

Pelo menos Gus e Molly gostaram de ir. Gus gostou principalmente dos coelhos no concurso de animais de estimação, porque ele lembrou dos coelhos do *Teletubbies*. Fiquei com pena dos animais que tinham que se exibir para tanta gente, e dos que aguentavam centenas de crianças de cada vez, então disse que queria ir ao banheiro e meu pai se ofereceu para me acompanhar. Mamãe levou Molly e Gus para gastar energia pulando no castelo inflável.

Quando meu pai e eu voltamos, fomos até a área dos brinquedos. Molly e Gus tinham ganhado duendes de pelúcia na pescaria, e eu tentei ganhar uma almofada do Bob Esponja jogando dardos em bexigas. Mas minha pontaria estava péssima e errei todos. Papai também tentou e não conseguiu. Assim, ficamos sem a almofada, embora eu realmente a quisesse para colocar na minha cama. Antes de voltarmos para casa, cada um de nós ganhou um algodão-doce. Comi o meu enquanto esperava Molly e Gus verem o Papai Noel. Havia tanta gente que senti tontura. Então, no último minuto Molly disse que não queria se sentar no colo do Papai Noel. Ela disse que queria ir para casa porque estava se sentindo enjoada. Achei que era por causa do algodão-doce, mas não falei nada. Eu também queria ir embora. Enfim, nós fomos e Gus perdeu a chance de ver o Papai Noel, mas ele pareceu não se importar.

Tinha muita gente na Feira. Eu vi alguns colegas da escola. Vi o irmão de Emma, Eric, com seu grupo de amigos, mas ele fingiu não me ver.

Desde que Leah desaparecera eu tinha me tornado invisível. A não ser por Lexi, Emma, Kelsey e Amanda, que juraram que nunca deixariam de ser minhas amigas.

Elas disseram que eu não era responsável por aquilo e que não deveria me culpar. Mas não consigo deixar de me sentir culpada. Eu deveria ter percebido que algo estava para acontecer. Quero dizer, Leah é minha melhor amiga e eu sei tudo sobre ela. Bem, quase tudo. Mas algo devia ter me alertado. Ela estava sendo tão misteriosa. Depois, teve aquele sorriso. Ele ainda me dá arrepios. Claro que não são arrepios tão grandes quanto os que tenho ao me lembrar dos *e-mails* do FitBoy. Nunca vou me esquecer da sensação de pavor que tomou conta de mim. Eu simplesmente soube, pelo jeito que escrevia, que ele e o D_Mais eram o mesmo cara. E eu e Leah tínhamos sido enganadas por ele, mas ela mais do que eu.

Depois que eu e a polícia passamos por todos os *e-mails* do FitBoy para Leah, formamos uma boa ideia do que tinha acontecido. Leah fora se encontrar com o FitBoy na esquina da escola de Ensino Médio com a Igreja Católica. Ela deve ter escolhido aquela escola para parecer mais velha, e a igreja, no sábado, porque estavam fazendo um bazar, haveria muitos carros indo e vindo e ninguém iria reparar nela. Eles planejaram o encontro por duas semanas. Quando Leah admitiu que não morava na cidade ele se ofereceu para vir pegá-la. Então eles iriam para uma festa na cidade, para depois dormirem na casa de um amigo dele. FitBoy prometeu trazê-la de volta até a hora do jantar de domingo. Primeiro eu achei que aquele era um bom sinal.

Entendi que, como sabia que já estava encrencada, Leah decidira ficar na cidade até segunda-feira e se divertir mais uma noite. Mas os policiais pareceram mais preocupados do que nunca, e os pais dela pareciam ter parado de respirar.

Depois que os policiais leram todos os *e-mails* do FitBoy, me *loguei* como a Gatímida e mostrei para eles as mensagens que recebi do D_Mais. Então eles recolheram o computador da Leah para levar com eles e voltamos para o carro. Quando me deixaram em casa, mamãe me pegou em seus braços com um abraço apertado, embora essa fosse a última coisa que eu quisesse. Então ela olhou para os policiais como se eles fossem os vilões.

– Espero que vocês não tenham colocado muita pressão nela – ameaçou minha mãe.

– Não, acredito que não. Obrigado por nos deixar levá-la à casa de

Leah.

Ela ajudou muito.

– Espero que vocês tenham conseguido alguma pista.

– Também espero que sim – disse a policial. – Podemos ligar se precisarmos perguntar alguma coisa? – a policial olhava para mim.

– Acho que sim. Quero dizer, pode ligar... Eu faço o que for preciso. Só quero que vocês encontrem a minha amiga – disse eu, assustada demais para chorar.

Antes de irem embora, os policiais explicaram tudo para mamãe e papai.

Eles falaram da suspeita de que FitBoy e D_Mais fossem a mesma pessoa, provavelmente um homem adulto, e de como ele teria convencido Leah a ir com ele para a cidade. Os policiais disseram que tentariam rastrear suas contas de *e-mail* até um nome e um endereço verdadeiros e assim esperavam encontrar Leah. Eles entrariam em contato quando soubessem de mais alguma coisa. Mesmo depois que a polícia foi embora, mamãe e papai não falaram nada sobre eu não ter respeitado a decisão deles e usado a internet mesmo depois de eles terem proibido. Acho que eles perceberam que eu já estava muito preocupada.

Ao longo dos dias seguintes os grupos de busca vasculharam cada centímetro de Port Hope e a polícia interrogou todo mundo que foi à igreja naquela manhã. Foram mais de duzentas pessoas, mas ninguém se lembrava de ver Leah entrando em um carro com quem quer que fosse. Emma, seus pais e eu fomos as últimas pessoas a ver Leah. Nem os pais dela a viram na manhã de sábado. Eles só acharam um bilhete dizendo que ela ia para o jogo de futebol com Emma e voltaria para casa após o almoço. Como não era estranho que Leah fizesse aquilo, eles só começaram a se preocupar quando ela não apareceu para jantar.

Sua mãe revirou todas as roupas da filha para entender o que ela estava vestindo e assim a polícia poder divulgar uma descrição dela. Oficialmente Leah usava calça jeans capri, camiseta regata azul-marinho e uma jaqueta cinza com capuz da Gap. Ela calçava sandálias de couro e provavelmente prendera o cabelo em um rabo-de-cavalo.

Todas as noites daquela semana, quando voltava da escola, minha mãe me agarrava em um abraço assim que eu passava pela porta. Ela

ficava olhando para mim com uma expressão engraçada de gratidão. Eu queria fazê-la se sentir melhor sempre que a encontrava chorando, então dizia que a amava e que estava em segurança, assim como Molly e Gus, mas isso só a fazia chorar mais forte, o que me deixava péssima.

7 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Menos de dois dias depois que Leah desapareceu seu retrato apareceu nas notícias locais e em todos os jornais, bem como em folhetos que foram distribuídos. Ela está também em *sites* de crianças desaparecidas de todo o mundo. Não importa para onde eu olhe, seu rosto está lá, sorrindo para mim: na tevê, nos postes da rua, no McDonald's e no Wal-Mart. Cada vez que eu a vejo eu penso como ela está bonita com seus olhos castanhos e o cabelo comprido cor de mel. Isso me faz sentir tanta falta dela que preciso sentar.

Usaram a foto que ela tirou para a escola no sexto ano. Eu lembro como ela finalmente escolheu aquela roupa depois de experimentar outras três, enquanto eu esperava para irmos para a escola. Disse para ela que não importava a roupa, ela ficava bem com qualquer coisa.

Durante as primeiras semanas não conseguia acreditar que Leah estava desaparecida. Era como se meu cérebro se recusasse a cooperar, embora eu lhe desse todas as informações corretas. Eu não conseguia, e não consigo, acreditar que ela foi levada durante o dia sem que ninguém visse nada... Com certeza ela deve ter gritado e esperneado quando um homem adulto tentou arrastá-la para dentro de seu carro. Claro que ela era esperta o bastante para saber que devia fazer uma cena enorme. Mas se ela tinha feito, não havia testemunhas... Não faz sentido...

Acho que as outras pessoas também não conseguem acreditar. Eu lembro de descer para dar boa-noite aos meus pais, naquela primeira noite, e ver os pais de Leah na tevê. A mãe nem conseguia falar, de tanto que chorava, mas seu pai pediu a quem quer que estivesse com Leah que a devolvesse em segurança. A tia e o tio dela também apareceram na tevê, com aparência preocupada e de braços dados com seus pais. Quando mamãe me viu assistindo de trás do sofá ela mudou de canal.

Primeiro eu não conseguia dormir à noite. Ficava na minha cama e imaginava onde Leah estava, pensando em como devia estar assustada. Eu a imaginava em um casebre no mato, caindo aos pedaços, em um porão ou sótão, ou no porta-malas de um carro. Então eu tentava dormir, mas não conseguia. Pensava se ela estaria machucada, ou com fome e frio. Toda vez que fechava os olhos via um homem grande tentando pegar Leah e enfiá-la em seu carro. Ou eu o via tentando agarrar a mim ou Molly... Então acendia a luz da minha

cama e tentava dormir de novo. Mas aquilo não funcionava e ainda atrapalhava Molly. Então eu comecei a acender a luz noturna da Molly e corria para a cama dela, para me sentir mais segura. Nas primeiras noites, quis trazer o Gus também, para que não ficasse sozinho, mas eu sabia que ele acordaria se mexesse nele, o que deixaria minha mãe nervosa. Foi nessa época que mamãe começou a me dar aquelas pílulas brancas para dormir, receitadas pelo nosso médico de família, para quem ela disse que eu não conseguia dormir e parecia um zumbi durante o dia, de tão exausta que ficava. Ela temia que eu surtasse se não dormisse. Então o médico nos receitou uma dosagem baixa de um remédio para dormir. A mamãe só me deu essas pílulas nas piores noites, quando eu então caía em um sono profundo, imóvel e sem sonhos...

8 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Na semana em que Leah desapareceu, a escola se reuniu no ginásio e a polícia apareceu para falar sobre o perigo relativo a estranhos. Todas as meninas ficaram sérias e prestaram atenção, mas quando voltamos para a sala ouvi alguns garotos fazendo piada a respeito. Fiquei tão furiosa que comecei a gritar com eles, e a professora Evans teve que me tirar da classe para eu me acalmar. Os garotos disseram que ninguém mais seria sequestrado em Port Hope, porque as meninas que restaram eram muito feias. Quando contei isso para a professora Evans, ela pareceu que ia explodir. Todo mundo parou de falar quando voltamos para a classe. O silêncio era tão grande que chegava a assustar. Ela deu um longo olhar de repreensão para aqueles meninos, depois chamou sua atenção de modo lento e severo. Eles pareciam arrependidos quando ela terminou. Depois nós revimos as dicas que recebemos na reunião sobre os perigos que estranhos podem representar.

Quando voltei para casa contei para minha mãe sobre a reunião e o que nós aprendemos. Ela pareceu aliviada. Nós criamos uma senha familiar, uma palavra secreta que possamos usar em caso de emergência – no caso de meus pais terem que enviar alguém que não conhecemos para nos pegar e precisarmos saber se podemos confiar nessa pessoa. Mamãe me fez jurar que eu não contaria qual é essa palavra para ninguém, nem para Lexi, Emma, Kelsey ou Amanda. Não posso nem mesmo escrever a palavra, porque ela é completamente confidencial. Nós não a contamos para Molly, porque ela ainda não sabe guardar segredos e provavelmente vai falar a respeito na escola.

10 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Naquele junho foi difícil me concentrar nas provas de final de ano com Leah ainda desaparecida e sua carteira vazia na frente da classe. Mal consegui ser aprovada no sexto ano, e só passei por causa das notas que tive no começo do ano. Como eu podia me importar com matemática ou inglês com minha melhor amiga sumida? Não pude deixar de imaginar se Leah sabia que estava perdendo as provas de fim de ano. Não pude deixar de imaginar se ela podia ver ou ouvir as notícias onde quer que estivesse. Não pude deixar de imaginar se ela fazia ideia de que tanta gente estava a sua procura.

Todos os vizinhos ajudaram a procurá-la, e a busca durou doze semanas seguidas. Até dei um tempo na escola para participar, e depois usei parte das minhas férias de verão para fazer limonada e sanduíches para os homens que vasculhavam o mato e as montanhas em volta da cidade. Mamãe não queria que eu participasse da busca, mas insisti. Para começar nós passamos por todos os parques, vizinhanças e escolas à procura de pistas. Caminhamos ombro a ombro por quilômetros e quilômetros, revirando cada folha de grama. Mas ao fim da primeira semana não tinham sido encontradas evidências nem pistas. A polícia foi de porta em porta no bairro de Leah interrogando as pessoas. Eles fizeram mais de mil horas de interrogatórios, mas não conseguiram nada.

Agora já faz mais de seis meses e as equipes de busca pararam, mas continuo pensando todos os dias em encontrá-la ou em ver ou me lembrar de alguma coisa que ajude a polícia a achá-la. Esse não é um pensamento maluco... Quero dizer, Elizabeth Smart ficou desaparecida por nove meses, depois voltou para casa em segurança. Ouvi dizer que a irmã mais nova de Elizabeth se lembrou de uma pista sete meses depois do desaparecimento e isso levou a polícia a identificar e capturar o sequestrador e encontrar Elizabeth. E a cada cinco ou seis semanas a polícia faz outro apelo público e veicula os detalhes do desaparecimento de Leah, para que isso possa despertar alguma lembrança em alguém. O caso de Leah até passou no programa *Os Mais Procurados da América* pouco tempo depois que ela desapareceu. Alguém, em algum lugar, de alguma forma, tem que se lembrar de algo. Esse caso tem que ter alguma novidade em breve.

12 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Papai veio falar comigo esta noite sobre ter meu próprio quarto. Ele ainda não negou totalmente, mas pediu que esperasse até a primavera para voltarmos a falar no assunto. Ele disse que ainda está muito frio lá embaixo e que no momento eles querem me ter mais perto deles, mas ele disse – com todas as letras – que não estava dizendo “não” em definitivo. Mas é claro que pra mim a sensação era essa mesmo.

14 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Noite passada fizemos uma vigília com velas por Leah no *Lost Lake Park*.

Mamãe saiu à tarde e comprou umas velas bem grandes, além de um acendedor. Ela disse que a loja estava quase sem velas e que ela tinha pegado as últimas grandes. Nós nos preparamos para ir depois do jantar. Papai ficou em casa com Molly e Gus porque eles são muito pequenos para sair numa noite tão fria, mas ele me deu um abraço apertado antes de sairmos e me disse para acender uma vela por ele. Emma e Lexi foram no meu carro, enquanto a mãe de Kelsey levou a filha e Amanda.

Havia tanta gente no centro que houve um engarrafamento nos principais semáforos e as pessoas andavam pelas calçadas. Todos os estacionamentos do centro estavam lotados, então nós tivemos que achar um lugar na rua e tivemos que andar um bom pedaço. Eu nunca tinha visto multidão tão grande em Port Hope, todo mundo triste e andando na mesma direção, carregando cobertores e velas. Mas mamãe ficou grudada em mim e eu me senti bastante segura. Acho que havia pessoas de toda a região, não apenas de Port Hope.

A cena era incrível! O parque estava cheio, com milhares de pessoas e milhares de velas. A noite brilhava com aquelas luzes trêmulas. O ar estava gelado, o que não incomodou enquanto caminhávamos. Mas depois que paramos eu fiquei com frio. Como não parava de tremer, mamãe colocou um saco de dormir em volta de mim e me abraçou. Então nos juntamos à multidão e ficamos vendo as velas queimarem. Parecia que o parque todo estava cheio de estrelas. Havia um grupo de pessoas cantando hinos como *Maravilhosa Graça*, mas, além disso, só havia o som de pessoas se mexendo e fungando.

Eu achava que não restavam mais lágrimas em mim, que tinha chorado todas durante o verão, mas de repente eu não consegui me conter... As lágrimas simplesmente apareceram, e continuaram correndo, mesmo quando eu tentei parar. Havia muita gente chorando alto, principalmente Lexi, Emma e eu. Nós podíamos ter feito um rio com todas as lágrimas que as pessoas derramavam. Foi bom mamãe ter levado uma caixa de lenços de papel, porque todo mundo precisou.

Nós choramos ao passar por uma enorme colagem presa no chão. No alto dizia “Amamos você, Leah”, e embaixo dessas palavras havia

fotos dela desde quando era bebê até de pouco tempo antes de desaparecer. Tivemos que esperar em uma longa fila para ver as fotos, mas fico feliz que o fizemos.

Havia uma foto de todas nós, no ano passado, quando fomos andar de cavalo no sítio da Kelsey, e outra de nós na festa do pijama da Amanda no quinto ano. Havia uma foto de Leah abraçada com a mãe balançando em uma rede, e um retrato dela com o pai de cabelo molhado em uma piscina. Gostei principalmente da fotografia da Leah sentada em um banco no campo de beisebol, de boné e sorrindo. Abaixo da colagem havia um monte de flores, bilhetes, cartões e pelúcias. Procuramos pelos pais dela, mas não os encontramos.

Ficamos por cerca de duas horas, mas depois decidimos voltar para casa porque tremíamos mesmo enroladas em sacos de dormir. Muita gente estava indo embora, mas o parque continuava cheio de pessoas amontoadas perto de suas velas. Deixamos as nossas acesas e voltamos para o carro. Depois de andar um pouco eu me virei para olhar, mas não consegui distinguir nossas velas das outras.

16 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Só mais quatro dias até a festa do pijama da Amanda. Todos os anos, perto do Natal, Amanda recebe Lexi, Kelsey, Emma, eu e Leah para uma festa do pijama. Nós fazemos isso desde o jardim de infância. Não sabia se teríamos a festa este ano, mas imagino que nossos pais tenham conversado e chegado à conclusão de que seria bom para nós. Acho que eles pensaram, principalmente, que seria bom para mim. Nem sei se eu quero ir. Quero dizer, não vai ser a mesma coisa sem a Leah, e todo mundo vai esperar que eu fale e esteja feliz. E não estou a fim. Costumava esperar ansiosa por essa festa durante semanas. No terceiro ano eu a marquei no calendário dois meses antes e perguntava todas as manhãs quantos dias faltavam. Aquilo deixou minha mãe doida. Mas este ano estou com medo...

Amanda acabou de me ligar para dizer os filmes que pegou. Talvez não seja tão ruim se assistirmos a filmes a noite toda. Assim, não vou ter que inventar conversa mole. Como posso ter energia para conversar se tudo que faço é pensar na Leah todos os minutos de todo dia?

Depois que *Os Mais Procurados da América* foi ao ar em junho, a polícia começou a receber dicas sobre o caso de Leah, mas não de pessoas em Port Hope. De alguma forma o FitBoy conseguiu passar pela cidade sem ser visto.

Era como se ele tivesse uma capa de invisibilidade, como no *Harry Potter*.

Nenhuma testemunha viu um carro ou rosto estranho em Port Hope naquele sábado. Mas quando a notícia a respeito de Leah se espalhou, o público começou a telefonar dando dicas, e logo ficou claro que o FitBoy escrevia para cerca de vinte meninas usando identidades diferentes e fingindo ser um garoto novo.

Não consigo evitar de pensar no que teria acontecido se eu tivesse concordado em me encontrar com o D_Mais. Sei que eu estaria desaparecida, não Leah. Então seria ela a vasculhar valas e parques. Às vezes, imagino meu pai, minha mãe, Molly e Gus chorando o tempo todo e tentando dar entrevistas. Não aguento pensar nisso, mas também não consigo evitar.

Uma noite ouvi papai e mamãe conversando no quarto deles. Sei que não devia ficar escutando a conversa particular dos dois, mas não

pude evitar depois que ouvi o nome da Leah. Papai falou “não acho que ela vai ser encontrada viva”. Acho que minha mãe deve ter lhe repreendido com o olhar, porque ela disse “mais uma razão para rezarmos por ela e sua família”.

Eu ainda rezo por ela toda noite, às vezes por horas, mas nada de bom vem disso. Já não sei mais se acredito em Deus.

17 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Pouco depois que a história de Leah apareceu em *Os Mais Procurados da América* o detetive Lucas veio a nossa casa conversar comigo, mamãe e papai.

Ele não estava vestido como policial porque trabalha disfarçado. E não veio em um carro de polícia, mas em um carro azul comum. Ele nos disse que a polícia não tinha conseguido rastrear o Fitboy ou o D_Mais através de suas contas de *e-mail*, e que não estavam mais perto de encontrá-lo do que estavam no dia que me levaram para ajudá-los a entrar no computador de Leah. A polícia acreditava estar lidando com um especialista em informática, alguém que conseguia invadir sistemas e apagar seu rastro. Mas o detetive Lucas também acreditava que eu podia ajudar a pegar o sequestrador da Leah. Ele queria que eu recommencesse a escrever para o D_Mais, e assim tentar atraí-lo para um encontro comigo, para que a polícia pudesse prendê-lo em flagrante. Com todos os *e-mails* que o D_Mais tinha escrito para mim e Leah, e para todas as outras garotas que apareceram, a polícia montara um perfil psicológico dele. Mas, disse o detetive, além de Leah, ele era mais ligado em mim. A polícia esperava que eu pudesse escrever alguma coisa que despertasse o interesse dele novamente, ainda que só por *e-mail*, ara começar.

Eu não sabia se ficava entusiasmada ou assustada. Quero dizer, queria ajudar a pegar aquele vagabundo, mas não sabia se iria aguentar escrever para ele de novo. E a polícia achava que ele estaria mais alerta, pois o desaparecimento da Leah havia sido muito divulgado, além do fato de ela ter sido atraída por um predador da internet.

Mamãe ficou totalmente contra a ideia desde o começo, mas papai fez com que ela escutasse o detetive. Na hora não falei muita coisa, porque estava assustada e confusa. O detetive Lucas não ficou muito tempo naquela primeira visita. Ele sugeriu que nós tirássemos um ou dois dias para conversar a respeito. Mas quando ele terminou de falar eu já estava convencida de que a polícia precisava da minha ajuda, e eu não podia não ajudar... Eu só queria trazer Leah de volta e tirar aquele vagabundo das ruas.

O detetive Lucas era maneiro. Não era velho como meu pai, e estava muito mais ligado nas coisas que eu e minhas amigas gostamos. Ele sabe tudo de Facebook, mensagens de texto e os melhores *sites* para se baixar MP3. Sei disso porque nós conversamos antes de ele ir embora,

enquanto mamãe e papai ficaram na sala *discutindo* aquela ideia. O detetive Lucas disse que eu poderia ajudar muito e que ele nunca me deixaria correr qualquer risco. Ele me disse que eu estaria em segurança e que sempre poderia confiar nele. Ele tinha bonitos olhos castanhos. Senti que ele me entendia, mais ou menos...

Depois que Molly e Gus foram para a cama, mamãe, apai e eu passamos um bom tempo conversando sobre o que fazer. É claro que minha mãe disse não.

– Com certeza ele pode encontrar outra pessoa – disse ela. – Quero dizer, Maxine tem estado tão estressada. Ela já sofreu tanto. Não acho que isso seja o melhor para ela. Além disso, como podemos confiar nossa filha a um estranho, mesmo que seja policial?

– Mãe, eu estou aqui! – disse eu. Odeio quando ela fala de mim como se eu estivesse em outro canto da casa.

– Desculpe, querida, mas não gosto dessa ideia. Apesar de querer muito a Leah de volta, tanto quanto quero ver esse sujeito preso, não quero correr esse risco. Não consigo. Eu me recuso a deixar você se envolver.

– Debbie, vamos pensar racionalmente. O detetive Lucas disse que a polícia já pensou muito e Maxine é a melhor opção que eles têm. Esse cara sabe como Maxine escreve e pensa, o que ela diz e como diz. Ele é especialista em entrar na cabeça das crianças e, por mais perturbadora que seja essa ideia, ele já entrou na cabeça da Maxine. Ele vai reconhecer um imitador num instante, e então a oportunidade estará perdida para sempre.

Essa pode ser a única forma de encontrarmos a Leah. Você não iria querer que Leah ajudasse, se a situação fosse outra?

– Eu sei, mas... – respondeu mamãe.

– Eles não pensariam em envolvê-la se não fosse preciso. Além disso, você ouviu o que ele disse. Ela vai estar em segurança. Vai ser protegida e supervisionada pela polícia a cada passo.

– Eu simplesmente não sei...

– Maxine, o que você acha? A decisão deveria ser sua.

Pelo menos papai não estava me tratando como um bebê. Eu pensei bastante antes de dizer qualquer coisa, mas assim que comecei a falar,

tudo ficou claro.

– Talvez eu devesse ajudar. Quero dizer, não vou correr nenhum risco só por escrever *e-mails*. D_Mais continua sem saber quem eu sou. Se isso vai nos ajudar a encontrar a Leah, como posso dizer não? Talvez isso possa me fazer sentir melhor, se eu ajudar. E talvez possa evitar que outra garota também desapareça.

– Escute sua filha, Debbie. O que ela está dizendo faz sentido. Ela é inteligente e madura e acredito que possa fazer isso. Vamos ficar de olho em tudo – disse meu pai.

Papai veio e se sentou no sofá entre mim e mamãe. Ele colocou um braço ao redor de cada uma e apertou. Mamãe não falou por um longo tempo, e nós só ficamos sentados ouvindo o aquecedor jogando ar quente na sala.

– Tudo bem – mamãe concordou. – Mas fiquem sabendo que acabo com tudo isso se as coisas forem longe demais – sua voz estava tremendo e então ela se levantou e saiu.

E foi assim. Papai telefonou para o detetive Lucas e disse que eu ajudaria.

Eu conversei com o detetive pelo telefone e ele estava bem animado. Ele disse “bem-vinda ao time, Max. Acho que você vai se sair muito bem”.

Gostei de como ele me chamou de Max, o mesmo jeito que minhas amigas falam.

No dia seguinte fui à delegacia de polícia escrever meu primeiro *e-mail*. Eu sabia exatamente o que dizer: > Oi, D_Mais, gato. Desculpe ter sumido por algumas semanas. Primeiro nós estávamos de férias, e depois as coisas ficaram impossíveis em casa, porque voltei para casa depois do horário de novo e fiquei de castigo, então não pude usar o computador. Pais! É pra pensar que eu tenho cinco anos, do jeito que me tratam. Acredita? Bom, mas minha mãe resolveu que eu sou responsável o suficiente para voltar a usar a internet... Espero que você não esteja triste por não ter notícias minhas por tanto tempo. Eu me senti tãããoo mal por não poder escrever para você. Pode acreditar, eu teria escrito se pudesse. Espero que entenda. Tive que dar duro para recuperar a confiança dela. Estou trabalhando de babá e limpando a casa todo dia. Me sinto a verdadeira Cinderela. Sinto tanto

a sua falta que estou ficando louca. E você? Encontrou outra gata para escrever?

Bjs

Depois desse *e-mail* sabia que nós iríamos pegar o cara e salvar Leah.

Fiquei ansiosa durante dias, esperando que tudo acabasse e imaginando como seria ótimo revê-la novamente. Queria tanto trazê-la para casa. Nós esperamos, esperamos e observamos e observamos. Depois de duas semanas eu liguei para o detetive Lucas para ver se podia tentar de novo. Ele disse sim e eu escrevi outro *e-mail*.

Ei, D_Mais gato. Meu coração está em pedaços. Não só porque você não me responde, mas porque eu decepcionei você. Mesmo que você me perdoe acho que eu não vou me perdoar. Não vou me esquecer de você e vou continuar esperando, para sempre. Sua gata da internet. Gatímida.

Quando cliquei “enviar” esperei de todo coração ter escrito a coisa certa para atrair o D_Mais. Eu sabia que aquilo era o melhor que podia fazer, e o detetive Lucas disse que a mensagem era perfeita porque deixava um convite em aberto. Então começamos a esperar de novo. Eu ligava três vezes por dia para o detetive Lucas para que ele verificasse minha conta no Hotmail e me desse alguma notícia. Mas aquilo não era necessário. Ele estava o tempo todo de olho no meu *e-mail*. No fim, D_Mais nunca respondeu, ou pelo menos ainda não, e já se passaram seis meses. Sinto como se eu tivesse falhado de novo. Sinto-me mal por decepcionar o detetive Lucas e principalmente por decepcionar Leah novamente. Fico imaginando que eu deveria ter escrito algo diferente, apesar de o detetive já ter me dito umas vinte vezes que a culpa não é minha, que D_Mais provavelmente está muito assustado para responder. Ele me disse para telefonar caso eu lembre de algo importante. E

toda vez que nos falamos ele fala para eu não me preocupar, que eles vão achar outra forma para encontrar Leah, e que uma equipe completa investiga esse caso.

18 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Montamos nossa árvore de Natal esta noite. Papai levou a Molly para comprar o pinheiro enquanto mamãe fazia chocolate quente e eu brincava com o Gus. A árvore é bem bonita e a Molly está toda animada, mas estou tendo dificuldade para mostrar alegria, ainda que seja por minha irmãzinha.

Mamãe me deu dinheiro para comprar presentes, mesmo eu tendo o dinheiro que ganhei trabalhando como babá.

– Compre alguma coisa para Molly e Gus. Ah, e para a vovó – disse ela, que também me perguntou, de novo, o que eu queria, mas não consegui pensar em nada. A não ser Leah, que eu sabia que não devia mencionar.

Então só deixei meus olhos se encherem de lágrimas e respondi que não tinha importância.

Leah está desaparecida há sete meses, 211 dias para ser exata. No começo tinha certeza de que era questão de tempo para ela voltar. Mas agora já não sei o que pensar. Tenho medo de pensar nisso.

19 DE DEZEMBRO

Querido Diário, *Os Mais Procurados da América* transmitiu de novo o episódio sobre Leah, e agora uma notícia de impacto apareceu! Eu vi na tevê depois do jantar. Em março, na época em que eu e Leah frequentávamos o *Habbo Hotel*, uma garota escapou para o McDonald's perto de sua casa sem a permissão dos pais. Ela foi até lá para se encontrar com alguém que conhecia como Sk8er8, que tentou fazê-la entrar em seu carro. A reportagem não disse o nome da menina, que contou à polícia ter ido se encontrar com um garoto, mas quando chegou lá foi abordada por um homem que disse ser pai do Sk8er8. Ele afirmou que o filho tinha quebrado o braço e estava descansando em casa, mas que levaria a menina até lá para poder se encontrar com ele conforme planejado. A garota disse que tudo bem, mas ela marcaria um encontro com o Sk8er8 em outra data, porque não podia entrar no carro de um estranho. Ela disse não ter se apresentado antes porque tinha medo de que os pais ficassem bravos quando descobrissem o que tinha feito. A garota tinha apenas dez anos na época.

Então a polícia tem agora uma descrição do carro e um desenho do homem, e tudo isso apareceu no noticiário desta noite. Ele tem uma aparência muito assustadora – rosto bem magro e cabelo curto espetado, que, segundo a polícia, deve estar mais longo agora. Também sugeriram que ele pode ter deixado a barba crescer.

Fiquei olhando para o retrato no jornal. Não dava para acreditar que aquilo fosse, provavelmente, meu D_Mais.

20 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Estou na festa do pijama da Amanda e são 3 da manhã. Todo mundo está dormindo, menos eu. Gostei de ter vindo. Depois de assistirmos aos filmes nós pintamos as unhas com cores malucas e ouvimos Sum 41 até a mãe da Amanda falar para desligarmos o som. Não falamos muito de Leah, mas fizemos cartões de Natal e escrevemos mensagens especiais para ela. Eu me ofereci para levar esses cartões até a casa dela, amanhã, e colocá-los junto das outras coisas que estão lá.

Desde que ela desapareceu, a frente da casa da Leah está coberta de flores, cartões e centenas de velas acesas, o que faz o ar ter cheiro de cera quente o tempo todo. Quando mamãe viu a cena pela primeira vez, ela disse que aquele era um santuário mais bonito do que o da Princesa Diana da Inglaterra. Quando passo por lá não consigo acreditar na montanha de flores.

Colocam flores novas todo dia. As pessoas vêm da cidade para se sentar ali e observar as coisas empilhadas ou ler as mensagens e os cartões. Também há ursos de pelúcia. Nos primeiros dias eu coloquei meu urso Sherbert azul na pilha, porque Leah sempre quis um. Depois mamãe me comprou outro. A polícia também estava todo dia lá, no início, para ver se alguém suspeito aparecia. Também colocaram um retrato enorme da Leah, o mesmo que aparece nos jornais e na tevê, com um letreiro dizendo “Vamos trazer você para casa, Leah”. É tão otimista e triste ao mesmo tempo.

21 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Vovó chegou hoje cheia de “beijos e sorrisos”, como diz meu pai. Ele também disse que ela parece bem mais velha do que estava no verão, mas mamãe disse que ela está igual e continua cheia de disposição. Às vezes, não entendo os adultos. Bem, a primeira coisa que vovó insistiu em fazer foi nos levar até o centro para comprarmos doces. Então colocamos nossos casacos e pusemos Gus no carrinho. Molly se pendurou na frente e começamos a andar.

Vovó comentou como as casas ficavam bonitas com as luzes de Natal e como ela tinha saudades de Port Hope, e que se tivesse coragem voltaria para cá, agora que o vovô morreu.

– Este lugar me lembra de quando tinha sua idade – disse ela, com aquele jeito sentimental de falar que os velhos têm, aquele jeito que faz você perguntar alguma coisa para que eles continuem se lembrando em voz alta.

– Você morava aqui quando tinha a minha idade? – eu perguntei, embora não quisesse pensar nela com doze anos.

– Morei sim.

– Você é bem velha agora? – perguntou Molly e a vovó riu.

– Acho que sim, mas ainda tenho alguns anos.

– Tem alguns anos para quê? – perguntou Molly.

– Para viver – respondeu a vovó.

– Antes de você começar a perder os dentes e o cabelo? – perguntou Molly, novamente.

– Molly, querida – disse a vovó –, faz anos que eu perdi os dentes.

Então ela tirou os dentes e os mostrou na palma da mão. É uma dentadura que ela coloca em um copo de água à noite. É bem nojento. A vovó deve ter pensado que Molly acharia maneiro poder tirar os dentes, mas Molly começou a gritar. Com ela gritando, logo começou o Gus.

– Molly pensa que quando a pessoa começa a perder os dentes ela se desfaz e vai flutuando para o céu – tentei explicar por cima da

gritaria.

– De onde ela tirou uma ideia dessas? – perguntou a vovó.

Eu dei de ombros e respondi: – Sei lá!

Quando conseguiu se acalmar, Molly puxou seu colar com o dente e o mostrou para a vovó. Fungando, ela disse: – Está vendo, já começou a acontecer comigo e ainda sou pequena.

Isso fez a vovó rir de novo. Quando chegamos à avenida as pessoas olhavam para a vovó rindo, Molly chorando e Gus gritando só para ouvir seu próprio grito. Devíamos estar parecendo uma turma de lunáticos. Tive vontade de virar um fantasma e sumir quando vi um colega da escola.

Quando voltamos para casa eu fiquei na sala de estar e assisti *Arthur* na tevê com Molly e Gus. Não quero ficar a sós com a vovó porque sei que ela vai querer falar da Leah, do mesmo jeito que ela fazia quando esteve aqui no verão. Ficar perto de Molly funcionou, ou então mamãe disse para a vovó não tocar no assunto, porque ela ainda não tentou conversar sobre isso comigo.

22 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Mamãe levou Molly e eu para fazer compras de Natal. Isso que é deixar para o último minuto. Normalmente nossas compras são resolvidas até o meio de dezembro, mas este não é um ano normal. Deixamos Gus com a vovó porque ele sempre foge nas lojas grandes e nós íamos ao Wal-Mart. Molly ficou muito animada por ir conosco, principalmente porque Gus ia ficar em casa.

Comprei uma boneca Polly para minha irmãzinha e um trator do Bob, o Construtor, para o Gus. Comprei duas velas com aroma de canela para a vovó e ainda me sobrou dinheiro para comprar sais de banho de jasmim para a mamãe e um CD do Eagles que estava na cesta de promoções para o papai.

Ele adora esse tipo de música velha. Fiquei sem dinheiro para comprar algo para minha tia Laurie, mas mamãe disse ter um jogo de toalhas de chá de Natal que eu poderia dar para ela.

No caminho de volta para casa pedi para minha mãe passar pela casa da Leah, para que eu pudesse deixar os cartões que fizemos na festa do pijama da Amanda. Não havia muitas velas acesas e parte das flores estava coberta porque nevou hoje, mas ainda tem alguns cartões de Natal, coroas e até um prato de biscoitos. A mãe dela deve ter levado os ursos de pelúcia para dentro para mantê-los secos. Mamãe estacionou o carro e eu corri pela calçada para colocar os cartões no alto da pilha. Tive uma sensação de solidão. Acho que as pessoas estão perdendo a esperança. Eu mesma me sinto perdendo um pouco de esperança todos os dias, embora não faça isso de propósito. A esperança foge de mim... Tento evitar, no caso de ser ela que irá trazer Leah de volta para casa, mas não consigo fazer nada para mantê-la dentro de mim.

Eu costumava pensar que conseguia sentir Leah onde quer que estivesse, que podia senti-la pensando em mim, e tentei muito usar algum tipo de poder psíquico para me comunicar com ela. Mas agora me pergunto se isso não foi apenas uma ilusão criada por minha vontade, porque o sinal está perdendo a força. Não consigo mais dizer o que estou sentindo. Não consigo separar o que sinto do que eu quero sentir... Está tudo confuso aqui dentro, e quanto mais tento entender, mais confusa fico.

23 DE DEZEMBRO

Querido Diário, O detetive Lucas telefonou para nós esta noite. Meu coração disparou quando mamãe me entregou o aparelho e disse quem era. Tive certeza de que iria ganhar um presente de Natal adiantado, que *Os Mais Procurados da América* produzira uma pista sólida. Mas ele não tinha nenhuma boa notícia. Ele só ligou para dizer que continuaria trabalhando, até durante o feriado. Ele disse que apareceram mais algumas meninas falando de garotos que queriam encontrá-las pessoalmente após as conhecerem na internet, mas não estavam relacionados ao FitBoy ou ao D_Mais.

Antes de se despedir ele perguntou mais uma vez se havia algo que tinha lembrado, mas eu disse que não. Prometi, de novo, que ligaria se lembrasse de algo, e ele me prometeu ligar se tivesse novidades. Acho que ele conseguiu ouvir o desânimo na minha voz, porque me disse para não desistir.

– Um caso como este pode ter uma novidade a qualquer momento, Max.

Basta uma pista, com um detalhe que pode parecer insignificante, para nos colocar na direção certa. Ainda não desisti e você também não deveria. Tente apenas aproveitar o Natal e não pensar muito em tudo isso. Você pode se lembrar de algo se conseguir dar uma folga ao seu cérebro.

Então, é claro, agora estou tentando não pensar muito nisso, para o caso de ter alguma pista importante trancada na minha cabeça. Então eu percebi que estava pensando muito em não pensar muito, e acabei com uma bela dor de cabeça.

24 DE DEZEMBRO

Querido Diário, É véspera de Natal e finalmente estamos prontos, embora dê para perceber que ninguém está muito animado. A tia Laurie veio passar uns dias conosco, como sempre faz. Ela me perguntou se estou escrevendo meu diário e respondi que “siiiim”.

Esta noite, após o jantar, pusemos nossos casacos e saímos para andar e ver as casas decoradas e iluminadas para o Natal. Puxamos Molly e Gus no trenó e levamos uma garrafa térmica com chocolate quente para nos aquecermos. A coisa toda de caminhar na véspera do Natal é uma tradição da nossa família que, imagino, vem de quando a vovó tinha minha idade. Nós saímos todos os anos, mesmo quando há nevasca. Hoje estava nevando – aqueles flocos grandes, exagerados, que parecem ter saído de um cartão de Natal ou de um filme –, e assim os gramados, as casas e árvores estavam cobertos por uma delicada renda branca. Foi uma noite linda e todo mundo fingiu estar feliz.

Mas a encenação era apenas para Molly e Gus.

Eu caminhei a maior parte do tempo ao lado dos adultos, mas então Gus quis “Zine no tenó”, e papai garantiu que conseguia puxar seus três filhos por algum tempo. Então subi no trenó atrás de Gus e Molly e fui assim até em casa, abraçando meus irmãozinhos. Primeiro papai fingiu que eu era pesada demais e fez todo mundo rir ao gemer e bufar para fazer o trenó se mexer, mas não acho que meu peso fez tanta diferença, orque o papai é bem forte. Os adultos caminharam na frente e comentaram como as casas estavam bonitas e, embora não fizesse parte da conversa, eu podia ouvir tudo que diziam.

Preferi ficar aquecida e perto de Molly e Gus, onde não tinha que conversar.

Quando voltamos para dentro nós nos preparamos para dormir e a vovó leu *A Véspera de Natal* para nós, como sempre faz todos os anos. Então colocamos um prato de biscoitos e um copo de leite para o Papai Noel, e uma cenoura para Rodolfo, a rena do nariz vermelho. Molly perguntou por que não deixávamos cenouras para todas as renas, mas mamãe disse “não se preocupe, as outras pessoas também deixam cenouras, então vai ter para todo mundo”. Neste momento Molly e Gus estão em suas camas. Molly dorme profundamente, roncando um pouquinho e, como de costume, estou debaixo das

cobertas escrevendo para você. Os adultos estão lá embaixo enchendo as meias, e eu mal consigo ouvir suas vozes flutuando pela escada. Fora isso a casa está bem sossegada.

Estou tentando não imaginar como está sendo a véspera de Natal na casa da Leah, ou onde minha amiga está agora. Em vez disso tento relaxar minha mente, ara que qualquer pista importante possa surgir. É claro que é impossível relaxar com tantos pensamentos indo e vindo. Essa é só mais uma forma de eu decepcionar a Leah. Lá vou eu de novo, pondo muita pressão em mim mesma, ficando ansiosa e me culpando do jeito que todos dizem para não fazer.

25 DE DEZEMBRO

Feliz Natal, Leah. Onde quer que você esteja... Emma me deu uma foto emoldurada de todas nós naquele verão em que fomos ao Lago Loon para nadar. Lembra disso? De como ficamos nos bronzeando sobre as pedras a tarde toda e pulamos do penhasco? Você parecia bem feliz. Você não faz ideia de como dói seu desaparecimento...

Eu me pergunto se o detetive Lucas tirou um dia de folga do seu caso.

Espero que não... Se não soubesse que cada centímetro quadrado de Port Hope já foi vasculhado eu mesmo sairia para procurar você.

28 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Finalmente aconteceu! Desde junho tenho tido o mesmo sonho assustador com Leah, e ele sempre me deixa sentindo um vazio por dentro. No meu sonho Leah está encolhida no canto de uma casa vazia, tremendo de frio.

Quando entro ela fica feliz por me ver e lhe dou meu casaco. Eu lhe digo que vou levá-la para casa, onde ela deveria estar. Ela parece muito triste... Ela diz que não pode ir para casa, que não sabe mais o caminho. Eu a levo até a janela para olhar, mas só conseguimos ver branco, como se lá fora tivesse uma neblina muito forte. Mas na noite passada eu sonhei que nós chegamos a sair da casa para o meio daquele branco. Continuamos sem conseguir enxergar nada, mas eu senti uma cerca com as mãos e comecei a segui-la. Eu disse para Leah segurar nas minhas costas e fui acompanhando a cerca. Então eu não consegui mais senti-la atrás de mim e parei para esperá-la. Chamei por seu nome, mas ela não respondeu. Esperei e esperei, chamei e chamei, até minha voz sumir... Então a neblina clareou e eu me vi no meio de uma plantação, sozinha. Foi aí que acordei... Eu tremia porque meu edredom tinha caído no chão. Será que é um sinal? Vou ter que ligar para o detetive Lucas para lhe contar o sonho.

29 DE DEZEMBRO

Querido Diário, Eu liguei para o detetive Lucas contando meu sonho. Ele achou que era boa notícia, que eu estava me dando permissão para pensar, sentir e lembrar. Mas a notícia realmente boa é que eles acreditam ter uma pista! Uma garota de catorze anos foi abordada em um fórum do *Tomb Raider*. Um “garoto de quinze anos” tentou convencê-la a se encontrar com ele para que os dois fossem jogar *laser tag* juntos. O sujeito disse que estava na hora de eles “aproveitarem o dia” e se divertirem ao máximo durante o feriado. Não posso contar para ninguém, mas a polícia está tentando rastrear esse usuário até uma conta de *e-mail* e um endereço real.

10 DE JANEIRO

Feliz Ano-Novo, Leah. Foi um ano terrível. Fico feliz que tenha acabado.

Você deve saber que meu desejo de Ano-Novo é trazer você para casa...

5 DE JANEIRO

Querido Diário, Eu sobrevivi ao primeiro dia na escola após o feriado. Foi tão horrível quanto eu achei que seria, mas pelo menos terminou. Nosso professor do sétimo ano, professor Conroy, pediu que nós escrevêssemos uma história ou poesia que ele vai enviar a um concurso de redação. As poesias podem ter qualquer formato. As histórias podem ser sobre qualquer coisa, mas têm que ser de ficção e precisam ter diálogo. A primeira versão tem que ser entregue em uma semana. O problema é que não sinto vontade de escrever uma história ou poema. Não quero nem mesmo pensar... Por que ele não entende que é difícil ter vontade de escrever uma história ou poesia quando se perdeu sua melhor amiga? Eu nem sei como as outras conseguem arrumar vontade suficiente para fingir que têm vontade de escrever. Elas parecem ter se esquecido de Leah e isso me deixa muito brava. No intervalo elas ficam falando do que aconteceu em *Survivor* ou *American Idol*, ou o que Malcolm fez com Reese, como se essas coisas fossem reais e importantes. Elas até acham que essa tarefa é interessante. Lexi já está tramando sua história. Mas eu não tenho nenhum interesse por nada disso.

Acho que parte do problema está no fato de que eu não gosto do professor Conroy. Na verdade não gostei dele desde que começaram as aulas, em setembro. Eu sei que ele está se esforçando, mas me incomoda o jeito que age, feliz o tempo todo, como se nem mesmo soubesse que Leah está desaparecida. A única coisa boa nele é que não tem favoritos – isso está deixando a Gracie doida, porque no ano passado a professora Evans sempre pedia para a Gracie levar a folha de presença para a secretaria, o que a fazia vibrar. Não é de estranhar que ela quase não tenha amigos.

Tive a primeira sessão do ano com minha terapeuta. Quando ela perguntou o que eu andava fazendo, respondi que escrevia no diário quase todo dia, e isso pareceu deixá-la feliz. Os adultos parecem obcecados com a ideia de que devo escrever um diário. Eles parecem tão aliviados quando digo que tenho escrito. Também gostaria de ficar feliz assim... Não contei para ela o sonho que tive. Eu não quis ter que falar e pensar a respeito e assim correr o risco de me sufocar. Desde que tive esse sonho sinto que algo importante está finalmente tentando aparecer.

6 DE JANEIRO

Querido Diário, Houve uma matéria no noticiário desta noite sobre uma garota do ensino médio que foi contatada através de sua página pessoal na internet para posar para fotografias em um estúdio na cidade. O fotógrafo tinha visto uma foto dela no Facebook, achou que ela tinha qualidades de modelo e se ofereceu para fazer algumas fotos para o *book* dela. Em vez de ir se encontrar com esse homem ela procurou a polícia. Quando vasculharam o estúdio dele, os policiais encontraram centenas de imagens de crianças nuas. Agora o sujeito está sob custódia da polícia e foi indiciado por posse de pornografia infantil.

É claro que a polícia está verificando possíveis ligações com outros casos.

Talvez ele tenha algo a ver com a Leah...

7 DE JANEIRO

Querido Diário, Não fui à aula esta manhã porque tive que ajustar meu aparelho de novo. O

ortodontista disse que está satisfeito por ver como meus dentes estão indo para o lugar certo e que talvez possa tirar o aparelho antes do prazo, se tiver sorte. Não vou contar com isso...

Mamãe e papai tiveram uma briga daquelas esta noite. Eu sei que foi “daquelas” porque o papai nos levou – até o Gus – para jantar no Napoli’s Pizza e a mamãe não foi junto. Ela nem saiu do quarto. Papai disse que ela estava com dor de cabeça, o que nunca é verdade. Por que os adultos podem mentir?

Jantar fora foi esquisito, porque mamãe não estava conosco e papai ficou triste e quieto. Eu disse para ele que preferia ficar em casa para tomar conta da mamãe e que poderia esquentar sopa de tomate, mas ele insistiu para que eu fosse junto. Molly quis que sua amiga imaginária Georgia fosse conosco.

Tivemos que dar espaço para ela sentar no carro e manter a porta do restaurante aberta tempo suficiente para Georgia entrar. Depois precisamos nos sentar a uma mesa reservando uma cadeira vazia para a “amiga”, que ficou com um copo de água à frente, porque Molly disse que ela queria algo para beber. E papai se recusou a lhe comprar um achocolatado. Eu me senti como uma tonta incluindo Georgia na conversa, mas papai precisava de um tempo e aquilo deixou Molly feliz. Gus estava bonzinho, melhor do que é normalmente em restaurantes, e ficou sentado o tempo todo no cadeirão comendo pãozinho e bebendo achocolatado com seu copinho de bico. Eu comi uma pizza brotinho havaiana, que normalmente é a minha favorita, mas esta noite ela parecia feita de borracha. Pelo menos meus dentes ainda não começaram a doer.

Quando chegamos em casa papai foi para o escritório adiantar seu trabalho. Mamãe saiu do quarto para dar banho em Molly e Gus e ler histórias para eles. Embora seja divertido sair para comer, eu odeio quando meus pais brigam, porque a casa fica em silêncio e sinto pena de quem é deixado para trás. Eu prefiro quando estamos todos numa boa. Gostaria que eles não estivessem brigando por minha causa, mas tenho certeza de que era.

Tenho certeza de que a briga foi por causa do meu “estado de

espírito”.

Mamãe acha que eu preciso de mais ajuda do que estou recebendo e papai acredita que só preciso de tempo para me encontrar. Estou com o papai nessa.

8 DE JANEIRO

Querido Diário, Decidi escrever uma poesia para Leah para o concurso de redação. Esta é a primeira versão.

Para Leah, Minha Melhor Amiga: ESPERO QUE POSSA VER O MUNDO, DE ONDE QUER QUE ESTEJA.

PRA VOCÊ, NOSSA ESTRELA SUMIDA, VER NOSSOS MEDOS, LÁGRIMAS E TRISTEZA.

NUM MINUTO VOCÊ ESTAVA AQUI, PARA ENTÃO SUBITAMENTE DESAPARECER.

POR QUE ESTÁ LONGE JÁ HÁ TANTO TEMPO...

NINGUÉM CONSEGUE COMPREENDER.

SUA FAMÍLIA NÃO PARA DE CHORAR, E FLORES SE ACUMULAM EM SUA CASA.

AQUI NÓS TEMOS UNS AOS OUTROS, MAS SOFREMO COM VOCÊ AFASTADA.

TODOS SENTEM O VAZIO, QUE VOCÊ DEIXOU AQUI.

PARA SEU ROSTO, NA FOTO DA ESCOLA, TODOS NÓS TENTAMOS SORRIR.

9 DE JANEIRO

Querido Diário, O professor Conroy me pediu para ficar depois da aula. Pensei que estivesse encrencada com alguma coisa, mas não consegui imaginar o que seria.

Então fiquei na minha carteira enquanto os outros saíam da sala. Lexi olhou para mim para ver se eu parecia preocupada. Mas eu não estava... O

que o professor Conroy podia fazer que fosse piorar as coisas ainda mais?

Mas ele só queria conversar sobre a minha poesia. Ele perguntou se eu costumava escrever poesias.

– Não – respondi.

– Alguém a ajudou? – perguntou ele.

– Não – disse eu. – Eu escrevi ontem à noite, antes de dormir.

– Esta é a primeira versão? – ele pareceu surpreso.

– O senhor *disse* que deveríamos entregar a primeira versão hoje.

– Eu sei... Está bem... Só estou surpreso que você tenha acertado de primeira.

– Rabisquei algumas palavras e depois as copieei.

– Está muito boa – disse ele.

– Obrigada... – eu disse. O que mais podia dizer?

– Você se importa se eu enviar sua poesia para uma revista, além do concurso?

– Não, não me importo... Mas posso ir agora? Tenho que pegar minha irmã no jardim de infância e ela fica preocupada quando me atraso.

Ele sorriu e fez que sim com a cabeça, então eu corri e encontrei Molly quase chorando porque era a última na classe com a professora.

Também tive uma notícia desanimadora do detetive Lucas esta noite. A garota que foi convidada para jogar *laser tag* admitiu ter pedido a um amigo para escrever aquele *e-mail*. Ela só queria chamar atenção. Estou além de desanimada. Como ela pôde fazer uma coisa dessas? A garota pensa que isso é uma brincadeira, mas não é. Os policiais podem ter perdido um tempo precioso investigando essa pista, tempo que poderia tê-los ajudado a encontrar Leah.

10 DE JANEIRO

Querido Diário, A briga dos meus pais parece ter acabado, ou pelo menos melhorado.

Voltamos a comer em família, e os dois estão conversando um pouquinho.

Quando a mamãe veio colocar a Molly na cama disse que esperava que os dois não estivessem brigando por minha causa, e ela respondeu que “não teve nada a ver com qualquer coisa que você deva se preocupar”. Mas como eu não vou me preocupar? Pais se separam o tempo todo e isso é muito chato.

Acho que não aguentaria se meus pais morassem em casas diferentes e eu tivesse que ficar indo de um lugar para outro.

Quando Kelsey estava no terceiro ano seus pais se separaram e agora ela mora com a mãe, o padrasto e a meia-irmã, que nunca ajuda em casa e reclama o tempo todo. Esse é um dos motivos pelos quais eu não gosto de dormir na casa da Kelsey. Não aguento a meia-irmã dela, a Allie, de papo com a gente. E se a Kelsey reclama, a mãe dela diz que ela tem que ser boazinha com a Allie porque ela não tem mãe. Kelsey diz que Allie rouba toda a atenção e ainda inventa mentiras para complicar sua vida. Mas eu provavelmente não deveria ficar tão preocupada com tudo isso. Aposto que a Leah ficaria feliz só por estar em casa, mesmo que seus pais brigassem o tempo todo ou que estivessem separados e vivendo em planetas diferentes.

12 DE JANEIRO

Querido Diário, Estou tão mal que não consigo comer nem dormir e faltei à aula hoje. Acho que nunca vou me recuperar... Acho que nunca mais vou conseguir fazer nada... Eu simplesmente gostaria de parar de respirar... Não suporto ter que pensar no que aconteceu e não sei se suporto escrever sobre isso...

Encontraram o corpo da Leah... Estava na floresta ao leste da cidade. Um fazendeiro a encontrou enquanto passeava com seu cachorro. O tempo esquentou esta semana, então toda a neve derreteu e a deixou exposta. A polícia diz que ela ficou lá meses e meses, deitada, sozinha... Mas as folhas e o mato a cobriram durante o verão e o outono. Ela deixou os ossos para trás e flutuou até o céu...

Eu vi a família dela no noticiário e todos estavam péssimos. Sua mãe não parou de chorar o tempo todo e parecia que não dormia há um ano. Até o tio e a tia estavam chorando e tinham os olhos inchados e os rostos vermelhos.

Seu pai conseguiu dizer algumas palavras. Ele disse que estavam revivendo o pesadelo, mas que agradeciam a todos pela ajuda e por suas orações. Minha mãe também está mal. Mas eu estou pior ainda... Eu acho que já sabia que Leah estava morta, mas ter certeza disso é voltar ao começo, quando ela desapareceu. Ficaram tantas perguntas sem resposta... Sempre que fecho os olhos vejo a Leah deitada no frio, sozinha, e minha garganta apertada tanto que eu acho que vou sufocar. Sei que poderia ser eu lá, morta, e de certa forma acho que seria melhor se fosse assim. Dói demais continuar por aqui...

15 DE JANEIRO

Querido Diário, Eu perdi os últimos três dias de aula e hoje o professor Conroy ligou para minha mãe perguntando se eu estava bem. Ela explicou que eu estava sofrendo por causa da Leah e precisava de alguns dias para descansar. Ela disse que também estava de licença no trabalho. O professor Conroy então perguntou se podia passar para me ver, e ela disse sim. Ele apareceu depois da aula e fomos até a sala de estar para conversar. Primeiro falamos das lições que perdi e como poderia compensar. Ou, pelo menos, ele falou disso e eu fingi escutar. Honestamente, não acho que ele se importe com as lições perdidas. Ele só queria ver como eu estava. Todo mundo está preocupado comigo de novo, dá para perceber.

Ele disse: – Não se trata apenas das lições, sabe? Você é parte importante da classe.

Os outros alunos sentem sua falta. Não é a mesma coisa quando você não está lá.

– Sério? – eu disse. Não acreditei nele...

– Claro!

– O senhor quer dizer além de Amanda, Kelsey, Lexi e Emma?

– Quero dizer todo mundo. Todos os 27 de nós. Você é muito querida, sabe? De qualquer forma, também vim por outra razão.

Eu não disse nada. Apenas fiquei olhando para ele e esperando que continuasse.

– Existe uma editora que gostaria que alunos contribuíssem com textos para publicar um livro em homenagem a Leah. Eles chegaram até mim porque sabem que Leah deveria estar na nossa classe, e querem dar aos amigos dela a oportunidade de contribuir com algo especial. Você se importa se eu enviar a poesia que fez para a Leah? Seu nome seria impresso na mesma página, assim todo mundo saberia quem escreveu.

Eu parei um momento para pensar no que ele estava falando.

– Acho que tudo bem – eu não sentia nada a respeito, nem a favor nem contra.

Então ele pareceu um pouco sem graça e disse que esperava me ver na segunda-feira e que, às vezes, é melhor se manter ocupado. Como se eu pudesse encontrar um jeito de me distrair do fato da Leah estar morta. A única diferença, agora que eu tenho certeza de que ela está morta, é que em vez de pensar em salvá-la eu penso em pegar o cara que a matou.

17 DE JANEIRO

Querido Diário, Hoje foi o enterro de Leah. Foi horrível... Pior do que eu imaginava. A igreja estava tão lotada que durante a missa as pessoas ficaram de pé no pátio enfrentando uma nevasca. A rua estava lotada de jornalistas e câmeras. Acho que quase toda Port Hope estava lá, além de gente de outros lugares, até da cidade. Acho que todos os policiais num raio de cem quilômetros estavam lá, e todas as ruas, até a da nossa casa, estavam cheias de carros estacionados.

Até o detetive Lucas compareceu, e assim que teve uma chance, após a missa, ele veio para me garantir que não deixaria o sujeito escapar. Ele disse que, mesmo depois de todos esses meses, a polícia encontraria alguma pista nos restos de Leah que conduziria ao assassino. De algum jeito, mesmo com todas as emoções confusas que eu sentia, aquilo pareceu uma boa notícia.

A Sra. Barnes ficou com Molly e Gus, enquanto a mamãe, o papai e eu fomos ao funeral. Chegamos cedo à igreja para conseguir sentar, mas ela já estava lotada. Tivemos sorte de conseguir lugares em uma fileira reservada para parentes e amigos. Não consegui ouvir nenhuma palavra do que o pastor disse por causa do choro. Papai disse que deviam ter dado calmantes para a mãe da Leah, porque ela quase não reagia.

Todo mundo da minha classe estava lá. O professor Conroy e a professora Evans também compareceram. Amanda, Kelsey, Lexi e Emma estavam com os pais, mas não tivemos chance de conversar, não que qualquer uma de nós teria conseguido falar. Estávamos ocupadas demais chorando. Acho que usei uma caixa inteira de lenços de papel.

A quantidade de flores era inacreditável. Quando saímos do cemitério parecia que tinham feito uma montanha de pétalas coloridas.

Estou exausta... Tão cansada... Gostaria de poder dormir e nunca mais acordar...

19 DE JANEIRO

Querido Diário, contei à terapeuta como foi o funeral e ela me perguntou o que eu pensava a respeito. Eu disse: – Foi muito triste, mas dava uma sensação boa estar com gente sentindo o mesmo que eu.

– Acho que todo mundo está péssimo com o que aconteceu com a Leah, mas isso afetou você de um modo mais pessoal – disse ela.

– Aposto que quem fez isso não se sente péssimo.

– Talvez sim. Algumas pessoas têm doenças terríveis. Pode ser que parte dele se sinta mal.

– Espero que sim. Espero que ele se sinta tão mal que se mate – eu disse.

– É compreensível que você sinta tanta raiva.

– Se é tão compreensível, por que eu tenho que vir e falar com você o tempo todo? Tenho vindo há meses e não sinto nenhuma melhora. A única pessoa que se sente melhor é minha mãe, porque ela acha que preciso de você! – exclamei.

Ela sorriu, parecendo sem graça. Então disse: – Você está vindo até aqui porque precisa encontrar um meio de resolver sua raiva. Esse é o desafio.

– Eu teria menos raiva se não tivesse que perder meu tempo falando com você – eu disse.

Pensei que ela fosse me repreender por isso, mas não. Ela só me deixou sair mais cedo.

Eu quis falar que a captura do assassino de Leah ajudaria muito a resolver minha raiva, mas pensei que isso só ia me dar mais tempo de terapia. Ela poderia pensar que tenho um complexo de vingança ou algo assim.

20 DE JANEIRO

Querido Diário, Voltei à escola hoje. Pouco antes do intervalo da manhã o professor Conroy leu os melhores trabalhos de redação para a classe. Ele leu minha poesia por último, depois do conto de Gracie sobre um cachorro que pensava ser um periquito e da história fantástica de Seth sobre um grupo de pessoas que moravam em casas de borracha em Plutão. Durante o intervalo todos estavam chorando e dizendo que gostaram da minha poesia. Lexi ficou tão emocionada que nem conseguia falar. Eu também teria chorado, mas estava sem lágrimas desde o funeral. Aparentemente a escola trouxe de novo os conselheiros de luto, como fez quando Leah desapareceu.

Eu vou ter muito trabalho para recuperar a matéria perdida, mas mamãe me falou que não preciso me preocupar em fazer tudo de uma vez, que o professor Conroy entenderia se eu demorasse uma semana ou mais para recuperar o ritmo. Isso me fez querer rir. Quero dizer, eu tenho cinco meses de matéria para recuperar, e não conseguiria mesmo se quisesse.

21 DE JANEIRO

Querido Diário, Até hoje ninguém sabia que eu estava fazendo isso, mas voltei a dormir na cama da Molly. Acho que nem a Molly sabe, porque saio quando o sol começa a nascer. É boa a sensação de ter algo quente e vivo ao meu lado enquanto passo a noite pensando. Mas mamãe me encontrou na cama com Molly esta manhã. Eu peguei no sono e não acordei até ela entrar. Então agora ela não me deixa mais assistir ao noticiário nem quer que eu leia sobre o caso da Leah nos jornais. Eu sei que é porque vão começar a falar dos detalhes do que aconteceu com ela e mamãe não quer que eu fique ainda mais nervosa. Mas mereço saber as coisas horríveis que aconteceram. Eu devia ter tomado conta de Leah. Devia ter percebido que algo estranho estava acontecendo.

Fico pensando se mamãe vai voltar a me dar aqueles comprimidos brancos para dormir. Espero que não, orque eles me deixam enjoada o dia seguinte inteiro. Eles fazem com que eu sinta meu crânio mais grosso. É legal poder dormir, mas já me sinto muito estranha sem os comprimidos. E quero manter a cabeça o mais clara possível. Quero estar pronta para quando aquele pensamento me ocorrer, aquela memória, aquela pista que vai fazer a investigação andar.

22 DE JANEIRO

Querido Diário, Gus começou a falar “olly” para dizer Molly, e ela está achando o máximo.

Ela vai até ele, o abraça e fica repetindo “fala Molly, Gus. Fala Molly”. Aí eles vão parar no chão onde ficam se apertando e rindo. É fofo de se assistir.

Ela também tenta fazê-lo falar “Georgia”, mas Gus nem tenta. E por que tentaria? A Georgia não existe.

Tenho passado bastante tempo com eles, porque não sinto vontade de sair e ver minhas amigas, e também porque Molly e Gus ficam felizes de me ter por perto. O engraçado é que ano passado eu odiava ter que ficar com eles e tinha que ser paga para ficar no mesmo lugar que eles. Agora eu gosto mais deles do que de outras pessoas, porque não me olham estranho nem me criticam.

Para eles eu sou apenas a boa e velha Max.

23 DE JANEIRO

Querido Diário, Fui mal em uma prova de matemática e a mamãe está surtando de novo. Ela está preocupada que minha média caia de novo, como se média significasse alguma coisa. É engraçado como as notas na escola funcionam como um barômetro para os pais. Se o filho tira um A, tudo está bem, mesmo se o garoto for completamente zoadado. Parece que ela ficou aliviada quando tive média D no último boletim. Até este ano eu nunca tinha ficado abaixo da média em nada. Na verdade, o B-que tirei em francês no ano passado foi minha pior nota de todos os tempos. Nunca imaginei ser capaz de tirar uma nota abaixo da média e não me preocupar com isso. Agora só me importo em não falhar de novo com a Leah. Não sonhei mais com ela, mas sei que existe algo dentro da minha cabeça que pode ajudar o detetive Lucas. Eu quero desesperadamente FAZER alguma coisa, me lembrar de algo. Sei que o detetive Lucas não pode me ligar toda vez que encontra alguma prova ou uma pista nova, mas eu gostaria de ter ALGUMA notícia sobre o que está acontecendo.

De qualquer modo, mamãe está tão preocupada que foi falar com o professor Conroy, e ele disse que ando muito distraída na aula. Ele diz que não sou eu mesma, como se soubesse quem eu sou. Mamãe concordou e disse que não tenho sido eu mesma há meses. Eu sei disso tudo porque mamãe me contou enquanto papai dava banho em Molly e Gus. Nós nos sentamos à mesa da cozinha para uma conversa de “mulher para mulher”.

– Preciso ser honesta, querida. Estou com medo. Estou com medo que você entre em parafuso de novo. Eu estava tão aliviada com seu progresso. Achei que o Natal tinha animado você um pouco. Você estava comendo durante as festas e saiu conosco. Mas agora está tão quieta de novo. Eu entendo o motivo. Só não quero deixar você se afastar demais. Tenho medo que não consiga trazê-la de volta desta vez.

Não respondi. Apenas dei de ombros. Eu acho que não tinha me animado nem um pouco. Ela só estava ocupada demais para notar.

– Você precisa me dizer como está se sentindo. Preciso saber o que passa nessa cabecinha.

– O que você acha, mãe? É como perder a Leah de novo. Antes, tinha alguma esperança, e agora não tenho nada...

– Achei que o funeral pudesse lhe dar algum tipo de fecho, de encerramento.

– Eu não quero encerramento... Não quero me esquecer da Leah... Se eu estivesse morta, não ia querer que as pessoas me esquecessem!

– Não precisa se esquecer dela, querida. Ninguém quer isso. E por favor, não fale de estar morta. É como se você desistisse... de viver, eu quero dizer.

E não vou deixar isso acontecer. Eu sei que você não vai gostar de ouvir isso, mas marquei uma sessão para nós duas falarmos juntas com a terapeuta, amanhã. Talvez ela possa sugerir algo, algo que nos ajude a manter você...

manter você nos trilhos.

– Eu não sou um trem, mãe! Sou uma garota cuja melhor amiga está morta!

Mamãe ficou com voz presa na garganta e ela precisou de um instante para se recompor. Eu deveria ter me desculpado por ser tão dura, mas não tenho nenhum arrependimento em mim. Finalmente ela disse: – Compreendo, mas também acho que existe algo além disso. Por favor, venha comigo amanhã.

Revirei os olhos e saí da cozinha. Esse era o gazilionésimo sermão que ela me dava.

Será que ela não entende? Como posso me importar com qualquer coisa, principalmente lição de casa, quando minha melhor amiga de todos os tempos morreu porque algum vagabundo que ela não conhecia, mas em quem ela confiou, a matou? Como posso parar de pensar em como isso poderia ter acontecido comigo, ou que se eu estivesse mais ligada poderia tê-la impedido de ser morta? Como eu posso fazer lição de casa se a Leah não pode mais?

No funeral o pastor disse que ela era boa aluna, boa atleta e tinha muitos amigos, que era amada por muitos. Mas de que isso importa agora que ela está morta? De que importa que ela conseguia correr muito rápido, ou que tirava muitos As, ou que muitas pessoas a amavam? Ela não pode mais ir às festas do pijama conosco, nem andar a cavalo, nem comer porcarias até ficar com dor de barriga. Ela não pode fazer mais nada, então por que eu faria?

Não vou conseguir fazer nada, gostar de nada nem pensar em nada até

esse cara ser preso, mesmo que eu nunca mais seja feliz.

24 DE JANEIRO

Querido Diário, Hoje liguei para o detetive Lucas. Eu precisava saber se ele tinha encontrado alguma evidência, alguma pista, ou se tinham achado algo na cena do crime que poderia ajudar a pegar o assassino de Leah. Eu precisava perceber esperança na voz dele, ouvir outra vez que ele não abandonaria o caso. A boa notícia é que ele disse que foram encontradas evidências no corpo de Leah e à volta dele; algumas pistas de identificação. A má notícia é que ele não podia me contar o que era nem outras coisas sobre o caso. Acho que ele me fez sentir um pouco melhor. Saber que alguém continua trabalhando no caso ajuda.

26 DE JANEIRO

Querido Diário, Hoje minha mãe foi comigo à terapeuta. Esta me recomendou conversar com meus pais uma vez por dia para discutir como estou me sentindo. Ela também quer me ver com mais frequência para me monitorar mais de perto. Garanto que, se houvesse um meio, ela iria querer monitorar meus sonhos e pensamentos. Aí ela teria com o que se preocupar. Que tal um pouco de privacidade? Se parecer que eu não estou conseguindo lidar com a situação, ela disse, seria recomendável uma intervenção mais séria, talvez algum remédio. Apenas algo que me ajude a passar por este “período turbulento”.

Mamãe pareceu satisfeita por a terapeuta estar me levando tão a sério. Eu me esforcei para não gritar. A última coisa de que preciso é algum tipo de droga congestionando meu cérebro. Mas com as duas contra mim, que escolha eu tive a não ser concordar em conversar com meus pais todas as noites antes de dormir?

Depois que minha mãe saiu da sala, a terapeuta fez mais perguntas sobre como eu estava me sentindo, e eu disse que me sentia mal com o que aconteceu com Leah. Sei que isso é óbvio, mas ela esperava que eu dissesse algo e demorei cinco minutos para dizer isso. Odeio as sessões quando ficamos sentadas ouvindo o relógio durante uma hora. Também odeio as sessões em que discutimos meu ponto de vista sobre vida e morte. Ela disse que é compreensível eu estar triste, mas que não posso desistir de viver.

Então eu disse compreender o que ela estava me falando, em parte para fazê-

la se sentir melhor e também para ver se ela me deixava em paz. Mas entre mim e você (ou entre mim e mim), não vejo a importância em eu viver ou não. Só não consegui ainda pensar em algo melhor do que o que estou fazendo no momento.

A terapeuta realmente me chateia, e acho que ela é totalmente sem noção.

Será que ela é tão óbvia com adultos? Ela acha que sou uma criança idiota?

Será que ela pensa que eu não sei exatamente o que ela vai dizer a cada minuto? Ela pensa que não consigo dizer para mim mesma tudo

isso que ela fala? Eu poderia economizar um monte de dinheiro para meus pais se gravasse uma sessão e depois a repetisse tantas vezes quanto necessário. É ela que está me deixando louca!

Nos dias de terapia acordo com mais uma coisa para temer e mais cinco quilos sobre os ombros. Acho que estou há sete meses com a mesma dor de cabeça. E não sei por que só eu tenho que aguentar toda essa porcaria. Emma, Lexi, Amanda e Kelsey não têm que sair da aula para ir falar com uma mulher intrometida que provavelmente nunca perdeu nada, nem um animal de estimação, para não falar de uma melhor amiga. Ela tentou me falar dos estágios do luto, mas eu ri alto. Perguntei se davam medalhas para cada estágio cumprido. Ela não achou graça. Mas a Leah acharia engraçado. Leah teria rido feito uma boba.

28 DE JANEIRO

Molly começou a insistir para que a chamemos de Georgia e não responde se a chamamos de Molly. Ela se transformou, de algum modo, em sua amiga imaginária. Então, esta manhã eu disse para minha mãe: “É ela que precisa de terapia”. Mamãe não ficou brava, mas me lançou seu olhar de repreensão e disse “amigos imaginários são algo normal e você também costumava ter um”.

– Sério? Qual era o nome dela? – perguntei.

– Mark.

– Meu amigo imaginário era um garoto? – perguntei.

– Ah-ham – fez ela.

– E você não ficou preocupada comigo?

– Fiquei, sim. Eu levei você para o médico, que me encaminhou para uma especialista em desenvolvimento infantil, e ela disse que aquilo era absolutamente normal, que sumiria quando você crescesse.

– E sumiu?

– Claro, como também vai sumir a amiga da Molly. Então, por favor, faça a vontade dela por enquanto.

Imagino se não estão fazendo a mesma coisa comigo. *“Escutem, Molly e Gus, a Max está passando por um período difícil, ela está saindo dos trilhos.*

Vamos fazer a vontade dela por um tempo, concordar com ela, fingir que a compreendemos, que ela não é louca.”

30 DE JANEIRO

Querido Diário, Esta manhã o professor Conroy pediu de novo que ficasse na classe durante o intervalo. Lexi me deu um olhar de preocupação enquanto saía da classe, e minha cabeça parecia pesar um milhão de quilos sobre o meu pescoço. Eu fiquei chateada porque pensei ter ido mal em outra prova e que teria de compensar durante o intervalo. Ou então que iria ouvir outro sermão do professor, mas ele só queria me dizer que minha poesia fora aceita para fazer parte do livro em memória da Leah. Ele disse que era o máximo, que muitas pessoas poderiam ler minha poesia e que a família dela veria como eu gostava da Leah e como a filha era importante para todo mundo, que ela se tornara filha, irmã, sobrinha, amiga de todos. Acho que pode ser uma coisa legal se fizer a mãe e o pai dela se sentirem melhor, mas sei que algumas histórias e poesias não vão compensar o fato de ela não estar mais viva. Nada pode compensar isso... A única coisa que pode ajudar um pouco é capturar seu assassino. Pelo menos é isso que eu penso.

4 DE FEVEREIRO

Querido Diário, A terapeuta está preocupada porque eu não quero sair e fazer as coisas que costumava. Ela quer dizer que eu deveria passar mais tempo com minhas amigas, andar de trenó e fazer planos para o Dia dos Namorados. Ela disse que temia que eu tivesse parado de gostar das coisas que são importantes para mim.

– Eu não parei de gostar totalmente – disse eu. – Só gosto mais de coisas que são realmente importantes. Tipo, agora eu gosto mais do Gus e Molly e menos de lição de casa – juro que poderia dizer qualquer bobagem que ela aceitaria.

– É importante saber estabelecer suas prioridades. Isso mostra uma maturidade rara em jovens de doze anos, mas você ainda tem que fazer as outras coisas, como a lição de casa.

– Mas de que adianta fazer lição de casa se eu vou ser morta por algum maluco da internet? – perguntei. Às vezes, me sinto bem fazendo o joguinho dela.

– Se você tomar cuidado, nada disso vai acontecer com você. Você é inteligente, consciente e cuidadosa. Todos nós aprendemos muito com o que aconteceu com a Leah.

– Mas outras coisas podem acontecer. Alguém pode entrar no meu quarto e me sequestrar. Ou roubar a Molly, como fizeram com Elizabeth Smart ou Cecilia Zhang.

– Eu sei que a mídia dá muita atenção a esses casos, que são muito trágicos, mas as chances de algo assim acontecer com você são muito pequenas. Estatisticamente falando, o caso de Leah é muito raro.

– Duvido que estatísticas façam Leah ou a família dela se sentir melhor.

Com certeza não ME fazem sentir melhor. Mas obrigada por tentar – disse eu, me levantando e saindo porque o horário tinha acabado.

Sei que fui indelicada, principalmente porque ela sempre vai até a escola só para me ver, e agora me sinto mal por isso. Eu sei que ela está tentando me ajudar e que todo mundo está preocupado comigo, mas não tenho conseguido me segurar. Meu corpo parece reagir antes que eu consiga pará-lo. É como se existisse outra pessoa dentro de

mim, fazendo e dizendo coisas das quais depois me arrependo... Eu só queria que todo mundo me deixasse em paz...

5 DE FEVEREIRO

Querido Diário, Aconteceu a melhor coisa hoje, e como é algo muito bom e assustador ao mesmo tempo eu não sei como me sentir a respeito. O detetive Lucas apareceu em casa de novo e dessa vez tinha uma boa notícia! Depois de todo esse tempo o D_Mais voltou a escrever. A polícia não faz ideia porque ele resolveu escrever agora, e o detetive Lucas falou para não ficar muito animada, porque esse pode não ser o assassino de Leah. Mas de qualquer forma eles vão investigar essa pista. A polícia acha que o D_Mais ficou escondido esse tempo todo e agora está precisando se mexer de novo. Estou muito feliz porque o detetive Lucas ficou monitorando minha conta no Hotmail todos esses meses e nunca desistiu. Eis o que o D_Mais escreveu: > Ei, Gatímida. Com o Dia dos Namorados chegando eu não podia deixar de escrever de novo para você. Sinto muito sua falta e estou arrasado por ficar sem escrever esse tempo todo. Meu computador quebrou e fui proibido de usar os computadores da escola por que baixei umas músicas. Eu sei que a desculpa é ruim, mas saiba que pensei em você todos esses dias. Espero que não tenha se esquecido de mim, ou pior, arrumado outro namorado. Bjs D_Mais.

O detetive Lucas estava feliz de verdade por estarmos de volta à ação. Ele me levou até a delegacia para que eu respondesse imediatamente. Eis o que escrevi: > Ei, D_Mais. Não dá para acreditar que é você! UAU! Que surpresa para o Dia dos Namorados! Fiquei tão preocupada que algo de ruim tivesse acontecido com você. Quero dizer, tudo estava tão legal entre a gente e você simplesmente parou de escrever. Não consegui entender se eu disse alguma coisa que deixou você bravo ou o que foi. Tenho andado triste e sozinha sem você, mas não arrumei outro namorado. Como poderia? Fiquei feliz por estar com você online de novo. Estou sorrindo de orelha a orelha :{)) O que aconteceu? Você está bem? Gatímida.

Parte de mim tem medo de que seja uma pista falsa, que alguém esteja passando um trote nojento, mas quem saberia meu endereço de *e-mail*? A única pessoa para quem eu escrevi com ele foi o D_Mais. O detetive Lucas disse que meus dados *online* eram confidenciais e que nunca foram divulgados para a imprensa, então agora eu tenho que acreditar nisso – é tudo que tenho para me segurar.

6 DE FEVEREIRO

Querido Diário, Hoje meus pais me fizeram uma surpresa. Eu tinha dito para eles que dormiria melhor e me sentiria mais segura se tivéssemos um cachorro. Acho que depois que a Elizabeth Smart foi levada de casa sua família comprou dois cachorros. Parece que cães são o melhor sistema de segurança que se pode conseguir. Eu achei que conseguiria no máximo um “talvez” de resposta, mas os dois pareceram pensar muito no caso e disseram que aquela parecia ser uma ideia excelente. Então papai sugeriu que fôssemos ao abrigo de animais no fim de semana procurar um cachorro. Mamãe nem disse nada contra. Ela não disse que esperava que eu fosse responsável pelo animal, ou que não precisava de mais nada para cuidar. Ela só fez que sim com a cabeça, concordando com o papai. Eu prometi levar o cachorro para passear, dar comida e tomar conta dele. Sempre quis um cachorro.

Sem notícias do D_Mais...

7 DE FEVEREIRO

Querido Diário, Como sempre, a terapeuta quis continuar falando do motivo de eu não sair mais nos fins de semana nem depois da escola. Ela não disse nada sobre eu a deixar falando sozinha da última vez, mas minha cadeira tinha sido colocada longe da porta.

Ela disse que conversou com minha mãe e esta lhe contou que eu não estava indo andar de skate na pista nem à casa das minhas amigas. Que não ia ao cinema nem à biblioteca. Eu nem mesmo ia até o centro da cidade para comer porcarias ou comprar roupa. Ela contou à terapeuta que minhas amigas ficavam me ligando e me chamando para sair, mas eu nunca ia a lugar nenhum a não ser a escola, e também não ia muito bem lá.

– É minha responsabilidade levar a Molly para casa depois da aula, sabia?

– disse eu.

– Eu sabia, e também sei que você tem uma nova rotina e uma forma de ganhar dinheiro durante a semana cuidando de Molly até sua mãe voltar do trabalho. E ela me disse que você está fazendo um ótimo trabalho. Mas ainda acho que em circunstâncias normais você sairia algumas noites depois do jantar, ou sairia no fim de semana com suas amigas, o que não está fazendo – disse a terapeuta.

Ela olhou firme para mim com seus olhinhos castanhos e redondos, que, às vezes, faziam com que ela parecesse um rato.

– Eu me sinto melhor ficando em casa. Me sinto mais segura e posso ver que todo mundo que eu amo também está em segurança. O que há de errado com isso?

– Nada – disse ela. – Mas pelo que ouvi de você, isso não é comum. Sua mãe diz que normalmente você é muito ativa e gosta de estar com pessoas, mas agora está diferente. Ela disse que ano passado você estava nos times de vôlei e basquete, e que este ano nem mesmo se inscreveu. Esse tipo de mudança no comportamento das crianças, ou de qualquer pessoa, sinaliza que algo importante está acontecendo e faz com que seus pais se preocupem. Faz com que eu me preocupe.

– Não é diferente de quando eu fiquei de castigo e tive que ficar em casa, só que nesse caso ninguém se preocupou comigo.

Acho que ela não tinha uma resposta para isso, porque disse apenas: – Isso é o bastante até nossa próxima sessão.

Eu dei de ombros, me levantei e saí. Mas pelo menos desta vez eu não a deixei falando sozinha. Eu queria contar que ia ganhar um cachorro, mas esqueci.

Ainda nenhuma notícia do D_Mais. Estou com um mau pressentimento, de que ele tenha sentido que há algo errado e nunca mais vai escrever. Tenho medo de que perdemos nossa chance de pegá-lo. Sei que preciso ser otimista e pensar positivamente, mas isso é difícil quando tanta coisa dá errado há tanto tempo.

9 DE FEVEREIRO

Querido Diário, Hoje meu pai e eu fomos ao abrigo procurar um cachorro. Eles tinham três cachorros prontos para adoção: uma beagle chamada Trixie com cinco anos de idade, um filhote de labrador com husky, que ainda não tinha nome, e um vira-lata com dois anos chamado Finn. Fiquei aliviada porque nenhum dos cachorros se chamava Max. De qualquer modo, só precisei de um segundo para escolher o Finn. Ele tem pelo longo e é marrom e preto. Finn não é muito grande, chega até os meus joelhos, e tem os olhos mais doces que eu já vi. Ele é muito dócil e delicado conosco, porque veio de uma família com crianças pequenas. Eles o amavam, mas se mudaram para a Inglaterra e não puderam levá-lo por causa da quarentena.

Ele é muito educado e não morde minha mão quando lhe dou algum petisco, ao contrário do que faz o cachorro da Amanda. Mamãe e papai o deixaram dormir no meu quarto e eu já me sinto mais segura. Acho que ele vai ser um bom cão de guarda, porque estava em casa há poucas horas quando o entregador de pizza tocou a campainha já começou a latir feito louco. Neste momento ele está deitado ao lado da minha cama com as patas para cima e latindo como se estivesse sonhando. Todo mundo gostou dele, mas acho que ele gosta mais de mim, e não só porque sou eu que dou comida e levo para passear – e não fico subindo nele como faz o Gus. Boa noite, Finn.

10 DE FEVEREIRO

Querido Diário, Adivinha? O detetive Lucas apareceu depois da aula para dizer que o D_Mais respondeu, finalmente! Ele imprimiu a resposta e trouxe para eu ver: > Ei, Gatímida. Que alívio, você me entender. Você é a melhor garota que um cara pode querer. Você não precisa se preocupar de perder contato comigo de novo, porque estou com um computador novo – um *notebook* – que eu mesmo comprei. É irado. É meu e agora posso baixar quantas músicas quiser.

Adivinha o que mais? Arrumei um emprego! Sou só um frentista de posto de gasolina, mas consigo ganhar um dinheirinho que quero gastar com você.

Que tal se eu te mandar alguma coisa especial de Dia dos Namorados? Além do meu amor, é claro. No momento sou um cara muito feliz. Fiquei preocupado que você tivesse se esquecido de mim e isso acabou comigo. S2

D_Mais Não sei se sinto alívio ou nojo! É claro que estou aliviada que ele tenha respondido e espero que seja o cara certo para que possamos prendê-lo. Mas ele me dá um nojo total... Sempre que imagino o rosto dele e leio suas mensagens, ou penso nele com Leah, tenho vontade de vomitar. Felizmente eu tenho tempo para compor algo antes de enviar minha resposta. O detetive Lucas vem me pegar depois do jantar e vai me levar até a delegacia para eu escrever o *e-mail*.

MAIS TARDE

Esta noite, enquanto estava a caminho da delegacia de polícia, os Goo Goo Dolls estavam tocando “*Give a Little Bit*” no rádio. Eu adoro essa música e disse isso para o detetive Lucas. Ele sorriu e disse que ela era um clássico de quando ele era garoto. Não entendi o que ele quis dizer, mas não perguntei porque não quis parecer boba na frente dele, então só concordei.

Conversamos um pouco sobre música e ele perguntou qual minha banda favorita. Eu disse Avril Lavigne.

– A voz dela é boa – concordou ele.

– É mesmo. Ela era a favorita da Leah, também. Do que você gosta? – perguntei.

– Um pouco de tudo. Gosto de Goo Goo Dolls, Matchbox 20, Jack Johnson e um monte de coisas velhas que seu pai provavelmente também ouve.

– Eagles? – perguntei.

– Ah, sim.

– Rolling Stones?

– Também.

– Pink Floyd?

– Com certeza!

– Bem, pelo menos você gosta de música boa.

Ele riu, mas só um pouco.

– Então, você tem alguma ideia do que vai escrever para o D_Mais? – perguntou o detetive Lucas.

– Eu costumava reclamar para ele dos meus pais, da Molly e do Gus, então acho que devo continuar fazendo isso. Também costumava dizer o que eu fazia com minhas amigas. Ele parecia muito interessado nelas. Mas não usei os nomes verdadeiros delas. Eu inventei nomes para elas. Então acho que vou inventar que fiz alguma coisa com elas. É estranho pensar que algum adulto liga para o que fiz no fim de semana com as minhas amigas. Quero dizer, quando eu pensava que estava escrevendo para um garoto parecia normal, mas agora, bem, é meio assustador.

– Nós vamos pegar esse cara e você nunca mais vai precisar escrever para ele. Prometo.

Depois que ele disse isso eu tive certeza de que o detetive Lucas achava que o D_Mais era o assassino da Leah.

Ele tinha me avisado, antes, para não ter muita esperança, mas acho que é só porque ele não quer que eu me decepcione se não for. As pessoas acham que eu não conseguiria lidar com outra decepção e, para falar a verdade, eu acho a mesma coisa. Mas a confiança dele está me dando esperanças novamente, e é bom ter essa sensação para

variar.

11 DE FEVEREIRO

Querido Diário, Hoje, enquanto íamos para a delegacia de polícia, o detetive Lucas e eu conversamos sobre colocar internet para mim em casa. Foi ideia minha, e tive medo que ele reagisse como meus pai e mãe, mas não.

– Depois que nos entendemos, eu escrevia para o D_Mais mais de uma vez por dia – eu disse e fiquei com vergonha.

– Ah, é? Quantas vezes? – perguntou ele.

– Eu normalmente escrevia antes de ir para a escola, na hora do almoço e também depois da aula. E na hora de dormir, com a ajuda da Leah, claro.

– É bastante... Ele respondia sempre?

– Respondia. Sempre tinha alguma mensagem me esperando. É por isso que eu continuava escrevendo. Era viciante.

– Acho que ele deve ficar muito tempo no computador.

– Acho que sim... Mas a coisa é, quando voltarmos à rotina, eu sei que ele vai esperar a mesma frequência de mensagens.

– Você já está pensando como detetive – ele sorriu para mim e me senti bem por ser tratada como adulta, ara variar.

– De qualquer forma, estava pensando que vai ficar complicado para você ficar me levando de um lado para outro.

– Eu não me importaria, mas não sei se sua mãe vai gostar. Já foi difícil convencê-la de que ela não precisa vir junto uma vez por dia.

– Ela é muito preocupada.

– É o trabalho dela.

– Acho que sim... – disse eu.

– Os vizinhos podem desconfiar se virem você saindo comigo três ou quatro vezes por dia – disse ele.

– Tenho uma ideia, mas aposto que você não vai gostar. E sei que

minha mãe com certeza não vai gostar.

– O que é?

– Acesso à internet na minha casa. Nós poderíamos colocar o computador do meu pai na sala ou algo assim, para que a mamãe possa ficar de olho em mim. Eu juro que não faço nada além de escrever *e-mails* para o D_Mais.

– Você não vai ficar constrangida com seus pais por perto? Eles vão ficar mais interessados no que você está escrevendo se estiver sentada na frente deles.

– Já pensei nisso. Mas eu posso aguentar... Vou pensar que estou fazendo redações para a escola. Além disso, talvez fique mais à vontade estando em casa.

– Tudo bem, se é o que você quer. Vou conversar com seus pais quando voltarmos. Aposto que podemos fazer com que eles enxerguem a situação à nossa maneira.

Adorei o jeito que ele falou *nossa maneira*. Como se fôssemos uma equipe.

Quando voltamos para casa o detetive Lucas conversou com mamãe e papai, e em cinco minutos eles concordaram em contratar uma conexão de banda larga. Devem instalar em dois dias. É claro que minha mãe não gostou muito, no começo, mas o detetive Lucas prometeu que iria monitorar minha conta à distância e que veria tudo que entra e sai. Ele prometeu, também, manter os dois informados sobre o que acontece.

15 DE FEVEREIRO

Querido Diário, O computador está na sala de estar e minha mãe insistiu em ler todos os *e-mails* antes de eu enviar, só para garantir. Você precisava ter visto a cara dela quando leu este: > Ei, D_Mais, blz? Como está meu S2? Desculpe se você estava triste pensando que eu teria esquecido você. Como eu poderia? Eu nunca desisto.

Eu sabia que você acabaria me escrevendo. Como diz o Pumba, está na hora de colocar o que ficou para trás no passado. Não tem muitas 9da10 por aqui.

Meus pais continuam sendo as coisas mais chatas do mundo ;-). Estou indo bem na escola. Seu Dia dos Namorados foi bom? O meu foi porque você me escreveu. Ah, espero que você não passe a me odiar porque eu coloquei aparelho. Até que não ficou tão feio, e o ortodontista disse que não vou precisar usá-lo por muito tempo. Bjs <3

– O que significa essa pontuação no final da frase – perguntou ela.

– É uma piscada de olho e um sorriso.

– E o que é “blz”?

– Beleza – respondi.

– S2? – ela quis saber.

– É um jeito de fazer um coração – respondi, meio sem graça.

– Bjs é beijos, imagino. Mas e esse número 3 aí? – É um coração deitado.

– Por que você não usa palavras de verdade?

– Porque é assim que se faz. É mais divertido – respondi.

– Se você se esforçasse tanto assim na escola seria uma aluna nota A outra vez.

– Se você diz... – resmunguei.

Quando o detetive veio, antes disso, para configurar o computador, descobri que ele nem mesmo é de Port Hope. Está aqui para trabalhar nesse caso porque faz parte de uma unidade especial que investiga crimes que envolvem crianças. Ele é especializado em crimes na internet. Vou sentir falta de vê-lo todo dia, agora que posso escrever de casa. Não sei por quê, mas sinto uma ligação com ele, como se ele me compreendesse. Além disso, é fácil estar com ele. Ele nunca me critica nem fica chocado com o que eu falo. E ele nunca tenta me corrigir nem me dar sermão.

P.S.: Com certeza o Finn gosta mais de mim. Ele sempre dorme do lado da minha cama e me espera voltar da escola junto à porta. Então ele fica pulando em mim e chora até eu me abaixar para cumprimentá-lo. Esta noite a Molly ficou chateada porque não é a preferida dele, mas eu lhe disse que ela era a segunda preferida, então fiz o Finn lambe o rosto dela e disse que aquilo era um beijo de cachorro. Assim ela foi dormir feliz.

16 DE FEVEREIRO

Querido Diário, Esta noite eu estava escrevendo um *e-mail* quando papai chegou em casa. Ele perguntou como estavam as coisas e se aproximou para ler por cima do meu ombro. Eu sei que eles estão tentando me dar o espaço de que preciso e ao mesmo tempo ficar de olho em mim. Eu escrevia uma resposta para isto: > Ei, Gatímida S2. Naum dá pra acreditar que vc se lembrou que eu adoro O

Rei Leão. É um clássico. Hakuna Matata, né? Naum vamos esquentar a cabeça com nada agora que temos um ao outro. Naum acredito que pensei que você tinha se esquecido de mim. Vc me faz sentir tão especial. Aposto que o aparelho ficou bem em você. E como não iam ficar? Aposto que você é linda da cabeça aos pés e em tudo entre eles :) Toda noite eu fico pensando em como você é e como ia ser legal estar com você. Diga de novo como você é, para que eu possa dormir com um retrato de você na minha cabeça. Bjs, S2

Depois que enviei a resposta, o detetive Lucas me ligou para dizer que estou fazendo um ótimo trabalho escrevendo meus *e-mails*.

– Não posso lhe agradecer o suficiente, Max. Não conseguiríamos sem você. Nós precisávamos de alguém que já conhecesse esse cara. Ele teria reconhecido um impostor num segundo.

– Estou fazendo isso pela Leah. Quero que esse cara seja pego e jogado na cadeia. Queria que ele já estivesse preso. Quando você acha que posso tentar marcar um encontro?

– Não se apresse ou ele vai desconfiar. Enquanto estivermos em contato pela internet estaremos bem. Estamos o tempo todo coletando novas informações. Acho que o melhor é esperar ELEsugerir um encontro. Vamos dançar conforme a música. Logo, logo ele vai falar nisso, pois está ficando inquieto.

– Será que ele não vai tentar atrair outra garota ou simplesmente agarrar alguém na rua antes que consigamos pegá-lo?

– Estamos fazendo todo o possível para garantir que isso não aconteça.

Nós monitoramos todas as contas de *e-mail* dele que conhecemos e observamos os fóruns de que ele participa, mas nunca se pode ter

certeza.

Quanto a agarrar alguém na rua, não é o estilo dele. É muito arriscado e parece que ele precisa estar no controle. Mas deixe que eu me preocupo com isso. Você só precisa se preocupar em ser você mesma e continuar a escrever os *e-mails*.

Para dizer a verdade fico muito nervosa ao escrever para o D_Mais. Estou com medo de dar alguma dica para ele. Eu queria dizer o quanto o odeio e que o acho um vagabundo, mas tenho que me esforçar para parecer calma e natural. Preciso escrever três ou quatro versões antes de ficar satisfeita com o texto. Eu nunca conseguiria fazer isso pessoalmente ou pelo telefone. Não sou uma atriz muito boa. Mas acho que sou uma boa escritora. Sempre que fico assustada, achando que ele vai me pegar, eu tenho que me lembrar de que ele não me conhece, não sabe que eu conhecia a Leah, e não faz ideia que sou de Port Hope. Quando ele mencionar um encontro, vou ter que concordar em vê-lo na cidade. Se eu mencionar Port Hope ele pode desconfiar.

18 DE FEVEREIRO

Querido Diário, Não demorou muito para que o D_Mais tocasse no assunto, apenas treze dias para ser exata. Dá para acreditar? Ele deve estar inquieto, como previu o detetive Lucas. Hoje ele sugeriu que nós devíamos nos encontrar, que já esperamos tanto – quase um ano – para finalmente ver um ao outro. Ele disse que perdeu tantas horas de sono pensando em mim que logo vai ter um ataque se não me conhecer logo. Aposto que ele não tem ideia do que é não conseguir dormir. Eu quero tanto pegar esse cara. Eu disse para o detetive Lucas que estava pronta para pegá-lo.

Isto é o que eu escrevi para ele: > Ei, D_Mais, seu lindo! Acho que seria ótimo encontrar você. ATÉ QUE

ENFIM! Dá para acreditar que a gente se conhece há tanto tempo? Você tem razão. Nós já esperamos demais. Eu sinto como se eu conhecesse você melhor do que a mim mesma. Mal consigo esperar para ver você pessoalmente, olhar nos seus olhos e segurar sua mão. Nós poderíamos nos encontrar no Shopping Milltown. Não é muito longe para que eu vá depois da escola ou num fim de semana. Estou tão pilhada. Meu coração está martelando. Quando podemos nos encontrar? Bjs. <3 <3 <3

PS. Não se preocupe, prometo que nunca vou me esquecer de você.

Mas eu queria mesmo era escrever isto: EI, VAGABUNDO. MAL CONSIGO ESPERAR ATÉ VER VOCÊ

FICAR ATRÁS DAS GRADES PELO RESTO DA SUA VIDA MISERÁVEL E AÍ ESPERO QUE NUNCA MAIS TENHA CHANCE

DE ANDAR NA RUA. VOCÊ NÃO MERECE NUNCA MAIS

SENTIR O SOL NO ROSTO OU A GRAMA EMBAIXO DOS PÉS.

VOCÊ TIROU ALGO MUITO ESPECIAL DE MIM. VOCÊ

PROVAVELMENTE NÃO FAZ IDEIA DO QUE DESTRUIU. VOCÊ

PROVAVELMENTE NEM SE DEU TEMPO PARA CONHECER A LEAH ANTES DE MATÁ-LA. NUNCA VOU CONSEGUIR

ENTENDER O QUE VOCÊ FEZ, PORQUE É DOENTE DA CABEÇA. MAS
NUNCA VOU ME ESQUECER DA LEAH, E

DEPOIS QUE ISTO ACABAR EU NUNCA MAIS VOU PENSAR EM
VOCÊ. EU JURO!

23 DE FEVEREIRO

Querido Diário, Acho que o D_Mais não tem ideia do que está acontecendo. Acho que ele está totalmente ligado em mim. Essa é a ironia da coisa. Nós enganamos um ao outro. Só que desta vez eu sei o que está acontecendo, mas ele não.

> Ah, Gatímida, amor, você está me fazendo o cara mais feliz da escola. Meus amigos ficam perguntando o que é esse riso bobo na minha cara :)))))) mas não posso fazer nada. Fui ver quando a gente se conheceu, e foi no fim de março. Eu queria esperar nosso aniversário de um ano, mas vai demorar muuuuito. Não consigo esperar um dia a mais do que é preciso. A gente pode se encontrar no sábado na praça de alimentação, perto dos vasos de árvores?

Tenho treino de hóquei pela manhã, mas posso chegar lá à uma. Vou estar com minha jaqueta azul da escola. Vai, Griffins! O que você vai usar? E pode me chamar de Brad quando me vir, porque esse é meu nome real. Bjs, bjs, bjs.

PS Você tem um celular para eu ligar se não te achar?

Brad é o mesmo nome que o FitBoy deu para Leah quando eles concordaram em se encontrar, então estou cada vez mais certa de que esse é o cara. Quero dizer, quais as probabilidades de dois predadores diferentes usarem o mesmo nome falso?

24 DE FEVEREIRO

Querido Diário, O detetive Lucas veio à nossa casa para planejarmos nossos próximos passos.

Ele falou que, como o D_Mais me disse seu nome, também devo lhe contar o meu, mas um nome falso, para mantê-lo interessado. Eu pensei muito antes de escolher Judee.

– Por que Judee? – ele perguntou.

– Porque vou traí-lo, como Judas.

Então nos sentamos enquanto eu escrevia este *e-mail*: > Meu querido Brad. Adoro esse nome, é tão forte. Nem acredito que isso afinal vai acontecer. Estou esperando há tanto tempo para conhecer você pessoalmente. Estou pronta para sábado e não vou precisar contar nenhuma mentira para os meus pais, porque eles vão levar meu irmão e minha irmã para ver As Pistas de Blue (existe um *show* ao vivo, acredita?) e vão ficar fora a tarde toda. Eu vou vestir um suéter vermelho e um cachecol listrado de vermelho e branco. Quando você vir o suéter vai entender porque eu o vesti só para você ;-) Nem vou conseguir dormir na noite de sexta. Já estou nervosa, no bom sentido. Quem sabe a gente pega um cinema à tarde? Ah, meu nome é Judee. Não pergunte, é só mais uma prova de que meus pais são super estranhos. AMO VC! Por favor, não me faça esperar muito! Eu vou estar lá esperando, e você vai me conhecer quando me vir. Eu sei que é inacreditável, mas não tenho um celular. Como eu já disse um milhão de vezes, meus pais são da idade média.

Até eu mesma enxergava a beleza da minha resposta. Talvez devame tornar escritora quando crescer. Isso ou mentirosa profissional. Eu sei inventar mentiras quando preciso, sem nem mesmo piscar. Ou talvez eu pudesse ser uma detetive e pegar os mentirosos. Acho que eu posso ter jeito para isso. O detetive Lucas leu o *e-mail* e disse que eu era brilhante. Segundo ele, dizer que meus pais estariam fora a tarde toda era um toque de gênio, que isso daria ao D_Mais uma falsa noção de segurança, fazendo com que baixasse a guarda e fosse menos cuidadoso, porque ele pensaria que não haveria ninguém me esperando em casa, que ninguém iria notar que sumi até a hora do jantar.

– E por que você sugeriu um filme? – perguntou ele.

– Ele já tinha sugerido. Além disso, nós não fizemos planos ainda, e isso parecia falso. Quero dizer, quem vai se encontrar com alguém pela primeira vez sem fazer planos de como passar a tarde?

– Bem pensado – disse ele.

– Obrigada. E agora? – perguntei.

– Agora vem a parte complicada. Precisamos conversar com seus pais...

– Sobre o quê?

– Sobre como eu imagino fazer essa emboscada – disse ele.

Eu não perguntei dos detalhes, mas quando cliquei “enviar” senti um arrepio na nuca. O detetive Lucas foi até meus pais e perguntou se podia conversar com eles na sala de estar – ele disse que tinha algo muito sério para discutir com todos nós juntos. Eles já tinham colocado Gus e Molly para dormir, então vieram e se sentaram no sofá ao meu lado. Nós olhamos para o detetive Lucas com expectativa nos rostos. Ele inspirou fundo, esperou a sala ficar em silêncio e explicou como queria que eu ajudasse pessoalmente a capturar o D_Mais, que participasse da operação policial. Ele nos contou que a operação envolvia me levar até o shopping onde D_Mais e eu combinamos nos encontrar e esperar pela aproximação dele. Assim que o D_Mais me chamar de Judee e começar a falar de Brad, a polícia saberá que ele é o cara certo e cairá em cima dele. Eles acreditam que o suspeito tentará encontrar uma desculpa para me levar até o carro dele, mas não vão deixar a coisa ir tão longe.

Eu não podia acreditar no que estava ouvindo, mas não tive coragem de dizer “não”. Quero dizer, de certa forma eu sabia que o detetive Lucas iria querer minha ajuda nesse momento, mas ele ainda não tinha falado nisso. Eu nunca pensei em realmente encarar o D_Mais. Tentei não deixar meu medo atrapalhar. Eu sabia que teria tempo para me preocupar com isso mais tarde, e que só precisava concordar para manter a coisa em andamento, para colocar o D_Mais atrás das grades para sempre.

Tinha certeza de que a mamãe ia surtar, mas não. Ela me surpreendeu completamente. Mamãe falou de forma tranquila e racional. Eu mal podia acreditar que aquela era minha mãe.

– Tenho que dizer que me sinto manipulada. Quando isso tudo começou, eu pensei que estávamos concordando em simplesmente deixar Max escrever alguns *e-mails*. Agora você quer que ela fique cara a cara com um *assassino*.

Não posso mudar o momento em que estamos desse processo, ou como chegamos até aqui, mas tenho que lhe dizer, não pensei que chegaríamos a isto – disse ela.

– Desculpe-me se a senhora se sente assim. Não planejei isso... E não quero que pense que estou tentando enganá-los. Mas é assim que as coisas se desenvolveram; foi aqui que a investigação nos trouxe e não queremos perder essa oportunidade – disse o detetive Lucas.

– Eu entendo a importância deste momento, dessa operação, como você diz. Mesmo. E eu amava Leah quase como se fosse minha filha, então quero ver esse marginal num lugar onde não possa machucar outras crianças. Mas como você pode me garantir que Maxine não correrá nenhum perigo? – perguntou ela.

– Ela vai ser grampeada e monitorada. Max estará rodeada por policiais à paisana. Ela nunca vai ficar longe de mim e planejamos ter seu marido por perto, também, como apoio extra. Eu nunca colocaria Max em perigo – disse o detetive Lucas.

– E por que a Maxine? Por que vocês não podem usar uma policial disfarçada para se passar por essa Judee?

– Nós só temos uma chance. Esse sujeito é profissional. Nós levamos nove meses para chegar perto dele, e não temos pistas sólidas sobre quem ele é.

Quero dizer, quem ele *realmente* é. Ele vai perceber de longe se usarmos uma policial disfarçada. Tenho certeza de que ele vai estar atento a qualquer coisa suspeita. Não aguento a ideia de vê-lo escapar. Precisamos que ele se aproxime de Max e se revele. Precisamos ouvi-lo usando os nomes certos para que tenhamos prova de que não é um engano. Mas não vamos deixar Max chegar muito perto; ela não vai correr qualquer risco de ser sequestrada ou ferida.

– Eu não sei... – disse minha mãe, desconfiada. Ela olhou para meu pai e perguntou – O que você acha?

Ele pegou a mão dela e a segurou por um instante antes de responder.

– Acho que é a coisa mais assustadora que poderíamos imaginar um

de nossos filhos fazendo. Mas sei que se eu fosse o pai da Leah iria querer que nós disséssemos “sim”.

– Mãe, por favor? Por favor, me deixe fazer isso pela Leah, por *mim* – eu disse, finalmente, com a voz tranquila.

Ela não disse “sim” nem “não”, mas concordou com a cabeça e começou a chorar. Então ela saiu da sala.

Eu deveria estar dormindo, mas é claro que é difícil parar de pensar em tudo isso. Até mesmo tentei as técnicas de respiração profunda que aprendi no outono com a terapeuta, mas nada parece dar certo. Nem mesmo escrever está me dando sono. Não dá para esperar que eu pare de pensar em como vamos pegar esse cara, em como vou ficar face a face com o assassino da Leah!

25 DE FEVEREIRO

Querido Diário, O detetive Lucas foi à cidade hoje para começar a trabalhar no funcionamento do plano e preparar sua equipe para sábado. Antes de sair de Port Hope, ele passou em casa para falar comigo. Ele disse que havia muitos detalhes para serem resolvidos e muitas coisas para serem providenciadas.

– Vamos ter tempo suficiente? – perguntei.

– Não se preocupe com isso. Já tenho tudo planejado. Fui treinado para preparar esse tipo de operação em pouco tempo. Adivinhe como vamos chamar essa operação?

– Vocês não dão nomes para essas coisas.

– Claro que damos!

– É só nos filmes que fazem isso.

– Estou falando a verdade. Sempre damos nomes às operações. Ajuda a manter todo mundo concentrado e os detalhes mais confidenciais. Adivinhe.

– Sei lá... Operação Leah?

Ele negou com a cabeça.

– Operação Predador da Internet?

– Não.

– Operação D_Mais?

– Errado de novo.

– Desisto, pode me falar.

– Nós a estamos chamando Operação Max.

– Sério?

– Palavra de escoteiro.

– Não deveria ser Operação Leah?

– Não. O nome é da pessoa que vai pegar o assassino, você.

– O que eu devo fazer enquanto isso? – perguntei.

– O mesmo que tem feito. Apenas escreva para ele falando de como vai ser bom o encontro no sábado. Vou manter contato pelo telefone e continuarei monitorando a conta do Hotmail. Você tem o número do meu celular, se precisar. Fique à vontade para me ligar. Estou disponível 24 horas por dia.

Então, pode me ligar, principalmente se começar a ficar nervosa, ou mesmo se apenas quiser conversar.

– Tudo bem.

– Promete?

– Prometo.

– Não quero que se preocupe com nada. Precisamos de você em boa forma no sábado. Você é a atriz principal, a jogadora mais importante, se é que me entende.

– Eu entendo, mas não podemos nos esquecer que tudo isso é por causa da Leah.

– Não se preocupe, não nos esquecemos da Leah. Mas ela tem sorte de ter uma amiga tão dedicada, disposta a se envolver. Você merece um pouco de reconhecimento.

Não consegui falar porque senti a garganta apertar e meus olhos se encheram de lágrimas. Acho que o detetive Lucas percebeu porque ele não me esperou responder. Ele continuou falando.

– Vou estar de volta na sexta-feira para discutir todos os detalhes com você e seus pais. Você terá muito tempo para fazer perguntas e decorar sua parte.

Então você vai precisar ir para cama cedo e dormir bem. No sábado pela manhã eu vou levar você e seus pais para a cidade.

– Tudo bem.

– Você vai se sair bem. Não consigo pensar em outra pessoa que conseguiria fazer tudo isso – disse. Dava para ver que ele estava feliz.

É difícil descrever como eu estou agora. Estou nervosa, claro. Mas

também aliviada por estar fazendo algo, por estar perto de pegar o assassino da Leah.

Estou assustada, triste e ansiosa. Mas a boa notícia é que estou sentindo alguma coisa de novo... Eu não tinha percebido até agora, mas estive anestesiada nos últimos meses, e é boa a sensação de ter novamente emoções dentro de mim.

26 DE FEVEREIRO

Querido Diário, Só mais três noites até o dia mais perigoso da minha vida. Não consigo acreditar que um ano atrás eu estava fazendo um curso de *babysitter* enquanto argumentava com a minha mãe sobre quando eu merecia ser paga por cuidar da Molly e do Gus e quando eu deveria fazer isso de graça. Tanta coisa mudou em um ano que eu nem sei mais quem sou. Nem a Leah me reconheceria.

Estou com dificuldade para me concentrar na escola, mas não pelo motivo de sempre. Não consigo parar de pensar no sábado e em como vai ser estar grampeada e ter toda aquela gente contando comigo. Eu fico imaginando quão nojento deve ser o D_Mais e como vai ser difícil me segurar para não sair correndo dele. Aposto que ele é nojento e fedido. E se ele tentar me tocar? Quero dizer, eu sei que a polícia não vai deixar que ele me machuque, mas não quero que se aproxime demais, ou então posso vomitar e estragar meu disfarce. Tenho que continuar me lembrando por que estou fazendo isso.

Tenho que continuar me lembrando que é pela Leah. Não posso decepcioná-

la, não desta vez. Esta é a minha chance de ajudar a pegar esse cara.

27 DE FEVEREIRO

Querido Diário, A Lexi me ligou esta noite perguntando se eu queria ir ao cinema no sábado.

Ela disse que o novo filme da Pixar vai estreiar e que comprou ingressos pela internet. Lexi sabe que eu adoro os filmes da Pixar e deve ser por isso que já comprou os ingressos. Todos estão dando o seu melhor para me incluir nos programas e me fazer sair de casa. O bom é que tenho sido uma verdadeira ermitã ultimamente, ou então ela teria desconfiado quando eu disse “não, obrigada”.

Não pude contar para ninguém da Operação Max, nem mesmo para a Molly. Tive que ir à escola e à terapeuta e tentar agir normalmente. Tenho encenado tanta coisa ultimamente que é difícil me lembrar o que é “normal”

– é difícil me lembrar de quem sou. No geral procuro me manter quieta para não dizer algo que eu não deva.

Mamãe acabou de colocar a Molly na cama, então pus meus fones de ouvido e estou de novo embaixo das cobertas. Agora estou ouvindo “*Stupid Girls*”, da P!nk, enquanto penso em Leah... Ela teria amado essa música. Ela odiava as meninas que fingiam ser burras só para serem populares. Imagino se Leah está vendo tudo isto. Será que ela está olhando aqui para baixo e torcendo por mim? Gosto de pensar que sim. Gosto de pensar que ela está vendo tudo o que estou fazendo para pegar esse cara e saiba, assim, como eu sinto sua falta. Eu gosto de pensar que ela vai me dar a coragem de que preciso. Preciso pensar assim ou vou amarelar.

28 DE FEVEREIRO

Querido Diário, Esta noite o detetive Lucas passou duas horas me treinando em como ficar à vontade, mas não muito à vontade, porque ele disse que o D_Mais vai me observar por um tempo antes de se aproximar, para ter certeza de que não estou ali para servir de isca. Ele disse que eu preciso parecer estar esperando alguém, mas sem aparentar nervosismo. Deveria ter feito Teatro como matéria optativa, ano passado. Ele está me passando muita confiança. E

também me mostrou uma planta do shopping, indicando onde os outros policiais vão estar posicionados. Ele me mostrou onde ele vai estar, na loja de CDs, e onde meu pai vai estar, na praça de alimentação. O detetive Lucas também mostrou um vídeo e algumas fotos do shopping, para que eu me sinta mais à vontade lá, no caso de o D_Mais fazer algo que nós não estejamos esperando e eu tenha que improvisar.

Depois que o D_Mais me abordar tenho que fazê-lo falar o suficiente para que consiga me explicar por que ele não é um garoto de dezesseis anos e por que eu tenho que sair do shopping com ele.

Não acredito que vou mesmo fazer isso. Eles vão me vestir para que eu pareça mais velha, porque o D_Mais acha que tenho quase quinze, não quase treze. Vou ter que usar um sutiã com enchimento e coisas assim. Vai ser meio constrangedor. Ainda bem que meu casaco estica o suficiente para acomodar todo o equipamento e meu peito falso. O legal é que eles têm uma policial feminina que trabalha com disfarces e vai me ajudar.

Eu sei que estou o mais preparada possível, mas ainda assim não consigo dormir – fico pensando em tudo que pode dar errado...

10 DE MARÇO

Querido Diário, Você não tem ideia de como estou nervosa. Estamos na estrada, chegando na cidade. Dá para ver os arranha-céus à distância e há doze faixas de trânsito indo e vindo. Vamos deixar a mamãe na tia Laurie e quando tudo estiver terminado ligaremos para dizer que estou bem. Eu fico um pouco mal que ela não possa estar lá, mas sei que ela me deixaria mais nervosa e isso não seria bom. O detetive Lucas disse que nós só temos uma chance. Ele esteve no

shopping posicionando câmeras e os outros policiais, que já estão em seus lugares neste momento, para o caso de o D_Mais chegar mais cedo.

Ninguém em Port Hope sabe o que está acontecendo. Nem mesmo a Sra.

Barnes, nossa vizinha, que ficou tomando conta de Molly e Gus... Ela acha que vou consultar um ortodontista especial a respeito do meu aparelho. Essa foi outra ideia minha, porque a Sra. Barnes está sempre perguntando do meu aparelho, qual é a sensação e quando vou tirar.

Estou comendo minhocas de goma (embora o dentista tenha me dito para não comer) para acalmar meu estômago. Sei que isso soa estranho, mas não consegui encarar o café da manhã, e a mamãe disse que eu não podia ficar de estômago vazio. Então pedi minhocas de goma e... mágica! Ganhei minhocas de goma. É muito bom ter algo doce para comer. Leah adorava minhocas de goma tanto quanto eu. Fizemos uma competição para ver quem conseguia colocar mais delas na boca. Éramos só nós duas e ficamos no quarto dela tentando não rir alto demais para não acordar seus pais, pois já passava da meia-noite. É claro que ela ganhou, mas sofreu por causa disso no dia seguinte, porque ficou com diarreia. Quem iria imaginar que comer minhocas de goma demais dá diarreia?

Nós acabamos de deixar a mamãe e ela fez o possível para não chorar. Ela perguntou mais uma vez por que a polícia não podia usar outra pessoa, alguém mais velho. O detetive Lucas foi muito paciente. Ele explicou que só eu tenho todas as informações na cabeça. Ele disse que se o D_Mais se sentar e começar uma conversa, só para ser cuidadoso, eu sou a única que conseguiria responder corretamente. Depois ele disse para ela, pela gazilhonésima vez, que eu vou estar em segurança, bem protegida e ela não precisa se preocupar. Então a tia Laurie a afastou para que ela não me deixasse nervosa.

O carro está bem sossegado agora. Papai não está falando muito e eu também não. Acho que estamos com tanto medo quanto a mamãe, mas não temos coragem de admitir... O detetive Lucas colocou Avril Lavigne para tocar e isso já está fazendo com que eu me sinta melhor. Eu ESTOU me sentindo a estrela do *show* e, para dizer a verdade, a sensação até que é boa.

O papai começou a estalar os dedos. Mamãe odeia quando ele faz isso.

O detetive Lucas disse que chegaríamos à delegacia de polícia em

alguns minutos. É lá que vou colocar meu disfarce. Depois iremos juntos ao shopping em uma van de vigilância. Estou achando que meu coração vai sair pela boca. Eu queria que tudo isso já tivesse terminado.

Estou com MUITO medo. Fiz xixi antes de sair de casa, mas estou com vontade de novo. Isso é pior que esperar o começo de uma corrida. Não sei se vou conseguir... Mas eu tenho. Preciso tentar aqueles exercícios de respiração profunda. Queria que minhas mãos não estivessem tão suadas. E

se o D_Mais quiser me dar a mão e perceber como eu estou nervosa? E se meu rosto ficar vermelho quando ele falar comigo? E se minha voz travar?

Ele pode olhar para mim e fugir, e assim perderemos a oportunidade de pegá-

lo. Ah, Deus. Preciso me controlar... Respire, Max, respire!

Ah, droga. Estamos parando no estacionamento da delegacia. Preciso ir agora. Deseje-me sorte. Isto é por você, Leah.

MAIS TARDE

Eu fico enjoada só de me lembrar do que aconteceu hoje. Nem sei se consigo escrever a respeito. Mas vou tentar enquanto as memórias são recentes.

Demorou quase uma hora para me colocarem os fios e equipamentos de vigilância, e também para me maquiarem e pentearem. Quando eu estava pronta, apai pareceu triste e disse “Ainda bem que deixamos sua mãe com a tia Laurie, porque se não ela iria arrastar você para casa. Você parece tão...

tão... tão adulta”. Então ele quis me abraçar, mas o policial disse que não, ara não estragar o equipamento.

Quando me olhei no espelho também não acreditei que era eu. Parecia que eu estava fantasiada para o Halloween. De certa forma era melhor estar tão diferente, porque assim eu não me sentia como Maxine Marie Lemay. Eu me senti sendo Avril Lavigne, Lindsay Lohan ou P!nk, ou

alguém muito mais velho. Acho que me senti a própria Judee.

Fui de carro com o detetive Lucas e meu pai até o estacionamento de serviço do shopping, onde tivemos que nos separar. Eu quase chorei... Estava muito nervosa e trêmula. Mas tirei tudo isso da cabeça e tentei entrar na personagem. O detetive Lucas e meu pai foram para seus lugares na praça de alimentação. Antes de sair, o detetive Lucas me prometeu que eu estaria rodeada de policiais, mesmo que não conseguisse reconhecê-los.

A policial feminina que colocou o equipamento em mim me levou até uma entrada de serviço, passamos pelos vestiários e então ela me disse exatamente aonde ir. Mas eu já sabia onde estava e para onde ia por causa de toda a preparação que tínhamos feito. Eu andei sozinha pelo shopping como devia fazer, e até parei para olhar umas pulseiras em uma joalheria, como tinha planejado. Vi que o funcionário era, na verdade, um policial disfarçado que eu conhecera antes, e isso fez me sentir mais segura. Então eu fui até a praça de alimentação e fiquei perto das árvores tentando parecer que tinha pelo menos quinze anos. Esperei e olhei em redor, despreocupadamente, por alguns minutos. Depois comecei a conferir o relógio para parecer que estava esperando alguém, mas não demais que parecesse suspeita.

Tentei não ser óbvia, mas pude ver meu pai a algumas mesas fingindo comer tacos e ler o jornal. Também vi o detetive Lucas, vestindo roupas normais, olhando CDs na entrada de uma loja de música, exatamente onde ele disse que estaria. Sempre que um adolescente se aproximava eu fingia estar pronta para encontrar o Brad, mas na verdade estudava o rosto dos homens e imaginava qual deles era o assassino, quem era o D_Mais.

Eu esperava há uns dez minutos quando um velho se aproximou. Ele tinha idade para ser pai do meu pai! Tinha cabelo grisalho e o rosto mais enrugado que eu já vira. Não dava para acreditar que aquela era a pessoa que tinha matado Leah. Ele não parecia ter força para matar uma mosca. Ainda assim, fiz meu papel de Judee quando ele falou.

– Com licença, querida. Você sabe onde fica a livraria? Já andei pelo shopping quatro vezes e não encontrei.

Senti o estômago apertar porque eu não fazia ideia de onde ficava a livraria. Não era algo que nós tínhamos estudado. Senti como se estivesse para falhar no maior teste da minha vida. Engoli em seco e abri a boca quando, de repente, soltei a mentira mais brilhante: – Para dizer a verdade, não costumo comprar livros. Mas o senhor pode

consultar o mapa ali na frenre – disse e aponte para um cartaz junto às portas de vidro.

– Ah, sim, vou consultar. Muito obrigado.

Ele saiu mancando e eu aguardei, horrorizada, imaginando se tudo estava acabado, se eu tinha comprometido a operação e se o D_Mais percebera nosso esquema. Mas vi os olhos do detetive Lucas através da vitrine da loja de música e ele sinalizou que estava tudo bem, que eu devia permanecer calma e esperar.

Então, não reparei quando ele se aproximou... De repente, ele estava do meu lado... Meu coração bateu tão forte quando ouvi sua voz que imaginei que ele tivesse escutado os batimentos. Mas ele deve ter achado que eu estava animada com o encontro. Ele não se parecia em nada com o desenho da polícia. Ele estava com um cavanhaque e usava um boné dos *New York Yankees* de trás para frente. Ele nem era esquisito – até que era bonito, para um cara mais velho. Eu não teria medo dele se não soubesse do que era capaz. Ele vestia calça jeans e jaqueta de couro, e parecia limpo. Até mesmo cheirava bem e dava para perceber que tinha feito a barba naquele dia.

Ele não demorou depois que olhei para ele.

– Judee? – disse ele.

– Sou eu.

– Você está esperando pelo Brad?

– Estou, ele é meu amigo.

– Brad é meu filho. Meu filho mais velho. Ele não pôde vir. Ele sofreu um acidente no treino de hóquei esta manhã. E ele ficou muito chateado por não poder vir encontrar você. Brad disse que não queria fazer você pensar que ele deu o cano.

– Ele está bem?

– Ele está no médico recebendo uns pontos. Nada muito sério. Ele disse que está com o celular, caso você queira falar com ele.

O detetive Lucas e eu tínhamos pensado em diferentes situações que o D_Mais poderia encenar para me atrair para fora, mas não essa. Mesmo assim, eu sabia que não importava a desculpa – ele queria me fazer ir embora com ele. Então eu me esforcei para ficar calma e

continuar no jogo.

– Eu não tenho celular... – disse, sabendo que já dissera isso para o “Brad”

por *e-mail*.

– Você pode usar o meu – ele disse colocando a mão no bolso da jaqueta. – Droga! Deixei no carro... Eu sempre faço isso. Venha comigo e aí você pode ligar para o Brad. O número dele está na memória. Eu nem me lembro mais de cabeça – então ele sorriu e eu pensei que ele devia ter sorrido do mesmo jeito para a Leah. Fiquei pensando em que desculpa ele teria dado para ela. O

cara era tão amigável, tão direto e tranquilo que não parecia ameaçador. Não me surpreendeu que Leah tivesse caído na sua conversa.

– Bem, se o senhor não se importa, seria bom – disse eu e o acompanhei.

Nós passamos juntos pelas portas de vidro, e ele nem parecia nervoso quando sorriu para mim de um jeito paterno, sem forçar a conversa. Eu mal conseguia fazer minhas pernas se moverem, mas tentei continuar no personagem. Tentei não pensar no que ele fez com a Leah e que ele foi a última pessoa a vê-la com vida. Eu sabia que ele estava caindo direitinho na nossa armadilha e minhas mãos ficaram muito suadas. Mas me concentrei em respirar e andar. Quando estávamos quase lá fora, foi minha vez de mentir...

– Espere! Deixei a bolsa no banco!

Nós nos viramos para olhar e lá estava ela, uma bolsa vermelha comprada naquela manhã e cheia de papel, como um objeto de cena em uma peça de teatro.

– Me dá um segundo. Já volto.

Eu sabia que ele tinha caído, ergui os olhos e sorri timidamente. Então corri para pegar a bolsa. Quando me virei para olhar, ele estava com a cara no chão, com dois policiais em cima dele e outros dez em volta apontando armas. Ele gritava, esperneava e exigia saber o que estava acontecendo. Seu rosto ficou vermelho e as veias do pescoço saltaram como se ele estivesse sufocando. Seus braços foram torcidos para trás como se estivessem quebrados, e cada vez que ele se debatia o policial apertava um joelho entre suas costas até ele ganir.

– Vocês pegaram o cara errado! – dizia ele sem parar. – Eu conheço aquela garota, ela é amiga do meu filho. Não fiz nada de errado. Soltem-me. Soltem-me!

Ele até gritou para mim: – Judee! Judee! Diga para eles que estão enganados. O Brad pediu para dizer que ama você!

Foi então que fraquejei e senti minhas pernas dobrarem, mas papai estava lá, com os braços ao meu redor, e ele e outro policial me afastaram dali o mais rápido que puderam. Eu quis olhar para trás, para que ele pudesse me ver, mas não foi possível. Eles me puxaram para fora antes que eu conseguisse. A essa altura uma multidão começava a se formar e os policiais diziam às pessoas que se afastassem.

O ar fresco me fez bem e eu o engoli como se fosse água. Meus olhos nadavam em lágrimas e eu tremia. Me apoiei na parede e escorreguei até o chão. Então eu senti as minhocas de goma voltando pela garganta. Papai passava as mãos nas minhas costas enquanto eu vomitava tudo na calçada. O

policial me estendeu lenços de papel e uma garrafa de água, que eu bebi para limpar o gosto ruim, mas até a água voltou e minha boca ficou amarga de novo. Tentei respirar, mas não conseguia... Eu arfei e arfei... Achei que meu estômago nunca iria parar de expulsar coisas.

Consegui, afinal, me levantar e andar. Fomos até o carro da polícia. Papai não largou de mim nem por um segundo. Ele colocou seu casaco sobre os meus ombros, para ajudar a me manter aquecida. Foi um alívio me sentar dentro do carro. Então perguntei se eu podia deitar... O policial me deu um casaco para usar como cobertor e papai se sentou de modo que eu pudesse usar sua perna como travesseiro.

– Você está bem? – perguntou o detetive Lucas assim que entrou no carro.

Eu não consegui falar, então só fiz que sim com a cabeça.

– Tem certeza? – ele se ajoelhou ao meu lado.

– Tenho... Só estou, tipo, muito cansada. Você entende?

Ele pegou minha mão e a apertou.

– Max – disse ele -, estou muito orgulhoso de você. Você foi ótima. Tão corajosa... Tem que ter orgulho de si mesma.

– Onde ele está? – perguntei.

– A caminho da delegacia. Ele está algemado e escoltado por dois policiais bem fortes. Vão segurá-lo até eu levar você de volta para casa.

Meus olhos se encheram de lágrimas outra vez, e eu não sabia por quê...

Elas vieram de surpresa, formando uma torrente, e não havia nada que eu pudesse fazer para segurá-las.

– Tem certeza de que você vai ficar bem? – perguntou ele com uma voz supergentil.

– Não sei... Estou feliz que tudo terminou e nós pegamos o cara, mas a Leah continua morta.

Ninguém disse nada por alguns minutos e eu me concentrei em respirar.

Fechei os olhos e enxerguei Leah em uma das minhas lembranças favoritas dela: o dia em que ela se escondeu no meu quarto para ser a primeira pessoa a me dizer Feliz Aniversário. Foi quando eu completei dez anos. Ela veio andando sobre a neve antes de irmos para a escola. E trazia um presente para mim. Seus olhos brilhavam e ela estava tão agitada que me fez abrir o pacote antes mesmo de eu me sentar. Era uma estatueta prateada de uma fada sentada sobre um cogumelo. Uma chave, escondida nas asas da fada, abria um compartimento secreto. A chave também era prateada, com três pedrinhas vermelhas incrustadas. Dentro havia uma carta que ela escrevera dizendo que eu era uma amiga especial, que sempre a fazia sorrir. Ela cobriu a carta com adesivos de carinhas sorridentes. Ela me fez prometer não contar para as outras amigas, para que não ficassem com ciúmes. Eu nunca contei... A fada prateada continua na prateleira do meu quarto. E ainda tenho a carta. E tenho usado a chave em uma corrente, no meu pescoço, desde o dia em que ela sumiu...

O detetive Lucas pigarreou e eu abri os olhos.

– Como está se sentindo? – perguntou ele.

– Como era de se esperar. Acho que vou sentir falta de ver você. Tenho visto você muito, ultimamente.

– Não se preocupe com isso. Você ainda vai me ver – disse ele.

- Você vai voltar a Port Hope?
- Com certeza – disse o detetive Lucas.
- Promete?
- Palavra de escoteiro.
- Você foi mesmo escoteiro? – perguntei.
- Não – ele respondeu e nós dois rimos um pouco.

Quando estava me sentindo melhor telefonei para minha mãe. E disse que estava bem. Um policial foi pegá-la para que nos encontrássemos na delegacia durante o depoimento. Quando minha mãe me viu ela correu pela sala e me abraçou tão forte que pensei que iria quebrar meus ossos. Era fácil perceber que eu tinha chorado, orque meu rímel estava borrado. Depois que viu meu rosto ela olhou feio para o papai e o detetive Lucas. Mas eu percebi que ela estava mais aliviada que brava, e depois que terminei de depor não demorou para que ela ficasse simplesmente orgulhosa de mim.

Não podemos falar do caso com ninguém até que o D_Mais seja julgado e condenado, porque o detetive Lucas disse que eles ainda têm que investigar mais, ir a julgamento e tudo o mais. Mas minha parte está feita e eu estou feliz. Agora estou de volta à minha casa, com Finn, que está sentando aos meus pés neste exato momento. Continuo me sentindo a estrela do filme porque papai e mamãe ficam perguntando se eu quero alguma coisa, ou se eles podem fazer algo por mim. Nem me preocupei em pedir, de novo, um quarto só para mim, lentes de contato ou para mantermos a internet.

Não quero me gabar, mas estou orgulhosa de mim mesma. Eu sei que o que fiz hoje foi, provavelmente, a coisa mais difícil de toda a minha vida, inclusive futura. E eu fiz tudo com perfeição. Não decepcionei ninguém. Não decepcionei o detetive Lucas, nem eu mesma, nem a Leah. Espero que os pais dela descubram o que fiz. Eu quero que eles saibam o quanto sinto falta dela, mas o que eu posso dizer que signifique algo para eles? Quero dizer, eles perderam a filha única. Mas, talvez, se descobrirem o que tive que fazer para pegar o assassino da Leah, eles entendam o quanto eu queria ajudar.

Mesmo que eu não a tenha trazido de volta, fiz algo de valor.

5 DE MARÇO

Querido Diário, Hoje o professor Conroy me entregou *O Livro de Leah*. É um livro de verdade, encadernado, com lombada e uma fotografia dela na capa; um retrato de Leah sorrindo, sem nenhuma preocupação no mundo, nenhuma ideia do que a aguarda. Minha poesia está na página dezoito, o que é uma coincidência, porque esse é o dia do meu aniversário. O livro está à venda nas grandes livrarias e pela internet. Os rendimentos irão para a organização *Asas de Leah*, criada para promover consciência quanto à segurança nas crianças de toda a América do Norte. O foco será segurança na internet.

Mamãe e papai ficaram muito orgulhosos de ver minha poesia no livro, e eu também. Minha mãe ficou com lágrimas nos olhos quando viu meu nome no índice e leu o poema. Ela teve que sair da mesa para que a Molly não a visse chorando. Meu nome está bem debaixo da poesia: Maxine Marie Lemay. Pela primeira vez esse me pareceu um bom nome.

6 DE MARÇO

Querido Diário, Hoje eu mostrei *O Livro de Leah* para minha terapeuta. Ela leu a quarta-capa, a respeito de como o livro arrecadava dinheiro para *Asas de Leah*. Depois de ler minha poesia ela disse que era ótima e que estava feliz por eu ter encontrado uma forma tão madura e produtiva de expressar meus sentimentos. Disse ainda que meu poema certamente tocava muitas pessoas e as fazia repensar a vida. Achei legal ser capaz de fazer as pessoas ver as coisas de modo diferente. Foi uma sensação boa, poderosa.

– Talvez eu devesse escrever mais – disse.

– Deve sim. Você parece ter talento para isso – disse ela.

– Foi o que o professor Conroy também me disse.

– Bem, pode ser que esse seja o seu caminho. Escrever. Ajudar as pessoas a encontrar um modo de lidar com o mundo a sua volta, mesmo que seja triste ou assustador.

– Vou tentar – eu disse.

Então falamos da *Asas de Leah* e de como a mãe dela estava tentando encontrar uma forma de lidar com sua raiva em vez de simplesmente

entregar os pontos. Sei que a terapeuta estava só querendo provar seu ponto de vista, o que era meio irritante de tão óbvio, mas em vez de ficar brava, eu sorri. Se ela soubesse que encontrei um modo de ajudar, de ajudar *de verdade*. Mas eu não podia contar, porque ainda não podia contar para ninguém que estava envolvida na captura, nem mesmo para Lexi ou Emma, nem para os pais da Leah.

19 DE MARÇO

Querido Diário, Feliz aniversário para mim! Finalmente tenho treze anos! Emma, Lexi, Kelsey e Amanda vieram para pizza e bolo, e nós dançamos na sala ao som do meu novo CD do 1D, que estava tão alto que deve ter feito as xícaras de chá da Sra. Barnes tremer. Todo mundo dançou, até mamãe e papai, Molly e Gus. Ganhei muitos presentes legais, mas meu favorito foi o CD da Avril Lavigne que o detetive Lucas me enviou, o que eu achei muito legal. O cartão estava assinado por todos os policiais de sua divisão.

Hoje finalmente apresentei o Finn para as garotas, e elas o adoraram tanto quanto eu o adoro. Emma disse que não acreditava que eu estava com ele há tanto tempo e não a tinha convidado para ver o câozinho. Eu disse que estava dando um tempo para que ele primeiro se acostumassem comigo. Agora ele é meu melhor amigo, e sinto que, se existe alguém que me entende, é o Finn.

Lexi falou que ele era o cachorro mais legal que ela já tinha visto, e que ele será sempre bem-vindo na casa dela. Então ela disse que era ótimo eu estar de volta, e entendi o que ela quis dizer, embora eu não tenha ido a lugar nenhum.

Pensei que aquele seria um aniversário horrível, mas não foi. Quero dizer, eu achava que não conseguiria curtir nem um minuto do meu dia sem a Leah.

Mas curti. A primeira coisa que fiz quando acordei foi pegar a fada que ela me deu de presente há três anos, abrir o compartimento secreto com a chave que está pendurada no meu pescoço e ler a carta. Eu não a lia há muito tempo, porque não conseguia olhar para ela. É estranho, mas parece que a Leah escreveu aquela carta para que eu a lesse especialmente hoje. O último parágrafo dizia: *Você é sempre uma boa amiga e isso é o que você tem de especial. Mesmo quando eu me comporto como uma pirralha mimada você gosta de mim. Eu sei que você faria qualquer coisa por mim e, no caso de eu não dizer isso o suficiente,*

obrigada por ser minha melhor amiga. Carinho para sempre, Leah.

22 DE MARÇO

Querido Diário, Hoje levei Finn para um longo passeio pela cidade, principalmente em lugares onde eu tinha certeza que não veria muita gente. Cruzei o bairro e fui até o *Lost Lake Park*, onde me sentei e fiquei olhando para a água. Ainda era cedo, então não vi muita gente nas ruas. Fiquei feliz por não ter que fingir que estava indo a algum lugar.

Fiquei surpresa de ver que a neve derreteu e o solo está visível. Eu nem tinha reparado na mudança do tempo, este ano. Na verdade, não vi as folhas mudarem de cor no outono, as flores do verão morrerem, o sol começar a se pôr mais cedo nem os gansos migrarem para o sul, grasnando ao sobrevoarem minha casa como sempre fazem no outono. Estive tão envolvida com tudo isso que perdi muita coisa; por exemplo, me esqueci de dizer que Molly fez seis anos em fevereiro. Ela ganhou um novo vestido de veludo da tia Laurie, uma Barbie com cachorrinho da vovó e uma caixa de joias que toca música quando a tampa é levantada do papai e da mamãe. Eu não comprei nada para ela, mas minha mãe comprou uma boneca Bratz, embrulhou em papel rosa brilhante e deu para ela dizendo que era presente meu e do Gus. Eu me senti culpada por não ter lembrado, mas ela está feliz, de qualquer modo. É

estranho porque tenho passado mais tempo em casa com a Molly e o Gus, mas mesmo assim parece que estou mais desconectada deles.

Havia um merganso no lago, algo raro de se ver. Eu o reconheci porque papai e eu vimos uma família deles deslizando pela água há alguns anos, e papai me disse o que eles eram. É um tipo estranho de pato, com penas que se projetam da parte de trás da cabeça, como se o bicho tivesse um penteado *punk*. Desta vez, contudo, só havia um. Ele nadava em círculos pequenos, como se estivesse à procura de alguma coisa. Às vezes, ele mergulhava na água e aparecia em um lugar totalmente diferente. Fiquei tentando adivinhar onde ele iria aparecer, mas não consegui acertar, pois o merganso sempre me surpreendia. Uma vez ele ficou tanto tempo embaixo da água que pensei que tinha acontecido algo de errado. Então ele apareceu bem perto da margem onde eu estava, o que me fez pular de susto. Ele deu uns gritos – um som estranho que ecoava pela água. Nada respondeu e ele gritou de novo. Aquele som me dava arrepios. O parque estava praticamente

vazio, porque era cedo e o dia estava frio e nublado. Estava tudo tão diferente do parque no verão retrasado, quando eu e Leah passamos o dia lá e fizemos um piquenique na balsa, ou em dezembro, quando todos fizeram a vigília à luz de velas. Hoje estávamos só eu, Finn e o merganso, e percebi que eu e o bicho éramos a mesma coisa, nadando sozinhos em círculos, chamando e esperando uma resposta que nunca vem.

23 DE MARÇO

Querido Diário, Não sei bem por quê, mas tenho me sentido menos atormentada desde que o D_Mais foi preso. Continuo sem dormir muito bem, mas sinto como se o vazio estivesse diminuindo, do mesmo jeito que o céu clareia lentamente quando o dia nasce e a gente sabe que o dia logo vai estar ensolarado. E sinto cada vez mais vontade de escrever aqui... Na verdade, às vezes, durante o dia, eu penso em algo para escrever e mal consigo esperar até chegar em casa.

Talvez a terapeuta esteja certa e escrever ajude. Você já está parecendo uma das minhas amigas.

24 DE MARÇO

Querido Diário, O detetive Lucas ligou hoje para dizer que o nome verdadeiro do D_Mais é Gabriel Basile. Ele tem um apartamento na cidade, não muito longe de onde mora a tia Laurie. Eles investigaram o computador dele e descobriram todos os *e-mails* escritos para mim, Leah e todas as outras garotas. Também foi encontrada uma agenda onde ele documentava todas as suas identidades.

Acho que é assim que ele mantinha o controle de suas mentiras. Ele era um desenvolvedor de *software freelance*, o que lhe permitia ter horários e hábitos estranhos, e também passar muito tempo sozinho no apartamento. Seus vizinhos disseram que ele era discreto e educado, e estão chocados por saber que ele sequestrou e matou uma garota. Dizem que ele não parecia ser desse tipo de gente. Mas é isso que as pessoas sempre dizem. Não dá para dizer como uma pessoa é só pela aparência ou pelo que ela escreve na internet.

A polícia examinou o apartamento e reuniu todas as evidências de que precisa para provar que Leah esteve lá. Fizeram testes forenses que, mesmo depois de todo esse tempo, mostraram traços de sangue e fios

de cabelo de Leah. O detetive Lucas disse que ele deve tê-la levado até lá depois de pegá-

la em Port Hope, ainda que ninguém no prédio tenha visto Leah chegar, sair ou gritar. Não se sabe quanto tempo ele a manteve lá antes de matá-la e levar seu corpo para a floresta. Mas os peritos criminais conseguiram ligar o DNA dele a mostras encontradas nos restos de Leah. O detetive Lucas disse que assim o caso está fechado, que o D_Mais nunca mais vai ser solto.

25 DE MARÇO

Querido Diário, Vi Gabriel Basile no noticiário desta noite. Ele estava sentado em um carro de polícia rodeado por repórteres e pessoas exaltadas que gritavam palavrões para ele, que usava um macacão azul e tinha as mãos algemadas às costas.

Ele nem parecia arrependido do que fez. Eu sei que vou ver a cara dele e ouvir o nome da Leah muito quando o julgamento começar, então preciso arrumar um modo de parar de imaginar o que ele fez com a Leah e quanto medo ela deve ter sentido, se ela implorou para que ele a soltasse, e se ela fazia ideia do que ia lhe acontecer. Ela teve que passar por essa provação uma vez e acabou. Não posso continuar me torturando revivendo isso todos os dias. Não posso deixar esses pensamentos rodando na minha cabeça pelo resto da minha vida ou vou sufocar.

12 DE ABRIL

Querido Diário, Desculpe-me por não escrever há tanto tempo, mas estive ocupada recuperando o tempo que passei fora do ar. Tenho uma professora particular que está me ajudando com as lições que perdi, e o professor Conroy deixou que eu refizesse as provas em que fui mal. Ele acha que eu tenho bastante tempo, se me dedicar, para passar de ano. Também estou tentando arrumar tempo para Lexi, Emma, Kelsey e Amanda, porque quando abri os olhos percebi, afinal, que elas também estão sofrendo tanto quanto eu, e que mais do que nunca precisamos umas das outras.

Estive deprimida de verdade no ano que passou. Se aprendi alguma coisa foi que depressão existe e é assustadora. É como ser uma pessoa diferente e sem controle. Mas sinto-me bem por estar de volta. Mamãe e papai parecem aliviados, como se eu fosse o merganso reaparecendo na superfície depois de muito tempo embaixo da água. Acho que os dois estão felizes porque tenho sido mais eu mesma ultimamente, mas acho que eles estão desconfiados, também, esperando que eu tenha uma recaída. Acho que eles não têm certeza de que a “Max feliz” vai durar. Mas vai. Eu estou bem. Não me esqueci da Leah, nunca vou me esquecer, mas como disse a terapeuta, também não posso me esquecer de mim mesma.

Esta noite reli várias anotações do começo do diário, de novembro e dezembro, quando comecei a escrever, e você vai ficar feliz por saber que decidi não queimá-lo. Não posso, você está cheio de Leah e de mim... E eu gosto muito de nós dois para desperdiçar esses pensamentos.

13 DE ABRIL

Querido Diário, Hoje eu estava brincando lá fora nas poças de água com o Gus e a Molly quando ela encontrou uma minhoca. Molly quis ficar com ela como animal de estimação, mas quando a levou para dentro nosso pai lhe disse que se não deixasse a minhoca no jardim ela morreria.

– Mas aí ela vai para o céu? – perguntou a Molly.

– Claro – disse papai. – No céu tem espaço suficiente para todo mundo e todas as coisas.

– Então depois eu posso ficar com o corpo dela?

Eu percebi que ela estava voltando com aquela história de não poder levar os ossos para o céu e que nós teríamos que ouvi-la recomeçar com tudo aquilo. Ela é bastante parecida comigo – não consegue deixar algo para lá depois que começou. Pelo menos ela parou de estar o tempo todo com a Georgia, sua amiga imaginária. Mamãe diz que Molly tem uma memória de elefante, o que imagino que significa que é uma memória boa. No fim ela concordou em devolver a minhoca para o jardim. Molly cantou uma musiquinha e disse que a veria outro dia.

Quando penso no ano que passou e na obsessão de Molly com a coisa de se despedaçar e sua amiga imaginária, percebo que eu não fui a única pessoa afetada pelo desaparecimento de Leah nesta casa. Deve ter sido duro também para Molly de repente não ver mais Leah, depois de vê-la em praticamente todos os dias de sua vida. Eu me lembro da primeira vez que Leah viu Molly.

Nós estávamos no primeiro ano e Leah mal conseguia esperar para ver o bebê. Quando Molly começou a dormir várias horas seguidas, minha mãe finalmente concordou em me deixar trazer Leah certa tarde. Ao contrário de mim, Leah adorava bebês. Ela achou o máximo segurar Molly no colo e examinar seus dedinhos, sentar com ela na cadeira de balanço até a pequena dormir. Eu me lembro de estar ente-diada e querer sair para brincar – eu não estava nem um pouco animada com a chegada de Molly e o fato de ela receber toda a atenção. Mas Leah a adorou e passou a maior parte da tarde rodeando mamãe e Molly. Quando depois me queixei da Molly para Leah, ela disse que gostaria de ter uma irmãzinha, que eu era a pessoa mais sortuda que ela conhecia. Leah nunca gostou de ser filha única. Ela teria gostado até

do Gus como irmão mais novo.

15 DE ABRIL

Querido Diário, O detetive Lucas acabou de ligar e foi muuuuito bom ouvir sua voz. Sinto falta de conversar com ele. Falamos da escola e de Emma, Lexi, Amanda e Kelsey durante um tempo, e depois ele perguntou como eu estava.

– Estou bem. Recuperei um monte de matéria atrasada. Já cheguei a janeiro. O professor Conroy disse que vou passar se continuar assim.

– Boa notícia!

– É... Seria muito ruim perder o ano todo. Quero estar na mesma classe das minhas amigas no ano que vem.

– Adivinha o que eu comprei hoje?

– Sei lá... Um pacote de minhocas de goma?

Ele riu.

– Não. *O Livro de Leah*. Eu li seu poema; é muito bom.

– Obrigada.

– Depois você autografa minha cópia?

– Claro!

– Eu nunca tive um livro autografado pelo escritor.

– Eu não sou uma escritora.

– Claro que é! Você tem todo tipo de talento oculto.

– É? Tipo o quê?

– Aposto que você seria uma boa palestrante...

– Eu?

– Você mesma. E já tenho até umas apresentações para você.

– Como assim? – fiquei um pouco desconfiada.

– Nós estamos organizando uma palestra especial para ser feita em

escolas e orientar os jovens sobre segurança na internet. A mãe da Leah está nos ajudando a conseguir a verba para sua região. Eu pensei que talvez você pudesse conversar com os jovens sobre sua experiência, sobre como é fácil ser enganado. Vão prestar mais atenção em você do que em algum adulto.

– Provavelmente sim.

– Então você topa?

– Acho que sim. Se meus pais concordarem.

– Converse com eles que eu ligo de novo amanhã. Ei, você está disponível para dar uma olhada comigo em alguns *sites* de crianças desaparecidas?

– Não sei... Por quê?

– Estamos precisando de alguém com boa atenção a detalhes e acho que você seria perfeita.

– Você quer que eu resolva outro caso para a polícia? – perguntei.

– Tipo isso. Se a sua mãe concordar...

Meu sorriso era tão grande que eu não consegui falar.

DICAS DE SEGURANÇA PARA A INTERNET

Segurança é uma preocupação real na internet, e criminosos na internet são um perigo real. Um estudo recente do Centro Nacional para Crianças Desaparecidas e Exploradas nos EUA descobriu que uma em cada cinco crianças foi abordada sexualmente na internet. Veja, a seguir, algumas dicas para usar a internet em segurança.

QUANDO VOCÊ ESTIVER *ONLINE*

Nunca responda questionários nem preencha formulários *online*. Não dê informações pessoais (como nome, idade, endereço, número de telefone, escola, cidade, senha, compromissos) sobre você ou qualquer outra pessoa. Se você der seu número de telefone para alguém na internet, essa pessoa pode facilmente encontrar seu endereço e um mapa até sua casa.

Nunca concorde em se encontrar pessoalmente com alguém que

conheceu na internet.

Nunca entre em um bate-papo sem a presença ou a supervisão de seus pais. Alguns “jovens” que frequentam esses bate-papos não são realmente jovens, mas adultos com má intenções. Lembre-se, as pessoas podem não ser quem elas dizem que são.

Nunca conte a alguém na internet onde você vai estar ou o que vai fazer.

Nunca responda *e-mails* de pessoas que conheceu na internet. Lembre-se: você não precisa responder todas as mensagens que recebe.

Nunca entre em um novo *site* ou serviço na internet sem primeiro pedir permissão a seus pais.

Nunca envie uma fotografia para alguém que você conheceu na internet.

Nunca compre ou peça produtos na internet nem dê informações de cartão de crédito.

Nunca responda a qualquer contato agressivo ou sugestivo, nem a qualquer comunicação que deixe você sem graça. Encerre o problema simplesmente se desconectando. Conte para seus pais o que aconteceu assim que possível.

Se você notar um colega agindo estranhamente ou sendo misterioso sobre o que está fazendo na internet, seja um bom amigo e avise um adulto em quem confie.

Sempre fale para alguém de algo perturbador que você tenha visto, com ou sem intenção. (Pais: é melhor, para a saúde mental de seus filhos, que eles possam discutir a exposição à pornografia do que deixar que isso se torne um segredo obscuro e envolvente.) **PARA OS PAIS**

Mantenha o computador na sala de estar ou em outra área aberta da sua casa e tenha conhecimento de quaisquer outros computadores que seus filhos possam estar usando.

Faça com que seus filhos usem mecanismos de busca apropriados a crianças quando estiverem fazendo lição de casa.

Crianças não devem completar o perfil de um provedor de serviço, e seus nomes de usuário não devem identificar sua idade nem seu sexo.

Consulte as opções de segurança que seu provedor de internet oferece.

Estas podem incluir monitoramento ou filtragem de *sites*.

Converse com seus filhos sobre os *sites* que eles visitam, com quem se comunicam e quem está na lista de amigos deles. Nenhum software consegue substituir um pai ou uma mãe atuante.

Se você suspeitar de exploração ou assédio sexual de crianças *online*, procure a polícia.

DICAS COMPILADAS COM AJUDA DE:

“Segurança *online*”, Oprah.com www.oprah.com/presents/2005/predator/safety/safety_online.html “Dicas de segurança”, The NetSmartz Workshop: Mantendo crianças e adolescentes em segurança na internet www.netsmartz.org/safety/safetytips.htm Este livro foi publicado em 2013 pela Companhia Editora Nacional.

Impresso pela IBEP Gráfica, São Paulo.



Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou

COMO EVITAR PREOCUPAÇÕES E COMEÇAR A VIVER

MAIS DE 15
MILHÕES DE
EXEMPLARES
VENDIDOS

38ª edição
atualizada

ESTE LIVRO PODE MODIFICAR
TODO O CURSO DE SUA VIDA

Atitudes mentais que lhe trarão autoconfiança e felicidade

DALE
CARNEGIE



Companhia
Editora Nacional

editora

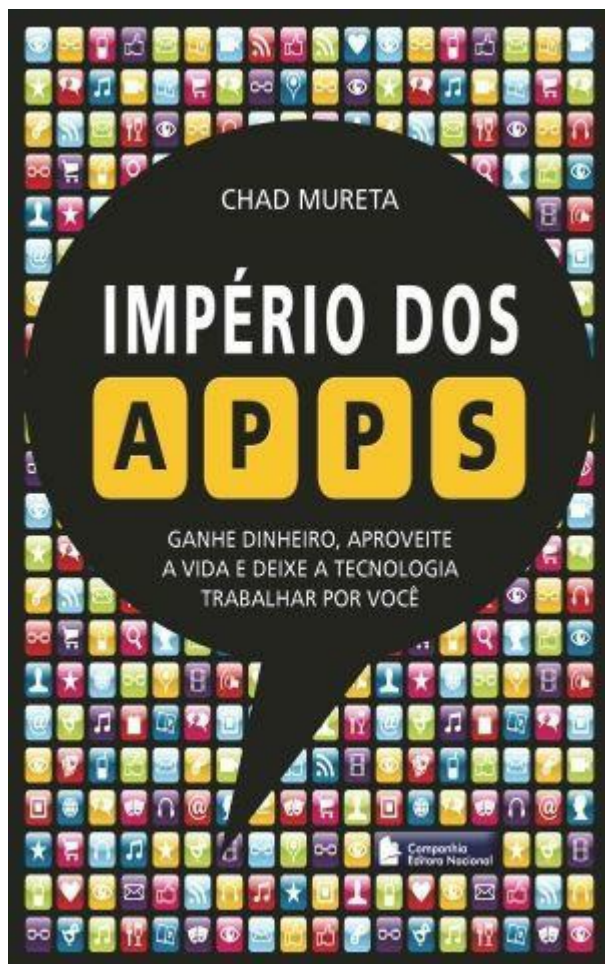
Como evitar preocupações e começar a viver Carnegie, Dale
9788504018752

319 páginas [Compre agora e leia](#)

Este livro pode mudar a sua vida! Por intermédio dos ensinamentos do autor best-seller Dale Carnegie, milhões de pessoas puderam mudar de vida superando as preocupações de uma vez por todas!

Esta edição inteiramente revista oferece um conjunto de fórmulas práticas que você pode colocar na sua rotina hoje e que vão ser úteis para toda vida!

[Compre agora e leia](#)



Império dos Apps Mureta, Chad 9788504018783

151 páginas [Compre agora e leia](#)

Império dos Apps vai lhe dar toda a orientação, desde a fase de listar ideias e escolher a melhor, a desenvolver rapidamente seu aplicativo e também a trabalhar o marketing para que seu app seja bem divulgado e baixado. Além disso, o livro inclui também diversas estratégias para aumentar o lucro e faturamento dos seus aplicativos.

Com exemplos práticos e fáceis de seguir, Império dos Apps vai mostrar a você como: | Começar a lucrar rapidamente.

| Obter uma vantagem competitiva sobre 99% dos desenvolvedores de apps.

| Escolher consistentemente as melhores ideias para aplicativos.

- | Conseguir visibilidade e obter milhares de downloads por dia.
- | Pesquisar e compreender o mercado de aplicativos para antecipar e aproveitar as oportunidades que surgem a toda hora.
- | Monetizar sua rede de aplicativos com várias fontes de faturamento.

Este é um livro indispensável para todos que desejam entrar - e lucrar alto - no crescente mercado de aplicativos, mesmo que não saibam programação nem tenham uma formação em tecnologia.

[Compre agora e leia](#)



As doceiras Pernambuco, Carla 9788504018608

317 páginas [Compre agora e leia](#)

A dupla criativa surge com novas e inspiradas receitas de sobremesas que se juntam às já favoritas do restaurante Carlota Um livro recheado

de delícias doces. As doceiras traz receitas clássicas como o pão-de-ló, bolo mármore, toucinho do céu, tarte tatin de maçã, crème brûlée, o famoso suflê de goiabada com calda de catupiry do restaurante Carlota, mas também faz a releitura, com muita criatividade, de receitas clássicas como crème brûlée de papaia, petit gâteau de doce de leite e tiramisù gelado de tapioca.

[Compre agora e leia](#)

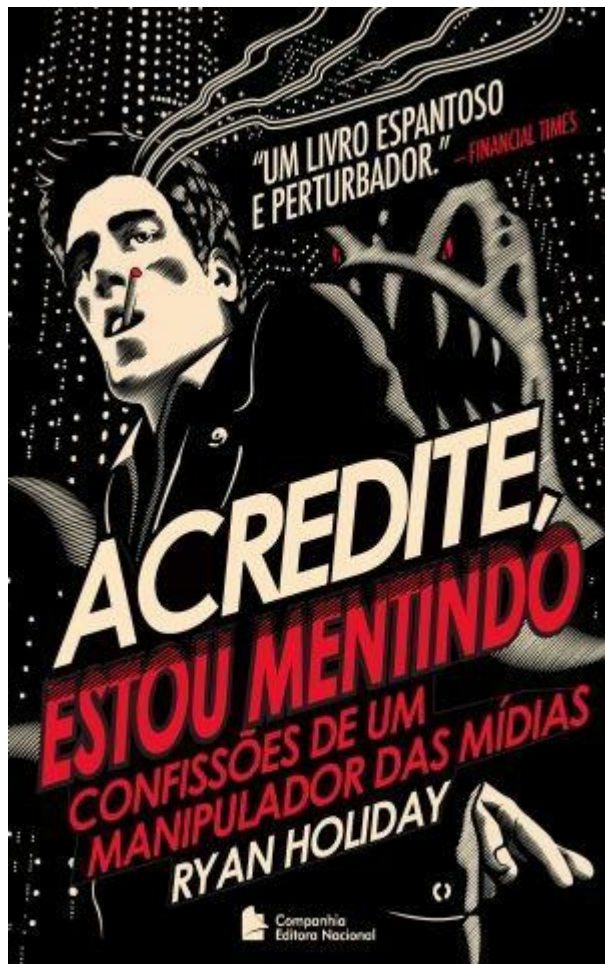


Dona Benta Companhia Editora Nacional 9788504019964

204 páginas [Compre agora e leia](#)

Neste livro Dona Benta ensina receitas fáceis e saborosas para o verão. Aperitivos, saladas, pratos ácidos, lanches, pratos quentes e leves, sobremesas refrescantes e muito mais...

[Compre agora e leia](#)



Acredite, estou mentindo Holiday, Ryan 9788504018844

259 páginas [Compre agora e leia](#)

VOCÊ NUNCA MAIS VAI LER AS NOTÍCIAS DA MESMA FORMA.

Acredite, Estou Mentindo, de Ryan Holiday, é um olhar sobre o lado obscuro da mídia e um guia de como explorá-la e evitar ser manipulado por ela. Descubra como funciona o jornalismo atual, cada vez mais focado em cliques e visualização de páginas do que com a autenticidade da informação. Sites de pouca credibilidade conseguem influenciar a pauta e os noticiários dos veículos maiores, criando um círculo vicioso que se autoalimenta de boatos e notícias insignificantes. Este livro mostra em detalhes como manipular o ciclo de notícias online, plantar uma história dentro de um grande site de notícias e como fazer essa história aparecer na TV, em rede nacional.

É relativamente fácil quando se conhece as regras do jogo.

[Compre agora e leia](#)

Document Outline

- Capa
- Página de Título
- Direitos Autorais
- Agradecimentos
- Dedicção
- 10 DE NOVENBRO
- 11 DE NOVENBRO
- 12 DE NOVENBRO
- 13 DE NOVENBRO
- 15 DE NOVENBRO
- 16 DE NOVENBRO
- 18 DE NOVENBRO
- 20 DE NOVENBRO
- 21 DE NOVENBRO
- 24 DE NOVENBRO
- 25 DE NOVENBRO
- 26 DE NOVENBRO
- 27 DE NOVENBRO
- 28 DE NOVENBRO
- 30 DE NOVENBRO
- 1 O DE DEZEMBRO
- 2 DE DEZEMBRO
- 3 DE DEZEMBRO
- 4 DE DEZEMBRO
- 6 DE DEZEMBRO
- 7 DE DEZEMBRO
- 8 DE DEZEMBRO
- 10 DE DEZEMBRO
- 12 DE DEZEMBRO
- 14 DE DEZEMBRO
- 16 DE DEZEMBRO
- 17 DE DEZEMBRO
- 18 DE DEZEMBRO
- 19 DE DEZEMBRO
- 20 DE DEZEMBRO
- 21 DE DEZEMBRO
- 22 DE DEZEMBRO
- 23 DE DEZEMBRO
- 24 DE DEZEMBRO
- 25 DE DEZEMBRO

- 28 DE DEZEMBRO
- 29 DE DEZEMBRO
- 1 O DE JANEIRO
- 5 DE JANEIRO
- 6 DE JANEIRO
- 7 DE JANEIRO
- 8 DE JANEIRO
- 9 DE JANEIRO
- 10 DE JANEIRO
- 12 DE JANEIRO
- 15 DE JANEIRO
- 17 DE JANEIRO
- 19 DE JANEIRO
- 20 DE JANEIRO
- 21 DE JANEIRO
- 22 DE JANEIRO
- 23 DE JANEIRO
- 24 DE JANEIRO
- 26 DE JANEIRO
- 28 DE JANEIRO
- 30 DE JANEIRO
- 4 DE FEVEREIRO
- 5 DE FEVEREIRO
- 6 DE FEVEREIRO
- 7 DE FEVEREIRO
- 9 DE FEVEREIRO
- 10 DE FEVEREIRO
- 11 DE FEVEREIRO
- 15 DE FEVEREIRO
- 16 DE FEVEREIRO
- 18 DE FEVEREIRO
- 23 DE FEVEREIRO
- 24 DE FEVEREIRO
- 25 DE FEVEREIRO
- 26 DE FEVEREIRO
- 27 DE FEVEREIRO
- 28 DE FEVEREIRO
- 1 O DE MARÇO
- 5 DE MARÇO
- 6 DE MARÇO
- 19 DE MARÇO
- 22 DE MARÇO
- 23 DE MARÇO
- 24 DE MARÇO

- 25 DE MARÇO
- 12 DE ABRIL
- 13 DE ABRIL
- 15 DE ABRIL